

SEM FILTRO

AS HISTÓRIAS DOS BASTIDORES
DA MINHA PRESIDÊNCIA

A portrait of Bruno de Carvalho, a man with dark hair and a beard, wearing a dark suit, white shirt, and a green patterned tie. He is standing in a dimly lit room with bookshelves in the background. His hands are clasped in front of him.

BRUNO DE
CARVALHO
COM LUÍS AGUILAR

CONTRAPONTO.

Enquanto Bruno de Carvalho esteve à frente do Sporting, o clube conquistou mais de 450 títulos nacionais e regionais e 7 títulos europeus, em 33 modalidades – 2018 foi mesmo o ano com mais títulos nacionais e europeus da história de um clube em Portugal. Promoveu a reativação de modalidades como o hóquei em patins, o voleibol ou o futebol feminino – todas elas vitoriosas. Com Bruno de Carvalho, o Sporting aumentou o seu ecletismo, passando de 35 para 55 modalidades, e teve a maior representação de sempre em Jogos Olímpicos. Conseguiu títulos em modalidades como o andebol, o atletismo, o bilhar, a canoagem, o futebol, o futebol de praia, o futsal, a ginástica, o goalball, o golfe, o hóquei em patins, o judo, o karaté, a natação, o padel, o pool, o râguebi, o remo, o ténis de mesa, o tiro com arco e o tiro à bala, os trampolins, o voleibol e até nos chamados eSports e no paintball. Apostou, a nível nacional e internacional, no desporto adaptado. No futebol, conseguiu as três maiores vendas de jogadores da história do clube e a maior venda de sempre de um jogador português por um clube nacional. Criou o congresso internacional «The Future of Football», encabeçou a luta pela verdade desportiva, propondo a regulamentação da atividade dos fundos e a implementação do VAR, bateu-se pelo reconhecimento de Peyroteo como maior goleador nacional e dos 22 títulos do Sporting. Levou a cabo a primeira fase da Cidade Sporting (3 novos campos, pavilhão e rotunda) e o muito desejado Pavilhão João Rocha. Abriu a Loja Verde da Baixa de Lisboa, unificou a curva sul, criou o Sócio Num Minuto e aumentou exponencialmente o número de sócios do clube. Conseguiu o melhor contrato de direitos desportivos da história. Teve sempre resultados financeiros positivos, tanto no clube, como na SAD e implementou a importante reestruturação financeira do Sporting.

Bruno de Carvalho (1972) é licenciado em Gestão de Empresas pelo Instituto Superior de Gestão e mestre em Gestão do Desporto – Gestão de Organizações Desportivas pela Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa. Tem, desde 2007, o Curso de Treinador de Futebol UEFA – Nível II, na Federação Portuguesa de Futebol. De 1994 a 2013 dedicou-se à gestão de empresas. Em 2009, fundou a Fundação de Solidariedade Social Aragão Pinto, da qual foi Presidente, e que tem como missão o apoio, desenvolvimento e integração social de crianças e jovens carenciados e deficientes. Entre 2008 e 2011, foi Vice-Presidente da Associação de Patinagem do Sporting. Foi Presidente do Sporting Clube de Portugal e da respetiva SAD de 2013 a 2018. É titular de 12 014 ações no capital social da Sporting Clube de Portugal – Futebol, SAD.

Luís Aguilar (1982) começou por estudar Antropologia, mas foi através do jornalismo que desenvolveu os seus primeiros trabalhos e o gosto pelos livros. É autor de mais de uma dezena de obras, entre as quais se destacam a biografia de Paulo Futre, *El Portugués* (parte I, 2011, e parte II, 2012), *Jogada Ilegal* (2013), *Mourinho Rockstar* (2014), *Aposta Suja* (2015), *FIFA Nostra* (2016) e este *Sem Filtro* (2019), publicado pela Contraponto. Ao longo do seu percurso, tem colaborado com diversos órgãos de comunicação social nacionais e internacionais. Atualmente, é comentador desportivo na TVI e TVI24 e colunista do Record, Sábado e Playboy.

Título: Sem Filtro – As Histórias dos Bastidores da Minha Presidência

1.ª edição em papel: fevereiro de 2019

Autor: Bruno de Carvalho com Luís Aguiar

Revisão: Luísa Pinho

Design da capa: Rui Rodrigues

Fotografia da capa: Mário Santos

© 2019, Bruno de Carvalho e Contraponto

[Todos os direitos para publicação desta obra reservados por Contraponto.]

Contraponto Editores é uma chancela de Bertrand Editora.

Contraponto.

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1

1500-499 Lisboa

contraponto@contrapontoeditores.pt

Tel. 217 626 000

ISBN: 978-989-666-225-7

INTRODUÇÃO

Está na hora de todos saberem o que se passou durante os cinco anos e meio em que fui presidente do Sporting Clube de Portugal. Este é um livro que revela muitos episódios inéditos sobre esse período da minha vida. Sem filtro.

Lembro aqueles que me acompanharam neste trajeto, mas também todos os outros que fizeram oposição interna e não descansaram enquanto não nos viram fora do clube. Esta é uma história sobre todos eles. E sobre jogadores. E sobre treinadores. Sobre os rivais e os bastidores, nada bonitos, do futebol português. E sobre os ataques à Academia. Uma história com muitas traições e deslealdades. Mas também com muito amor. O meu amor pelo Sporting.

Tudo começou em 1978, quando eu tinha apenas seis anos. O meu pai levou-me ao antigo Estádio José Alvalade e eu apaixonei-me pela primeira vez. Regresso muitas vezes a esse momento. Em todas elas, continuo a sentir o coração a bater acelerado. Volto a ter aquela alegria da criança que ainda vive dentro de mim. Foi ali, naquele momento, que descobri o meu sonho: ser presidente do Sporting. Os anos foram passando e preparei-me para alcançar esse objetivo. Vivi o clube de todas as formas: como adepto e sócio, no estádio e nos pavilhões.

Criei a Fundação Aragão Pinto, formei-me em gestão, fiz o mestrado em gestão de organizações desportivas e tirei o curso de treinador. Passos importantes no meu crescimento e no apurar do meu sentido de responsabilidade.

Em 2011, formei uma equipa e candidatei-me à presidência pela primeira vez. Com estranheza e muito pesar, não foi ali que pudemos dar o primeiro passo em direção àquela que seria a nossa missão: gerir com transparência e sucesso o clube e devolvê-lo aos sportinguistas.

Resilientes, não baixámos armas. Mas tivemos de esperar e assistir à pior situação financeira e desportiva na história do nosso clube.

Em 2013, recandidatámo-nos e iniciámos a nobre missão que os sócios nos confiaram. Durante a nossa liderança, fomos capazes de transformar o Sporting. Em 2018, quando nos afastaram, deixámos um clube muito mais forte do que aquele que encontrámos.

Revitalizámos o Sporting. Trabalhámos na sua recuperação económica, financeira e desportiva, pagando dívidas e salários em atraso, readquirindo passes de jogadores e devolvendo aos sportinguistas as modalidades que fazem parte do seu ADN. Construámos património, tornámos o clube mais eclético e aumentámos exponencialmente o número de associados.

Também lutámos sempre por um futebol português mais verdadeiro e transparente. Em todas as frentes: Liga Portuguesa de Futebol Profissional, Federação Portuguesa de Futebol, Assembleia da República, FIFA e UEFA.

Voltámos a recuperar o respeito internacional e devolvemos aos sócios e adeptos o orgulho em ser sportinguista.

Vibrámos todos juntos.

A obra que eu e a minha administração executámos, em conjunto com muitos sportinguistas que acreditaram em nós, foi tão vasta e estruturante que é impossível escondê-la ou escamoteá-la, por mais que alguns tentem fazê-lo.

Neste livro, porém, falo ao caro leitor em nome individual. Da minha experiência pessoal. Sem esconder nada sobre um período em que travei imensas batalhas e mexi com muitos interesses financeiros. Interesses perigosos.

Desde o início do meu mandato, percebi que existiam duas possibilidades: juntar-me a esses interesses, ou juntar-me aos sócios do Sporting. Escolhi os sócios. Escolhi a defesa intransigente do que era melhor para o clube.

Esses poderes, contudo, não iriam ficar de braços cruzados. Acredito que subestimei a capacidade de manipulação de alguma comunicação social e daqueles que a comandavam. Fui demasiado voluntarioso e pouco precavido. E houve quem se aproveitasse disso para transformar o meu sonho de criança num pesadelo de adulto. Um pesadelo que ainda não acabou.

Mas enquanto aguardamos pelo final dessa história, está na hora de lhe contar alguns dos momentos mais marcantes que vivi enquanto presidente do Sporting Clube de Portugal. Sem filtro. Sempre sem filtro.

Venha comigo.

1. «RENOVO OU VOU-ME EMBORA!»

A situação estava descontrolada. «Não tenho cabeça para fazer o jogo. Preciso de saber já se renovo ou então na segunda-feira vou-me embora.» Foi assim que Jorge Jesus se dirigiu a mim, em pleno estádio do Braga, cerca de 15 minutos antes do último jogo da época 2015/2016. Ainda podíamos ser campeões, caso vencêssemos o nosso desafio e o Benfica não ganhasse ao Nacional, mas o Jorge achou que aquele seria o momento certo para negociar a sua renovação, apesar de ainda ter mais uma época de contrato com um salário anual bruto de 5 milhões de euros. Fiquei estupefacto com aquela atitude e não o escondi: «Jorge, mas vamos falar nisso agora? O jogo está quase a começar.» «Pois, mas não estou com cabeça», insistia. «Têm de falar já com o meu agente. Preciso de receber um telefonema dele a dizer que está tudo bem. Ou então segunda-feira vou para outro lado porque tenho clubes interessados. O Porto diz que paga o valor para eu sair e vou-me embora.» Perguntei-lhe o que queria, mas ele continuava a responder num tom desesperado: «Não, eu não falo de valores. Isso é com o meu agente. Mas tenho de saber já.»

Saio dali a correr para o estacionamento, porque fiquei enervado com aquilo tudo e queria fumar um cigarro. É nesse momento que ligo a Costa Aguiar, o empresário do Jorge: «Então, mas o que é que ele quer?», perguntei. Do outro lado vem a resposta: «O homem não está bem. Quer 8 milhões, precisa de 8 milhões, têm de ser 8 milhões.» E não saía daquilo. Parecia um disco riscado a falar da verba que Jesus exigia. «Se não tiver os 8 milhões, ele vai-se embora, porque diz que tem outras ofertas.» «E tem mesmo?», voltei a questionar. «Não sei, não faço ideia, mas o homem já me ligou. E, olhe, está a ligar outra vez. Eu não sei, o presidente é que sabe, o presidente é que escolhe, mas ele está a insistir, a insistir. Olhe, presidente, faça o que achar melhor.»

Acabei por dizer que sim, porque o jogo estava quase a começar e porque o meu treinador me tinha dito que não tinha condições para orientar a equipa num jogo que podia ser decisivo. E foi aqui, com a possibilidade de sermos campeões, que me senti de mãos atadas com toda aquela chantagem. E, sinceramente, a época tinha corrido muito bem. Seria um desastre para o Sporting ficar sem ele naquela altura. Os sócios não iriam

perdoar-me.

Voltei a subir ao estádio, entrei no balneário e o Jorge já estava a fazer o abraço de equipa (ao qual também me juntei), mas completamente calmo, como se nada tivesse acontecido. Sem drama nenhum. Pela reação dele, percebi que o agente já lhe tinha ligado a dizer que eu aceitava as condições impostas daquela forma completamente inusitada.

Fizemos o jogo, ganhámos 4-0 ao Braga, não fomos campeões porque o Benfica também venceu e regressámos a Lisboa. É assim que se dá o início da renovação com Jorge Jesus. Através de uma atitude desesperada, a pouco tempo de começar um jogo que poderia ser decisivo. Também é bom lembrar que nesta altura eu não tinha qualquer contacto com Pinto da Costa, presidente do FC do Porto, de quem mais tarde fiquei amigo. Ou seja: não havia hipótese de confirmar se o que o Jorge dizia era verdade. E ele sabia disso. Sobretudo ali, naquele momento, a poucos minutos de se iniciar o jogo.

É importante salientar que até aqui não havia qualquer negociação para renovarmos. Nunca tinha ouvido falar nos valores que ele queria. Ao contrário do que li logo que anunciámos a renovação, não existiam até então conversas nesse sentido, muito menos há dois meses, como se disse. Nada! A certa altura, ele dá-me o toque, dizendo que tinha essa vontade, mas a época estava a decorrer e era um assunto que eu só queria abordar no final da temporada, se fosse mesmo necessário. A contratação do Jorge já tinha constituído um salto muito grande em matéria salarial se comparada com as dos nossos treinadores anteriores (Leonardo Jardim e Marco Silva). Foi como sair de valores da distrital para números da Liga dos Campeões. Por isso, as contas teriam de ser muito bem pensadas antes de uma eventual renovação.

Noutro momento, também com o campeonato a decorrer, sou abordado pelo ex-banqueiro José Maria Ricciardi, que parecia trazer um recado de Jorge Jesus. Melhor: trazia o recado e supostamente o dinheiro para a renovação. Eles eram muito amigos e almoçavam juntos várias vezes. Dessa vez, provavelmente depois de um dos referidos almoços, Ricciardi liga-me e diz: «Temos de renovar com o Jorge. É um grande treinador e não podemos perdê-lo para outro clube», disse. Ao que eu respondo: «Pois, isso é tudo muito bonito, mas renovar com ele custa muito dinheiro. Para isso precisava de 15 milhões. Você arranja-me os 15 milhões?» «Claro que arranjo 15 milhões», disse ele como se estivesse a falar de 15 euros. Aquilo era apenas conversa e eu precisava de uma garantia mais forte. «Pois, sabe, eu estou aqui há três anos e você, até hoje, deu zero ao Sporting. Acha que amanhã consegue passar em Alvalade e dizer isso à restante administração?» «Claro que passo lá. Vou, vou. Pode contar comigo.»

No dia seguinte disse o mesmo à frente de toda a gente. «Eu arranjo os 15 milhões.

Não se preocupem. Está feito.» É evidente que esse dinheiro nunca apareceu. Ainda falámos umas vezes e a conversa era sempre a mesma: «Então, Ricciardi, os 15 milhões?» «Eu arranjo, eu arranjo. De certeza absoluta. Eu arranjo.» Até hoje...

Aquilo foi tão ridículo que, a certa altura, o controller financeiro da SAD do Sporting tinha lá uma folha de cálculo em Excel com a previsão de entrada dos 15 milhões e eu disse-lhe: «Ouve lá, isso é para eu me rir. Só pode. Já se viu que o homem não vai arranjar 15 milhões. Nem 15 nem nada.»

Depois daquele episódio em Braga, avançámos para a renovação com o Jorge por mais três anos (até 2019), mas sem qualquer ajuda de Ricciardi ou de outros Ricciardis desta vida. Apenas com os nossos recursos, que eram fruto da gestão rigorosa que fizemos desde 2013, quando entrámos no Sporting. Os valores que ele exigiu para continuar representaram mais um esforço gigantesco da nossa parte, mas a primeira época tinha corrido bem, quase fomos campeões, e sentimos que aquele era o homem certo para nos dar o título. Não gostei daquela chantagem antes do jogo. Caiu-me mal. Causou-me umapéssima impressão. Nem sei se é muito comum no futebol. Pelo menos, nunca me tinha acontecido com nenhum outro treinador. E talvez fosse um sinal daquilo que o Jorge verdadeiramente era. Mas eu não quis deitar tudo abaixo logo ali, porque a equipa jogava bem, tinha bons resultados e até àquele momento a nossa relação tinha fluído naturalmente, de forma muito direta e cordial. Foi assim desde o primeiro momento, no verão anterior, quando o contratámos.

LIMPINHO, LIMPINHO E PALERMA

Jorge Jesus esteve seis anos no Benfica e tinha ganho os dois últimos campeonatos. No final da temporada 2014/15, estava em fim de contrato e começam a ouvir-se rumores de que não iria renovar. E Marco Silva também não ficava no Sporting. Isso já eu tinha decidido há muito tempo.

Sobre o Marco falarei depois, mas há um ponto que quero esclarecer de uma vez por todas: ao contrário do que muitos disseram e escreveram nessa altura, o contacto com Jorge Jesus tem lugar após a época desportiva estar terminada. Ou seja, já depois da final da Taça de Portugal em que derrotámos o Braga no Jamor e ganhámos o troféu com Marco Silva a treinador. Que isto fique bem claro. Com ou sem Jesus, não havia Marco. Essa decisão estava tomada e ele próprio sabia que não iria continuar.

Por outro lado, a possibilidade de contratar o Jorge aparece-nos através de Costa Aguiar, o tal empresário que trabalhava com ele. Um dia, ele liga-me e pergunta-me se o

Sporting estaria interessado no Jorge. Seria um investimento alto, mas pelo seu passado de conquistas poderia ser uma solução muito interessante. Eu disse que sim e combinámos reunir no dia seguinte à hora de jantar. O encontro decorreu na casa de uma ex-cunhada minha, ali para os lados do Estoril. Curiosamente, ela é benfiquista e acabou por ser na casa dela que o treinador do clube que ela apoia começou a mudar-se para o Sporting.

O empresário levou Jorge Jesus... e muito marisco. Tínhamos de falar, tínhamos de comer. Para ser franco, não sou muito fã de fazer negócios à mesa, mas daquela vez calhou ser assim. E logo para começar havia um ponto que eu precisava de esclarecer. Ainda não me tinha esquecido de umas palavras do Jorge, na época 2012/13, quando era treinador do Benfica. Fomos jogar à Luz para o campeonato e perdemos 2-0 num jogo com uma arbitragem horrível. No final, ele disse aquela famosa frase em que se referiu ao triunfo da sua equipa como «limpinho, limpinho». Aquilo tinha-me ficado atravessado. Fui direto ao assunto. Em resposta, ele lembrou-me que, mais tarde, noutro momento, eu lhe tinha chamado palerma. Era verdade. E depois completou: «Sendo assim, está 1 a 1 e por isso não há qualquer problema. Ficamos empatados e começamos do zero.» Achei piada ao argumento e essa parte ficou resolvida.

Enquanto jantávamos, a minha cunhada tinha-nos feito o favor de sair de casa e de ir passear com os miúdos, para nos deixar à vontade. Não demorou muito para estarmos em sintonia sobre aquilo que ambos queríamos para o Sporting. A determinada altura, fiz-lhe uma pergunta sobre o gesto técnico. Passo a explicar. Na época de Marco Silva, eram visíveis as dificuldades de cruzamento dos jogadores do Sporting. Muitas jogadas de perigo perdiam-se por causa disso. Certo dia, estava a ver um treino nosso e assisti a um exercício de centros para a área. A dada altura, percebi que, realmente, tal como dizem os entendidos, aquilo que acontece nos treinos é o espelho do que se vai passar nos jogos. Os jogadores andavam ali há 20 minutos e não saía um cruzamento bem feito. Iam todos para fora. Chamo Marco Silva e faço-lhe uma pergunta: «Eu sou um curioso destas coisas e só gostava de saber o intuito deste exercício, uma vez que não há nenhuma bola que entre. Existe a possibilidade de cruzamentos ao primeiro poste, ao segundo, à entrada da área, mas aqui não vejo nada disso e não consigo perceber muito bem o que é que se passa. Não seria melhor dizer-lhes como e para onde devem centrar e depois fazer o exercício?» A isto, Marco Silva responde que não está ali «para ensinar o gesto técnico aos jogadores». «Não são crianças, são profissionais. Não ensino o gesto técnico, só ensino o técnico-tático.» Nesse momento, chamo Nélon, o nosso treinador de guarda-redes.

«Nélon, estás despedido do Sporting.» Ele ficou muito atarantado.

«Mas o que é que eu fiz, presidente?»

«Olha, andas a enganar o Sporting há uma série de anos, porque o Rui Patrício é um homem feito e tu ainda queres ensinar-lhe como agarrar a bola, como defender, como se deve sair. Desculpa lá, mas não tens de ensinar isso. Quando muito, explicas apenas o técnico-tático.»

O Nélon ficou a olhar para mim sem saber o que dizer e eu tranquilizei-o, dizendo-lhe que estava a brincar com ele. O Marco, por seu lado, fez uma cara de chateado, mas aquilo passou.

No dia seguinte, repete-se o exercício e repetem-se os problemas. Perante aquilo, chamo o João Pedro Sousa, treinador adjunto do Marco, e faço-lhe novamente a pergunta. Ele diz-me para eu confiar na equipa técnica. E lá continuaram os cruzamentos para fora.

Voltemos ao jantar com Jorge Jesus. A dada altura, pergunto-lhe o que era para ele, enquanto treinador, o gesto técnico. Reparei que ele começou por nem perceber muito bem o que eu queria dizer, mas depois respondeu: «O gesto técnico, para mim? É tudo. A partir do gesto técnico posso evoluir para tudo o resto.» Nesse momento, levanto-me, dou-lhe um abraço e digo-lhe: «Você é o meu treinador.»

«Confesso que fiquei realmente contente por ter ali um técnico campeão com aquele pensamento depois da experiência com o seu antecessor a dizer-me que o gesto técnico não tinha interesse nenhum naquele contexto, porque os jogadores eram graúdos.

Depois disso, comecei a falar com o Jorge sobre as linhas principais do nosso projeto: um Sporting que aposta na formação, que quer dar o salto para ser campeão, que quer chegar longe na Europa, que precisa de ir à Liga dos Campeões, entre outros assuntos. Quando cheguei à parte das verbas, o Jorge interrompeu: «Isso não é comigo, é com ele», apontando para o empresário. Ficou combinado que eu falaria com Costa Aguiar no dia seguinte e que, caso chegássemos a acordo, a parte desportiva estava falada e mais do que entendida. Nesse primeiro contrato, o Jorge iria ter um salário anual bruto de 5 milhões de euros por época e um contrato válido por dois anos. Negócio fechado!

Em resumo: este é um processo de três dias. No primeiro fez-se o contacto telefónico, no segundo houve o jantar e no terceiro fechámos as condições financeiras com o agente. Tudo muito rápido. Mas foram também três dias de loucura. Na noite do jantar, cheguei a assistir a telefonemas de vários clubes que lhe ligavam a fazer ofertas. Talvez nem todos fossem verdadeiros, mas o Jorge dizia-me que Luís Filipe Vieira, presidente do clube de onde tinha saído, apresentava-lhe valores para ele continuar, coisa que não aconteceu porque já nos tinha dado a sua palavra e garantiu-nos que não iria voltar atrás.

A verdade é que quando se começou a falar de que Jorge Jesus poderia ir para o Sporting, os comentadores desportivos riram-se. Era uma piada, diziam, porque em Alvalade não havia poços de petróleo, ou minas de ouro. E depois acabaram-se as gargalhadas. Enquanto algumas pessoas se riam, nós fizemos tudo.

O GRANDE «SEGREDO» DO BENFICA

Por essa altura também se disse que o Benfica, através de Jorge Mendes, queria colocá-lo no estrangeiro (creio que seria no futebol turco) com a promessa de que, um ano depois, ele iria parar a uma grande equipa europeia. Uma das big five, como o Jorge Jesus lhes costuma chamar. As tais que lutam pela Liga dos Campeões. Mas a verdade é que ele sentiu-se empurrado para fora do Benfica. E, mais tarde, em várias conversas que tivemos, confessou-me isso mesmo. Sentiu essa pressão de quase ser obrigado a sair para o estrangeiro, quando, na verdade, queria ficar em Portugal.

O Benfica também chegou a acusá-lo de já estar a trabalhar com o Sporting antes do final do seu contrato na Luz. Esse contrato terminava a 30 de junho de 2015. Além disso, disseram que ele tinha roubado material informático e segredos do Benfica para dar ao Sporting. Não é verdade. Nenhuma das duas acusações é verdadeira. Ele chega a visitar a Academia já depois de termos assinado o contrato, mas apenas para ver as instalações. E também nunca vi nada que viesse de qualquer clube e que fosse um segredo. Se tinha alguma coisa, nunca nos mostrou. Apenas falou na vontade de comprar um programa de edição de imagens para facilitar o trabalho nos setores de scouting e de observação das equipas adversárias.

Só se fosse esse o grande segredo do qual o Benfica falava, mas a verdade é que esse segredo era bem caro porque tivemos de comprar o programa. Não nos trouxe nenhum software. Acredito que possa ter tentado contratar algum jogador que já tivesse observado quando era treinador do Benfica, mas isso é normal, porque estamos a falar de duas equipas e de dois clubes que lutam pelos mesmos objetivos. E se algum jogador era possível para o Benfica, também não seria impossível para o Sporting. Tirando isso, nada mais. Enquanto eles inventavam tudo e mais alguma coisa para desestabilizar o Jorge e o Sporting, nós só estávamos preocupados em preparar a época e proporcionar uma grande apresentação ao nosso novo treinador.

O Jorge queria saber tudo. Todos os detalhes. Quais as bancadas que iriam estar abertas, quem subiria ao relvado, quem iria estar no relvado, quem falaria primeiro, quem falaria depois, como falaria, quando falaria, onde falaria. Assim estava ele antes da sua apresentação como treinador do Sporting Clube de Portugal. Nervoso. Muito nervoso. Mas satisfeito. E obcecado em ter a certeza de que ninguém iria roubar-lhe um pinga de protagonismo. Era «eu, eu e eu». Sempre a querer fazer um trabalho para o qual tínhamos mais de cem pessoas e a tentar meter-se em todos os assuntos. Mas também via nele muito entusiasmo e por isso lá ia tendo paciência para responder ao que perguntava.

«Claro, Jorge.»

«Vai ser assim, Jorge.»

«Será assim, Jorge.»

De vez em quando tinha de pôr-lhe um travão, mas percebi que aquela insistência fazia parte do seu feitio e não levei a mal. Naquela altura, pelo menos. Até que chegou o dia...

Deitei-me às cinco da manhã e acordei por volta das oito. Aquelas três horinhas de sono que, por norma, eram o tempo que eu dormia enquanto fui presidente do Sporting. Quando o despertador tocou, já estava de olhos abertos e pronto para trabalhar.

Era uma data especial para mim e para todos os sportinguistas. Decidimos apresentar o Jorge a 1 de julho de 2015, dia em que nosso clube celebrava 109 anos de existência. O meu entusiasmo não era motivado apenas por se iniciar ali um ciclo com um treinador no qual depositava muitas esperanças, mas também por ver esse otimismo e essa alegria estampada no rosto dos sócios e adeptos do Sporting. Muitos deles andavam a viver um sonho desde que souberam quem iria ser o novo técnico. Acreditavam que aquele era o homem certo para fazer do Sporting campeão.

A apresentação decorreu por volta das 18h30. Estavam cerca de 10 mil sportinguistas no Estádio José Alvalade. Um ambiente de grande euforia. Subi ao relvado, agarrei no microfone e discursi brevemente. Algo muito difícil para mim noutras alturas. Mesmo muito difícil. Mas naquele momento consegui. «Hoje é o dia do nosso aniversário e devemos sentir orgulho por alguém se ter lembrado de criar o Sporting há 109 anos. Obrigado a todos e parabéns.» E pronto. Calei-me. Estava dito o essencial e não queria tirar palco ao nosso novo treinador. Mais ainda sabendo que, para ele, isso seria tão importante.

Depois, o Jorge entrou. O sócio número 3289 do Sporting. Era um regresso a casa de alguém que tinha representado o nosso clube enquanto jogador. Um sportinguista. Tal como Virgolino, o pai dele, que também vestiu a nossa camisola entre 1943 e 1946 e

jogou com os Cinco Violinos (Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano).

Preparámos um vídeo, que passou nos ecrãs de Alvalade, com imagens dele e do pai quando jogavam no Sporting. O Jorge emocionou-se. Olhei para ele e percebi que estava a soprar e a respirar fundo para não deixar que as lágrimas lhe escorressem pela cara. Ele tinha prometido ao pai que um dia iria treinar o Sporting. E essa foi também a forma que encontrámos para simbolizar a realização desse desejo. O vídeo deixou-o bastante empolgado e eu também fiquei emocionado, mas por ver toda aquela alegria nos rostos dos sportinguistas que ali estavam. Depois, ele começou a discursar e teve aquela tirada: «Está na hora de assumirmos que queremos ser candidatos a todos os títulos que o Sporting disputar em Portugal. A partir de hoje, não há dois candidatos em Portugal, mas três candidatos.» Para mim sempre houve. Sempre pensei assim. E por isso é que fui buscá-lo. Precisávamos de um treinador campeão, habituado a ganhar e que trouxesse essa cultura de vitórias e de exigência para o nosso futebol profissional.

E o certo é que a promessa começou logo a ser cumprida a 9 de agosto do mesmo ano, no nosso primeiro jogo oficial, quando ganhámos a Supertaça ao Benfica no Estádio do Algarve. Não poderia ser melhor. Um título, contra o nosso rival e com o treinador que lhes tínhamos «roubado», como escreveram nessa altura. Primeiro: não roubámos nada, porque eles, numa primeira fase, não queriam renovar o contrato do Jorge Jesus e só mostraram esse interesse mais tarde (mas nessa altura já era... tarde). Segundo: não o contratámos para desferir um golpe ao rival, mas sim por entendermos que era o homem certo para o nosso projeto e para nos levar a conquistar títulos. E tudo parecia bem encaminhado. Era um início muito diferente daquele que vivi com Marco Silva no ano anterior.

2. «QUE MENINOS»

Quis despedir Marco Silva ainda na pré-temporada. Foi uma desilusão total. Chegou ao ponto de estar a ver os nossos jogadores à pancada sem fazer nada. Chegou ao ponto de deixar um jogador de fora porque este não queria mudar para o seu agente. Chegou ao ponto de não convocar outro jogador porque a Doyen e o mesmo agente queriam que esse atleta não jogasse. Chegou a todos os pontos. Passou todos os limites. Algumas situações eram surreais.

Um desses episódios teve lugar no terreno do Boavista após um jogo em que ganhámos 3-1. Ia a passar na zona dos túneis quando ouvi uma grande confusão vinda do nosso balneário. Espreitei para tentar perceber o que estava a acontecer e vi os nossos jogadores aos empurrões. Muitos gritos, muitos nervos, alguns bastante descontrolados e com gestos violentos. Nem dava para perceber o motivo de tudo aquilo. Ainda pensei em intervir, mas não podia. O balneário é do treinador e não tinha de ser o presidente a intrometer-se numa situação entre jogadores.

Nessa altura, o Marco estava a chegar da flash interview. «Mesmo a tempo», pensei. Pedi-lhe para ver o que se passava. E o que fez ele? Exatamente o mesmo que eu. Encostou-se à parede de entrada do balneário e ficou a espreitar. Olhava para os jogadores, olhava para mim. Voltava a olhar para os jogadores, voltava a olhar para mim. Até que me disse: «Inacreditável. Que meninos. Só sabem dar empurrões em vez de fazer alguma coisa a sério.» E foi-se embora. Dei por mim a pensar: «Isto não é possível. E este homem é o treinador do Sporting? Um homem que vê os seus jogadores numa cena destas e nada? Vai-se embora? Vira as costas?» Transmiti imediatamente ao nosso diretor desportivo, Augusto Inácio, o que se tinha passado. Ele partilhou da minha incredulidade com a atitude (ou falta dela) do Marco. Mas isto foi apenas um exemplo daquilo que eu tive de ir vivendo durante aquela época, sempre a ouvir os comentários mais absurdos sobre a minha pessoa. Porque eu era rude e o Marco um coitado que tinha de levar comigo.

Comecemos pelo princípio.

Estamos perto do final da temporada 2013/14 quando sei que o Leonardo Jardim está

prestes a sair para o Mónaco. Tentámos tudo para que ficasse, mas não podíamos acompanhar a oferta que lhe faziam. Foi ganhar cinco vezes mais do que auferia no Sporting e ainda recebemos 3 milhões de euros pela sua saída. Nunca antes o Sporting tinha conseguido transferir um treinador. Gostámos muito do trabalho dele. Com um plantel sem os mesmos recursos dos rivais, conseguiu ficar em segundo e garantir assim a entrada direta na Liga dos Campeões. Percebeu perfeitamente o projeto do Sporting naquela fase, com uma forte aposta na formação e valorização dos ativos do plantel. É costume dizer-se que não há amor como o primeiro. No futebol, e no meu caso, também foi assim. Nunca esquecerei as contratações de Leonardo Jardim e de Jefferson, primeiro treinador e primeiro jogador que contratei, respetivamente. Mas chega a um ponto a partir do qual temos de seguir em frente.

Sem a hipótese de manter o Leonardo, começámos a traçar o perfil de um treinador que pudesse continuar aquele projeto e a evolução do Sporting. Marco Silva foi a nossa primeira escolha. Um técnico jovem, com uma boa ideia de jogo e que tinha realizado um grande trabalho no Estoril. Terminaram o campeonato de 2013/14 em quarto lugar. Apenas atrás dos denominados três grandes. Um feito admirável. Na última jornada dessa época, foram a Alvalade e ganharam. Antes disso, também tinham derrotado o FC Porto em pleno Dragão. E, na temporada anterior, o Estoril foi um dos responsáveis por o Benfica não ter ganho o título depois de empatar na Luz a três jornadas do fim. Pelo trabalho desenvolvido, e pelos resultados alcançados, pensámos que o Marco era o homem certo para suceder a Leonardo Jardim.

Liguei a Carlos Gonçalves, o seu agente, e ele até brincou: «Presidente, quase que adivinho qual é o assunto de que quer falar.» «Então diga lá», respondi eu. «Do Marco Silva, não é?» «Pronto, acertou. Quando é que podemos reunir?» Ele disse-me que era quando quiséssemos e a partir daí fizemos uma série de reuniões na casa dele com Marco Silva. Nesses encontros debatemos até ao mais ínfimo pormenor aquilo que o Sporting queria, como a aposta nos jogadores formados no clube, conquista do campeonato e boas campanhas na Europa. Tudo ao pormenor. No fundo, uma continuidade do trabalho iniciado com o técnico anterior. Em todos esses contactos pareceu haver uma empatia muito grande. Posso dizer que fiquei com a ideia de que estávamos em perfeita sintonia.

Uma das razões para apostarmos em Marco Silva era o facto de ele ser muito jovem, tal como grande parte da nossa administração, e dessa forma podermos crescer todos juntos. Foi essa vontade de caminharmos lado a lado, rumo ao sucesso no Sporting, que nos levou a fazer-lhe um contrato fora do normal em futebol. Uma ligação de quatro anos. Em matéria de duração dos vínculos laborais, os treinadores são parecidos com os

jogadores. Quando entram no último ano, começam a ficar nervosos e a pensar mais no futuro do que no presente. Para evitar esse problema, ofereci-lhe um contrato de longa duração. Desse modo, sabia que, pelo menos durante três anos, podia estar calmo no que respeitava à renovação com o treinador. Foi um processo mais moroso do que com Jorge Jesus no ano seguinte. Nesse caso, já estamos a falar de um treinador experiente, ganhador, e cujo currículo dispensa tanta conversa. Com o Marco, foi tudo escalpelizado ao detalhe. Eu falei, ele falou. Eu ouvi, ele ouviu. E no final achámos por bem assinar esse contrato de quatro anos. Não demorei muito a descobrir que se tratou de um erro enorme.

ONDE ESTÃO OS JOGADORES DA FORMAÇÃO E UM ARGENTINO CHAMADO CARRIZO

Os nossos problemas começaram logo no dia em que o Inácio apareceu no meu gabinete, algo aflito, e me apresentou a lista dos jogadores que o Marco queria levar para o estágio de pré-época na Holanda. Olhei para o papel e perguntei-lhe onde estavam os jogadores da formação porque não os via em lado nenhum. Inácio disse-me que o treinador não queria levar mais jogadores. Fiquei logo incomodado porque uma das coisas de que tinha falado com o Marco, durante horas a fio, tinha sido da aposta na formação.

Como nada daquilo era o combinado, sugeri que seis jogadores formados no clube fossem acrescentados ao lote criado pelo Marco. Ele não teve qualquer reação. Podia ter vindo falar comigo e justificar porque os deixou de fora, mas nada. Em vez disso, já na Holanda, pôs os miúdos a treinar à parte. E a ideia era poder vê-los integrados no grupo. Isso, sim, seria uma oportunidade real para poderem mostrar o seu valor. A certa altura, esses jogadores vieram falar comigo dizendo que já tinham percebido não fazer parte dos planos do novo treinador. Sentiam-se proscritos pelo Marco. Excluídos. Alguns deles ainda participaram nos encontros particulares que realizámos, mas sempre a treinarem à parte. Logo aí comecei a perceber que todas aquelas horas passadas com o Marco, a falar da formação, tinham sido tempo perdido porque, afinal, não havia qualquer intenção da parte dele em dar espaço a esses jovens. Inicialmente, optei apenas por observar aquela situação e tirar as minhas conclusões. Até que chegou uma altura em que lhe perguntei se era bom, ou fazia sentido, ter jogadores a treinar à parte, não sublinhando que eram os da formação porque, caso houvesse algum problema dele com esses jogadores, não queria que as coisas se agravassem para os rapazes. Respondeu-me que tinha de ser

assim porque não conseguia dar treinos com um grupo tão grande. Mas os únicos que isolou eram os seis da formação que eu tinha incluído na lista. Custou-me estar a ver aquilo, não engoli a justificação, mas decidi esperar e dar-lhe tempo para ver o que iria fazer a partir dali. E foi nesse mesmo estágio na Holanda que tivemos o nosso primeiro embate por causa de outro assunto.

Um dia, o Marco vem ter comigo ao meu quarto de hotel e pede-me para não deixar sair nenhum dos jogadores nucleares do plantel, sobretudo Rui Patrício, Adrien e William. Achei interessante. Três jogadores que tinham sido formados no Sporting, tal como aqueles jovens que ele agora colocava de parte. Ou seja: Patrício, William e Adrien nunca teriam chegado ao nível que alcançaram se, anos antes, os seus treinadores pensassem da mesma forma.

Depois deste assunto, disse-me que precisava de contratar um 10 e um extremo. Expliquei-lhe que já tínhamos o João Mário para jogar a 10. Ele não recusou, mas disse-me que não podia lutar pelo título com jogadores sem experiência. «Pois, mas o 10 é o João Mário», respondi. «Tem aí um belíssimo jogador e uma das coisas de que nós falámos foi da potenciação de atletas formados no clube.»

O João estava apenas com 21 anos, mas tinha terminado uma época de empréstimo ao Vitória de Setúbal, onde foi um dos melhores elementos, e por isso já sabia o que era atuar no primeiro escalão. Era um jogador com potencial para estar no Sporting, como mais tarde se verificou. «Quanto ao extremo, vamos ver», disse-lhe.

Passado pouco tempo dessa conversa, consegui trazer o Nani para o Sporting por empréstimo do Manchester United. Já o estava a negociar durante o estágio na Holanda, mas não disse nada ao Marco até ter tudo fechado. Seria uma prenda para o nosso novo treinador e, por certo, não ficaria chateado com a surpresa de lhe dar um jogador daquele nível.

Dessa forma, os dois problemas apresentados por ele estavam resolvidos. Com o João Mário, fizemos uma aposta na formação totalmente acertada, uma vez que, passadas duas épocas, já com Jorge Jesus, foi o jogador português mais caro de sempre a sair para o estrangeiro. E, mesmo nessa primeira época, com o Marco, acabou por estar muito bem, sendo utilizado em 45 jogos. Com o Nani, a situação do extremo ficava tratada através de um jogador muito superior às opções que o Marco tinha colocado em cima da mesa.

No entanto, o grande motivo de discórdia nessa primeira discussão foi o João Mário. O Marco considerava que ele poderia ser uma segunda ou terceira opção, mas nunca titular. E esse era mais um episódio de um jogador formado no Sporting que o nosso novo treinador queria vetar. Ironicamente, anos depois, saíram notícias de que o Marco,

quando treinava o Watford, teria tentado o empréstimo do João Mário junto do Inter. Mas naquela altura não pensava assim. Lembro-me de ele ter mencionado um argentino chamado Federico Carrizo, do Rosario Central, do qual eu nunca tinha ouvido falar. Vi uns vídeos dele no iScout, programa profissional para observar jogadores, e não me deixou grande impressão. O Marco dizia que o Carrizo podia jogar a 10 e a extremo. Mas eu sabia que o Nani, como extremo, e o João Mário, como 10, seriam sempre melhores soluções do que este argentino. Mesmo assim ele não parava de insistir. Carrizo isto, Carrizo aquilo. Sempre a mesma conversa. Mais tarde vim a saber que Carlos Gonçalves, agente do Marco, era também o representante para Portugal deste jogador. Coincidências...

AO SERVIÇO DA DOYEN?

A nossa relação azedou de vez quando fomos jogar o Troféu Teresa Herrera, na Corunha. O Manchester United estava a tentar contratar o Marcos Rojo, mas nós não queríamos fazer esse negócio. Era um dos melhores jogadores do plantel e precisávamos dele para lutar pelo título. O Rojo tinha chegado ao Sporting no verão de 2012, através da direção que nos antecedeu, e foi contratado com a ajuda da Doyen Sports Investments, fundo de investimentos que detinha 75 por cento dos direitos económicos do jogador. Devo salientar que sempre fui contra os fundos de atletas e essa acabou por ser uma das minhas grandes batalhas à frente do Sporting, que começou precisamente com os casos de Rojo e Labyad, outro jogador que tinha ido para Alvalade com investimento da Doyen. Mais tarde, congratulei-me com a decisão da FIFA em proibir a propriedade de futebolistas por terceiros.

Voltemos à Corunha.

E ao Marco.

E à forma como traiu os interesses do Sporting.

O diretor-geral da Doyen, Nélio Lucas, apareceu no hotel onde estávamos para nos forçar a vender o Rojo. Nem sequer falei com ele. Recusei-me. Fez muitos telefonemas, enviou muitas mensagens, mas era o que faltava alguém querer obrigar-nos a transferir um jogador sobre o qual tínhamos os direitos desportivos. De seguida, foi a vez de Carlos Gonçalves. O agente do Marco também representava o Rojo e começou a dizer-me que o jogador não deveria ser utilizado na Corunha, porque esta era uma oportunidade única para ele e para o Sporting, porque a água não passa por baixo da ponte duas vezes, entre outras expressões do mesmo género que utilizou.

O que aconteceu? Fui falar com o Marco: «Vamos começar o campeonato para a semana [contra a Académica], temos aqui este torneio importante para testar os nossos jogadores e você vai pôr os melhores, certo? E o Rojo é o melhor na posição dele, certo?» «Claro que sim. Claro que vai jogar», respondeu o Marco. Pensei que aquele assunto estava arrumado e que o nosso treinador não se deixaria influenciar por pressões exteriores ao Sporting.

No Teresa Herrera fizemos dois jogos. O primeiro contra o Gijón, em que o Rojo foi titular e saiu ao intervalo, e o segundo frente ao Nacional de Montevideo, em que o Marco nem o tirou do banco, numa altura em que aumentava o cerco da Doyen e do agente para o venderem ao United. E o nosso treinador cedeu. A partir daí não havia volta a dar entre mim e o Marco. Para mim aquilo foi uma prova de deslealdade.

Depois desse segundo jogo, ele andava a fugir e tive de ir ao seu quarto. Nesse momento, demonstrei-lhe todo o meu desagrado. Tivemos uma conversa muito séria e pouco simpática. Disse-lhe que não admitia que os funcionários do Sporting estivessem ao serviço de terceiros. Expliquei-lhe que, no Sporting, os empresários e os fundos não faziam a equipa. Tinha de ser o treinador. Tinha de ser ele. Com independência. Com coragem. Colocando o clube e a equipa acima do que os outros queriam. Também falei nas atitudes dele logo no início da pré-temporada, com o grupo de jogadores da formação que não quis levar para a Holanda e que mais tarde colocou a treinar à parte.

Na minha opinião, depois de tudo o que lhe disse, ele percebeu que nunca iria cumprir o contrato de quatro anos e deve ter ficado com dúvidas se chegava ao final da época. Foi o que senti ao analisar as suas expressões. A cara dele dizia tudo. Mas não falou, nem reclamou. O Marco é assim. No frente a frente, está sempre tudo bem. Só que depois é outra história. Os adeptos do Watford, clube que ele treinou antes de ir para o Everton, captaram bem essa sua forma de ser num jogo entre as duas equipas, que serviu de reencontro com o antigo treinador. Levaram cobras de borracha para a bancada e cartazes com o nome dele. Uma analogia feliz, sem dúvida, e que eu começara a compreender logo nos primeiros tempos que passei com ele no Sporting.

Após aquela discussão, a nossa relação ficou completamente minada. Acho que podemos cometer muitos erros na vida, mas há forma de os corrigir. Não queria ter levado os miúdos para a Holanda? OK, depois poderia ter emendado a mão, dando-lhes oportunidades sérias. Mas estar a tomar atitudes que iam de encontro às vontades do agente e da Doyen, chocando com os interesses do Sporting, era imperdoável. Mais: era uma traição. Uma traição ao Sporting e à direção que apostou nele com um contrato de longa duração e um projeto bem definido, com o qual ele sempre concordou, e que não respeitou desde o primeiro dia. A partir daí, ele percebeu que não havia volta a dar e

também não fez qualquer esforço para contornar a situação.

Com toda aquela situação do Rojo, fiquei sem nenhuma dúvida de que tinha errado em toda a linha ao contratar o Marco. Por isso, mal chegámos da Corunha, reuni com a restante administração, contei-lhes estes episódios, assumi a minha falha e disse que seria ainda pior se mantivéssemos o treinador. «Não é uma questão pessoal, mas sim uma questão profissional», disse. «Contratá-lo foi um erro. Ficar com ele é um erro ainda maior.» Propuseram-me deixar o Marco no cargo pelo menos até final da época. Compreendi e concordei, mas mantive a minha ideia. «Apesar de estar do vosso lado, continuo a dizer que estamos a errar.» «Então, mas queres despedi-lo?», perguntou um dos administradores. «Não, não vamos fazer isso. Sei que é errado deixá-lo ficar, mas é absolutamente vital permitir-lhe fazer uma época, para que os nossos adeptos não pensem que andamos a brincar ao futebol demitindo um treinador que acabámos de contratar para quatro anos.» Os sportinguistas não sabiam o que se tinha passado e por isso não iriam compreender. Ou seja: estávamos reféns, ainda que temporariamente, desse enorme erro chamado Marco Silva.

Começámos o campeonato a 16 de agosto no campo da Académica. Empatámos a uma bola. O Rojo não jogou, nem foi ao banco. Saiu para o Manchester United quatro dias depois. O Marco ficou. Até ao final da época. E o pesadelo ainda estava no início.

3. «ESTÁS A RIR-TE DE MIM?»

E, de repente, solta-se um gás. Alto e bom som. Com as câmaras apontadas, os microfones ligados e a sala cheia de jornalistas. Estava eu a apresentar o Jefferson como reforço do Sporting para a temporada 2013/14 quando se ouve aquele barulho. Sinceramente, o meu entusiasmo era tal que nem me apercebi. Afinal de contas, aquele era o primeiro jogador que contratava enquanto presidente do Sporting. Mas o momento, que teve tanto de embaraçoso como de hilariante, rapidamente se tornou viral em Portugal e no Brasil, país onde ele nasceu. Em suma, o Jefferson descuidou-se no dia em que foi apresentado no Sporting. Um daqueles acidentes que podem acontecer a qualquer um e que teve a sua piada. Certamente que ele jamais o esquecerá.

Começava aí a história do Jefferson de leão ao peito. De uma forma original. E que todos puderam ver e ouvir. Ao contrário do que aconteceu na época seguinte. Um episódio que quase ninguém sabe, sem qualquer graça, de extrema gravidade, e que voltou a ter Marco Silva no centro de todo o problema.

Um dia fui ter com ele, já com o campeonato a decorrer, e falei-lhe numa situação da qual acabara de ter conhecimento. «Temos aqui um problema. O empresário do Jefferson transmitiu-me que o Carlos Gonçalves ameaçou o jogador, dizendo-lhe que ou passava a ser representado por ele ou não voltava a ser titular do Sporting.» Calado, o Marco ficou a olhar para mim e eu continuei: «Para você se demarcar de tudo isto, aconselho-o a dizer ao seu agente que não faça qualquer acordo com o Jefferson. Que jamais, em tempo algum, feche com o Jefferson. Porque caso isso aconteça, Marco, acabou-se a confiança.»

Posso dizer que nessa altura já não havia qualquer confiança, mas fiquei à espera de ouvir a sua reação. «Não tenho nada a ver com o que o meu agente faz», respondeu. E voltei a alertá-lo: «Não nos devemos meter no trabalho dos agentes, Marco? Se isso nos afetar, claro que sim. E algo se está a passar que o afeta diretamente. Se me dizem que deixa o jogador de fora por ordem do seu agente, então é porque está envolvido.»

Devo salientar que o Jefferson era um dos indiscutíveis na temporada anterior com Leonardo Jardim. Um lateral-esquerdo que estava em boa forma. Antes disso, tinha

realizado uma grande época no Estoril, clube onde foi orientado, precisamente, por Marco Silva. Ou seja: tratava-se de alguém que ele já conhecia. De um jogador que mereceu a sua total confiança na equipa que treinou antes de chegar ao Sporting. E que o Marco também estava a utilizar sempre nos nossos primeiros jogos. Mas, de repente, desaparece da equipa. Moral da história: Jefferson deixa de jogar, Jefferson muda para Carlos Gonçalves, Jefferson volta a jogar. Outra coincidência?

É lógico que voltei a chamar o Marco. Aliás, Marco Silva foi o treinador com quem falei mais vezes, com quem tive necessidade de reunir mais vezes, com quem me chateei mais vezes. De nada serviu.

Episódios como este só vinham confirmar as impressões que tive dele ainda durante a pré-época. Ia-me sempre dando provas de que aquilo que senti era realidade. De que estava mais interessado em servir outros interesses que os do Sporting. E a nossa relação ficou ainda pior poucos dias antes do Natal. Tudo por causa de uma intervenção absolutamente desastrosa de José Eduardo, antigo jogador do Sporting.

No dia anterior, tinha ligado a dois sportinguistas que eram comentadores em canais de televisão: o Eduardo Barroso e o José Eduardo. Ambos defendiam o Marco de alma e coração nos seus comentários. Para que mais tarde não fizessem uma figura triste quando se soubesse o que estava a acontecer, falei com cada um deles e contei-lhes algumas situações protagonizadas pelo Marco. O meu interesse era que eles moderassem aquela exultação constante ao nosso treinador. Era quase a apologia do novo Mourinho. Atenção: não se tratava de uma cartilha, nem eu queria que eles comesçassem a dizer mal do Marco. Eduardo Barroso percebeu que era uma conversa privada e que deveria manter-se assim. Por sua vez, José Eduardo interpretou de outra forma. A 26 de dezembro, em pleno aeroporto de Lisboa, quando estava de partida para Berlim, prestou declarações à RTP que só serviram para me prejudicar:

«Marco Silva tem uma agenda própria, tem interesses próprios que não são os do Sporting. São os interesses de outras entidades, eventualmente do seu empresário. Tenho imensa pena de dizer isto porque quis defendê-lo até ao último momento, mas a verdade é que a vida continua. O Sporting vai ultrapassar esta crise e o Marco Silva é que põe o futuro dele em causa, porque se liga a interesses de gente que pretende destruir o Sporting. Estamos na presença de uma situação que não é tao simples quanto parecia.»

Porventura, quando teve este discurso, pensou que nós iríamos demitir Marco Silva, algo que nunca lhe disse, e falou como se ele já fosse parte do passado. À conta disso,

tive de desmentir a saída do treinador, mas o mal já estava feito. Ficou a ideia de que ele teve aquele discurso por indicação minha. Mentira! O que pensou? Que estaria a ajudar o presidente do Sporting com base no que este lhe contou? Que estava a ser amigo? A verdade é que não lhe pedi qualquer ajuda e há um provérbio popular que resume bem toda esta situação: mais vale um inimigo inteligente do que um amigo burro. José Eduardo, com aquelas palavras, em vez de acertar em Marco Silva, acertou em mim. Em cheio. As pessoas assumiram que ele estava ali a meu mando e alguns sócios do Sporting viraram-se contra o seu presidente. À conta de Marco Silva, e das palavras de José Eduardo, recebi a minha primeira assobiadela em Alvalade, vinda da bancada central. Foi antes do jogo com o Estoril, a 3 de janeiro de 2015, que vencemos por 3-0. Lembro-me bem de chegar a casa nesse dia e de dizer à minha família que o Sporting, para mim, tinha chegado ao fim: «Não estou para aturar uma pessoa como o Marco, nem para ser vaiado depois de todo o trabalho que estou a ter para ajudar o Sporting e tentar aguentar uma situação que está inquinada desde a pré-época.» Lá me conseguiram acalmar e fizeram-me ver que os associados não tinham culpa porque não sabiam o que estava a acontecer. E a forma como ouviram tudo, através de José Eduardo, também não tinha credibilidade. Mas confesso que fui invadido por um grande sentimento de injustiça. E até de uma certa estranheza. Afinal de contas, sempre me consideraram um desbocado. Não faz muito sentido pensar que alguém assim precisa de mandar recados através de alguém que nem trabalhava no Sporting.

O certo é que tudo isso só contribuiu para azedar ainda mais a minha relação com o técnico. Não tenho dúvidas de que o Marco, até ao dia de hoje, pensa que fui eu quem mandou o José Eduardo dizer aquilo. E alguns órgãos de comunicação social foram fundamentais para cimentar essa ideia. Aliás, de todas as pessoas que conheci no futebol, o Marco é das que mais se preocupa com a comunicação.

Dou um exemplo: no mercado de inverno, contratámos o Ewerton, defesa-central brasileiro, por empréstimo do Anzhi, da Rússia. O jogador veio com a aprovação do Marco. Porém, no último jogo que fez pelo seu clube, teve uma atuação desastrosa e que deu origem a um vídeo viral. Os adeptos começaram logo a questionar a qualidade do jogador. O que fez o Marco? Enviou-me uma mensagem escrita: «Presidente, nunca se esqueça que o Ewerton foi uma escolha sua e não minha.» Ou seja: quando se apercebe de que as pessoas criticavam o Ewerton nas redes sociais, já não era uma opção dele, era apenas minha responsabilidade. É a demonstração de uma personalidade e de um carácter muito próprios.

A ARTE DE ALIMENTAR A COMUNICAÇÃO

Entre os treinadores que tive no Sporting, o Marco também era dos que mais vezes ia para restaurantes com comentadores e jornalistas. Quando temos uma boa comunicação, é preciso alimentá-la. E ele levava isso à letra. Ao almoço e ao jantar. Ainda hoje é uma das pessoas do futebol português com melhor imprensa. Quando perde, não se fala. Quando ganha, há sempre uma paginazinha num jornal desportivo. Percebeu cedo que não ia ficar no Sporting e que tinha de fazer pela vida junto da comunicação social. E também entendo que esses mesmos órgãos tenham de proteger as suas fontes, dando-lhes espaço e crescimento. Pelo menos não saí do Sporting sem saber como uma pessoa faz para ter a imprensa do seu lado. Basta tornar-se uma fonte e, a partir daí, os jornais não vão matar essa fonte.

Mas, se ele era hábil e eficaz a lidar com os jornalistas, faltava-lhe a mesma capacidade na relação com os jogadores.

Nos oitavos-de-final da Taça de Portugal, defrontámos o Vizela e ganhámos 3-2, mas fomos para o intervalo empatados a duas bolas contra uma equipa do terceiro escalão. Sofremos dois golos de um jogador chamado João Talocha, que era engenheiro mecânico. Até chegou a contar que tinha posto folga para jogar contra nós e que, no dia seguinte, às cinco horas da manhã, já estava a trabalhar.

O jogo foi no campo do Moreirense, casa emprestada ao Vizela. Perto dos balneários dava para escutar tudo o que se passava lá dentro. Depois dos primeiros 45 minutos, andava por aquela zona e ouvi o Marco aos gritos, dizendo que estávamos a jogar mal (e com toda a razão). Nesse momento, há um jogador que se começa a rir. A gozar com ele. Pensei que o Marco se iria impor. Estávamos empatados com uma equipa do Campeonato de Portugal, composta por vários jogadores semiprofissionais, e um dos nossos atletas ainda se ria? Não podia ser. Julguei que o Marco ia ordenar-lhe que saísse imediatamente. Era a atitude necessária perante tamanha falta de consideração. Em vez disso, virou-se para o jogar e disse: «Mas logo tu? Então és dos que está a jogar melhor e fazes-me isto? Estás a rir-te de mim?» Teve ali uma oportunidade de ouro para se afirmar perante um plantel com vários elementos que não o respeitavam. Em vez disso, continuava com uma vontade enorme de fazer parte do Sindicato dos Jogadores. Disse-lhe isso na cara várias vezes: «Você já não é jogador. Não é um deles. É o treinador deles.» Mas ele não ligava. Preferia continuar a aproveitar os vários tempos de antena para me lançar ataques. Como fez antes e depois desse jogo. Pela frente, porém, tinha uma postura completamente oposta.

«PRESIDENTE, HIGH FIVE»

Na 13.^a jornada, empatámos em casa frente ao Moreirense e ficámos em quinto lugar, a 10 pontos da liderança. Uma classificação muito aquém dos nossos objetivos e expectativas, que não se coadunava com a grandeza do Sporting. Claro que não poderia estar feliz. Os sportinguistas também mostravam desagrado pelos maus resultados da equipa. E a verdade é que tínhamos plantel para estar em melhor posição. Dias depois, enquanto líder máximo do clube, senti-me na obrigação de fazer uma declaração pública para abordar a situação. Assumi a minha responsabilidade, como presidente, mas salientei que os demais envolvidos, com o treinador à cabeça, também deveriam fazê-lo: «É necessário deixar de se ter medo, dar a cara e parar de justificar cada mau resultado ou má exibição com chavões ou filosofias românticas», disse, na altura, em alusão à forma como o Marco abordava os maus momentos. Ele poderia ter vindo falar comigo. Como já disse antes, falávamos muitas vezes, mas nunca me mostrou desagrado por aquilo que eu dizia sobre a necessidade de fazermos melhor. Pelo contrário. Concordava sempre.

Na jornada seguinte, fomos à Madeira, para defrontar o Nacional, num jogo de grande importância para nós. Estávamos proibidos de perder mais pontos. Na véspera do jogo, o Marco passava por mim todo sorridente. Grandes abraços, grandes cumprimentos. «Presidente, high five.» Levantava a mão e eu lá batia na mão dele. Dei por mim a olhar para o Inácio e a ficarmos espantados com tudo aquilo. Ali estava um homem que não perdia uma oportunidade para dizer mal de mim, com o qual não tinha relação daquela forma, a tratar-me como se fossemos grandes amigos. «Que se lixe. Assim está bom. É a primeira vez em muito tempo que não estou chateado», disse ao Inácio.

(Na verdade, o Marco teve essa capacidade. Cheguei a falhar alguns jogos apenas para não me sentar ao lado dele no banco do Sporting. Exemplo: o encontro com o Wolfsburg, na Alemanha, para a Liga Europa. Disse que estava doente e não estava. Foi a forma que encontrei para não perder a sanidade mental por causa daquele treinador. Agora perguntam-me: porque não fui para a tribuna? Talvez fosse uma solução para não falhar ao que mais gostava de fazer, que era ver o Sporting. Verdade! Mas também não podia passar a ideia de que Marco Silva me tinha tirado do banco. O certo é que ele conseguiu que eu andasse quase sempre chateado.)

No dia seguinte, após o jogo com o Nacional, ainda fiquei mais feliz porque ganhámos 1-0. Parecia que estávamos, finalmente, a viver um clima de paz. Entrei no autocarro da

equipa, que nos ia levar até ao aeroporto, e perguntei o que havia para jantar. Era raro fazê-lo porque aquele treinador até me tirava o apetite. Por isso, um funcionário do Sporting reagiu com surpresa: «Mas o presidente hoje vai comer?» «Vou, vou, hoje vou», respondi.

Trouxeram-me uma salada de frango. Nesse momento, estou muito bem a olhar para o telemóvel, a ver as notícias, quando leio as declarações do Marco na conferência de imprensa acerca de uma pergunta sobre o que eu tinha dito na sequência do empate com o Moreirense: «Não querendo comentar, porque já vos disse que não comento, o que posso dizer, e porque cada um tem a sua forma de liderar, eu como treinador prefiro criticar ou elogiar cara a cara, com os meus atletas bem presentes e a ouvir. É essa a forma que eu tenho e é a forma que eu, enquanto treinador, vou seguir sempre.»

Claro que já não comi nada e quis logo sair dali. Agarrei na salada, enfiei-a dentro do saco e disse ao funcionário: «Veja lá se alguém quer isto.» Quando vou a sair do autocarro, vem o Marco a entrar, com um sorriso de orelha a orelha, e a olhar para mim todo contente, como se não tivesse dito nada de mal. Eram as tais traições que ele gostava de cometer. Fiquei furioso e precisava de um tempo para me acalmar, de modo a não reagir mal à frente de toda a equipa. Por isso, nem sequer fui no autocarro. Arranjaram-me uma viatura que me levou ao aeroporto.

De anjinho, o Marco só tinha a cara. «Lobo em pele de cordeiro» é uma expressão que lhe assenta bem. Vivi uma época de terror com ele, agravada por ataques fortíssimos na comunicação social, alguns dos quais vindos de sportinguistas que não faziam ideia do que se passava, mas que gostavam de opinar. Um deles foi Sérgio Abrantes Mendes. Chegou a escrever numa crónica que, se era para sair um ou outro, que saísse o presidente e ficasse o treinador. Mais tarde, também me disseram que o próprio Marco Silva manifestou esse objetivo a alguns jornalistas, afirmando que não era eu quem o iria despedir do Sporting, mas seria ele a levar os adeptos do Sporting a afastaram-me. E é lógico que conseguia ter muitos jornalistas do seu lado porque, como expliquei antes, ele alimentava muito bem essas pessoas.

Os ataques eram constantes. Vindos de todo o lado. Sobretudo nas conferências de imprensa do Marco após os jogos. Foi por isso que, a 22 de dezembro, um dia depois do encontro com o Nacional, decidimos decretar um blackout através de comunicado:

«Em virtude dos injustificados e repetidos ataques por parte de diversos órgãos de comunicação social ao Sporting Clube de Portugal, e da constante manipulação da informação sobre o Clube, vem a administração comunicar que, com efeitos a partir da presente data, nenhum órgão social, dirigente, funcionário, colaborador, treinador,

atleta ou outras pessoas que representem o Sporting prestará qualquer tipo de declarações aos órgãos de comunicação social, com exceção das plataformas de comunicação próprias do Clube (Sporting TV, Jornal Sporting, site e redes sociais) e, ainda, com exceção das intervenções que sejam obrigatórias nos termos regulamentares e contratuais, como por exemplo nas flash interviews.»

Olhando a esta distância, foi a pior decisão que poderíamos ter tomado. A direção estava em silêncio, sem se defender, mas o Marco tinha de falar nas entrevistas rápidas. Foram poucos os pós-jogos em que ele não era chamado para ir ao meu gabinete no dia seguinte. E começou logo depois de termos entrado em blackout.

A 29 de dezembro de 2014, após termos ganho ao Vitória de Guimarães, para a Taça da Liga, lançou nova farpa: «Apoio do presidente? Isso não é o mais importante. Importante é sentir o apoio dos adeptos.» Para ele, o presidente do Sporting era irrelevante. Talvez porque, segundo me disseram, tivesse essa ambição de ficar no clube e fazer com que o presidente fosse afastado. Talvez porque assim seria mais fácil fazer todas as vontades ao seu agente e à Doyen.

Alguns sócios do Sporting ainda hoje defendem que o meu maior erro foi despedir Marco Silva. Porém, não sabiam de todas estas histórias. Daquilo que foram as suas práticas desleais, para com o clube, desde o dia em que chegou. Quando um treinador é contratado, tem autonomia e confiança por parte da direção que o foi buscar. Claro que se começar a desonrar, logo à partida, o que foi estipulado nas negociações, passa a ser um funcionário em incumprimento. Foi isso que aconteceu com o Marco e que se foi agravando ao longo de toda a época. É verdade que conquistou uma Taça de Portugal. Mas os resultados não podem apagar todo o mal que tentou fazer ao clube. Repito: ele fez mal ao Sporting e não à minha pessoa. Ao dar a entender que o presidente não interessava para nada, estava a dizer que a figura máxima, eleita pelos sócios, não contava. Estava a desrespeitar a vontade desses mesmos associados. E não me venham com a história de que as instituições estão acima das pessoas porque nunca vi uma instituição sem pessoas. Caso contrário, não era uma instituição. Era apenas um nome. Mas o Marco, com a ajuda de alguns amigos jornalistas, tentou manipular os sportinguistas até ao último dia.

MUITO MAIS DO QUE UM FATO

Terminou a época 2014/15 e estava na altura de demitirmos Marco Silva. Ele ainda tinha

contrato válido por mais três temporadas e ganhava cerca de 600 mil euros brutos por ano, o que perfazia um total que rondava os 1,8 milhões.

Ainda tentámos resolver a bem e fizemos-lhe uma primeira proposta que era pouco mais de 10 por cento desse valor. Face ao comportamento que ele revelou, parecia-nos um valor mais do que ajustado. Não aceitou. Queria o dinheiro todo. Esgotada essa hipótese, a administração decidiu, por unanimidade, instaurar-lhe um processo disciplinar, não por consequência da falta de acordo, mas pelo número significativo de ocorrências que tiveram lugar e nas quais ele demonstrou falta de respeito e deslealdade para com o clube e a estrutura.

Enviámos-lhe uma nota de culpa com mais de 400 páginas onde estavam descritos esses episódios de extrema gravidade. Tal não foi o meu espanto quando grande parte da comunicação social começou a dar eco apenas a um desses episódios na tentativa de descredibilizar os argumentos do Sporting.

Tratava-se de uma situação ocorrida no jogo da Taça de Portugal com o Vizela, em Moreira de Cónegos, quando o Marco se recusou a usar o fato oficial do clube. Primeiro, disse que tinha essa indumentária suja e que por isso iria de fato de treino. Depois, arranjámos-lhe um novo fato, mas ele levou a sua avante e não o vestiu. Éramos patrocinados por essa marca de roupa e, por causa da atitude do Marco, eles fizeram uma reclamação. Mas resumir o documento todo a um fato, de facto, não faz qualquer sentido. Uma vez mais, algumas pessoas na imprensa distorciam tudo para dar força ao Marco. Ele, por sua vez, estava a fazer jogo duplo.

«MARCO, O TREINADOR»

Já depois de termos entregue a nota de culpa ao Marco, comecei a ouvir uns rumores de que o Olympiacos estaria interessado em contratá-lo. Sou amigo de Christian Karembeu, antigo internacional francês, campeão do Mundo pelo seu país em 1998 e diretor de relações internacionais do clube grego há vários anos. Conheci-o já depois de ser presidente do Sporting, num evento de futebol de praia que se realizou no Dubai, e ficámos com uma boa relação. Ele costumava ir muitas vezes à Suíça. Também tive de ir àquele país, enquanto estava a resolver a situação do Marco, para ser ouvido no Tribunal Arbitral do Desporto num processo que a Doyen pôs contra o Sporting relativo à transferência do Marcos Rojo para o Manchester United (assunto que abordarei mais à frente). Aproveitei a minha estadia e liguei a Karembeu para irmos beber um café. Ele não estava. Tinha ido para um jogo com as velhas glórias do Real Madrid, clube que

também representou durante a sua carreira de jogador. «Mas era só para bebermos café?», perguntou. «Sim, era só isso», respondi.

Claro que ele percebeu logo que eu já deveria saber de alguma coisa. Ligou-me no dia seguinte: «Falei com o meu presidente, ele pediu-me para não te dizer nada, mas expliquei-lhe que somos amigos e entre amigos não é assim que funciona. Por isso, deixa-me dizer-te que estamos interessados no teu treinador. Conta-me lá, como é que ele é?» »O meu treinador?», reagi. «É um misto entre Mourinho e Guardiola.» Nessa altura, o que eu mais desejava era que o Marco saísse. Fosse para o Olympiacos, ou para outro clube. Não podia era ser a qualquer custo, com os valores que ele queria, mais ainda depois de tudo o que nos fez passar durante a época. Era preciso negociar. Mas agora eu tinha um trunfo para essa negociação: sabia que ele andava em conversações com outro clube à nossa revelia e que precisava de resolver tudo rapidamente com o Sporting para poder rumar à nova equipa. Isto queria dizer que o tempo estava a nosso favor.

Regressei a Lisboa e guardei a informação para mim. Não disse a ninguém da direção. É então que se iniciam dois dias loucos. No primeiro, tínhamos o prazo final para apresentar as conclusões da nota de culpa ao Marco. No segundo, ele estava obrigado a apanhar o avião para a Grécia, até às 20h00, caso contrário o Olympiacos não esperava mais e avançava para outro treinador. Na cabeça dele, estava tudo feito. Recebia a nota de culpa com a demissão, ficava com direito a cobrar ao Sporting todo o dinheiro do contrato e, no dia seguinte, seguia para a nova equipa. Era perfeito... só que não correu como ele esperava.

Chega então o dia em que o advogado do Marco iria receber a tomada de decisão da nota de culpa. Estou reunido, em Alvalade, com Carlos Vieira, o nosso vice-presidente para a área financeira, e com Helena Morais, então responsável jurídica do clube.

«Pronto, já temos aqui a conclusão do processo com o despedimento», diz Carlos.

«Despedimento? Desculpa, mas não percebi», respondi.

«Então, a decisão da nota de culpa para despedir o Marco.»

«Mas quem é que vos disse que eu quero despedir o Marco?»

Eles ficaram espantados, olharam um para outro e depois para mim.

«Então é para fazer o quê?», pergunta Carlos.

«Uma multa.»

«Uma multa?», diz ele, muito confuso.

«Precisamente, a maior que a lei permitir, mas apenas uma multa.»

Aquilo era uma surpresa. Um choque. Todos pensavam que iríamos demitir o Marco depois daquela nota de culpa. Chegámos mesmo a anunciar essa intenção através de

comunicado. O natural, se fosse assim, era ele sair, ir trabalhar para outro lado, e depois a justiça decidia se a razão estava do nosso lado (e ele era afastado com justa causa, sem direito a nada), ou se teríamos de lhe pagar tudo, caso ele ganhasse. Mas perante os novos dados, relacionados com o Olympiacos, eu sabia que a vantagem passava a estar do nosso lado. Nessa altura, também já se sabia que andávamos à procura de outro treinador, embora ainda não tivéssemos acordo com ninguém.

«Então, mas vamos buscar um treinador e ficar com o antigo? Dois treinadores?»

«Sim, isso mesmo. O Sporting sempre foi um clube inovador e ficar com dois treinadores tem o seu quê de bonito. Portanto, mudem a decisão da nota de culpa. Não é demissão. É multa.»

Nesse momento, Helena Moraes diz que tem de falar com o colega, o advogado do Marco, para o informar da mudança de decisão.

«Não vai fazer isso», avisei. «O que vai dizer ao seu colega é que a nota de culpa está pronta e que ele pode passar cá para vir buscá-la. Mais nada.»

Passado um bocado, vai lá o advogado do Marco. Tinha de ver a cara dele e fiquei a espreitar através da porta do escritório ao lado. Ele entra de peito feito e agarra na nota de culpa: «Multa? O que é isto? Não é despedimento?»

«Pois, multa», diz Helena Moraes. »Então, peço desculpa, mas não tenho autorização do meu cliente para levantar isto.» Devolve logo o papel e sai dali muito atrapalhado.

Depois, o Carlos e a Helena vêm ter comigo.

«Então e agora é para fazer o quê?», pergunta o Carlos.

«Agora é para enviar a nota de culpa por e-mail e para abrir novo processo disciplinar ao Marco.»

Eles ainda ficam mais confusos.

«Novo processo disciplinar? Porquê», volta a perguntar o Carlos.

«Porque ele anda nas nossas costas a negociar com outros clubes, enquanto tem contrato connosco», expliquei, sem dizer qual era o clube.

«Então é isso que vamos mandar para ele?»

«Isso mesmo», respondo.

Ficou assim descartada qualquer possibilidade de o Marco sair do Sporting e poder vir a ter direito à totalidade da indemnização. O prazo que ele julgava acabar nesse dia, para depois rumar ao Olympiacos, afinal só iria terminar passado mais algum tempo, porque lhe instaurámos um novo processo. Tempo que ele não tinha. Ainda para mais, numa situação onde eu sabia que o Sporting tinha fundamentos totalmente verdadeiros, porque ele estava, realmente, a tratar da sua vida com o emblema grego.

No dia seguinte, estava sentado no meu escritório quando entrou Carlos Vieira.

«Bruno, precisamos de chegar a um acordo com o Marco.»

«Marco, qual Marco? Não estou a ver...», ironizei, para ir gastando o tempo de que o Marco precisava.

«Ó Bruno, Marco, o treinador.»

«Ah, esse Marco. Mas eu não tenho interesse nenhum em alterar aquilo que já foi proposto.»

«Então ficamos assim? Não despedimos este treinador e vamos contratar outro?»

«Isso mesmo», disse-lhe. «Dois treinadores principais.»

O Carlos ouviu, sem perceber o que se passava, e foi-se embora. Eu sabia que ele deveria estar a ser bombardeado por Carlos Gonçalves, agente do Marco, para rapidamente se chegar a um acordo. Uma hora depois, voltou ao meu escritório.

«Há aqui uma contraproposta da parte deles.»

Devo salientar que, desde o momento em que fizemos a nossa primeira oferta (o tal valor ligeiramente superior aos 10 por cento da totalidade que faltava para o fim de contrato), nunca houve da parte do Marco uma tentativa de negociar. Queria tudo. Mas naquele dia já dava jeito. Já era muito importante. Naturalmente.

«Temos de resolver isto com o Marco de uma vez por todas», continuou o Carlos.

«Mas estás a falar de quem? Qual Marco?», voltei a fazer-me de parvo.

«O treinador», respondeu ele, já cansado.

«Ah, o treinador. Não tenho interesse nenhum em mudar nada.»

Voltou a ir-se embora e passado um bocado regressou.

«Estamos quase no valor. Por mim e pelos restantes colegas, fechávamos assim.»

O «quase» dele era perto do dobro do que tínhamos oferecido ao Marco da primeira vez. Ainda bem longe da verba que eu sabia que iríamos conseguir.

«Eu não estou a perceber, Carlos», disse-lhe. «Estou aqui a trabalhar, atrapalhado com vários assuntos, e não sei do que estás a falar.»

E voltámos àquilo. O Marco... Qual Marco? Marco, o treinador.. Andámos nisto a tarde toda. O Carlos tinha os pingos de suor a escorrerem-lhe pela testa, até que chegou uma altura em que o Marco já aceitava a proposta inicial. E o que fiz? Recusei, claro.

«Essa era a minha proposta. Agora já não é.»

«Então, mas queres mais o quê? Baixar o valor que foi proposto por nós no início?», perguntou o Carlos, à beira de um ataque de nervos.

«Não. Quero a impossibilidade de ele voltar a Portugal durante um ano. Caso contrário, tem de nos ressarcir.»

O Carlos saiu, totalmente esgotado com aquilo tudo, e voltou passado algum tempo. Quase em euforia.

«Bruno, ele aceitou. Ele aceitou.»

«Ele quem?», pergunto.

«Marco, o treinador», diz logo ele de uma só vez.

«Ah, Marco, o treinador. Mas aceitou o quê?»

«Então, a proposta que fizeste. A verba inicial mais um ano sem trabalhar em Portugal.»

«Mas qual mais um ano? Já fiz essa proposta há bocado. Agora já não aceito.»

É nessa altura que o Carlos, já desesperado, pega no telefone à minha frente e liga para o agente do Marco.

«Presidente, afinal diga lá qual é a sua proposta.»

«Dois anos sem trabalhar em Portugal.»

O Carlos repete o que eu digo e do outro lado veio o OK. Foi nesse momento que decidi aceitar.

«Pronto, assim temos negócio.»

Finito! O Marco, desta forma, saiu pelo que nós queríamos e não o contrário. Passado um bocado, a restante direção veio ter comigo. Disseram-me que aquele desfecho tinha sido maravilhoso, mas que ficaram confusos com a minha estratégia. Foi então que lhes contei toda a história do Olympiacos. O Carlos, meio irritado, ainda perguntou porque é que não lhe tinha dito nada, depois do sofrimento que passou durante a tarde. Expliquei-lhe que nem sempre podia contar tudo o que sabia e o que o importante era que tinha corrido bem. Concordou. Tal como todos os outros. Naquela altura, experimentámos uma espécie de sentimento de triunfo, depois do ano terrível que passámos com o Marco. Aliás, os vários episódios de deslealdade com o treinador podem ser confirmados por muitos dos meus anteriores colegas de direção.

Na sequência de tudo isto, o Marco acabou por conseguir ir para o Olympiacos. Saiu uma época depois. Os gregos acusaram-no de falta de compromisso. Mais tarde, no Watford, foi demitido ao fim da primeira volta por andar a negociar com o Everton. Situações deste género têm sido um padrão na carreira do Marco. Porém, apesar do terror que vivi com ele, não lhe desejo mal na sua vida e na sua carreira. Mas o dia em que saiu do Sporting foi um alívio. Deixou de ser um problema nosso. Passou a ser um problema dos outros.

4. COM UM PÉ NO JACUZZI

Cheguei a presidente do Sporting Clube de Portugal nas eleições de 23 de março de 2013. Não precisei de muito tempo para chocar de frente com alguns poderes instalados no futebol. Estou a falar de indivíduos habituados a comandarem as regras do negócio como bem entendem e que não admitem ser contrariados. Um deles? Jorge Mendes.

Antes disso, naquele dia, quando vi que tinha ficado à frente dos outros candidatos, cumpri um sonho de criança. Um desejo que comecei a alimentar da primeira vez que fui ao Estádio José Alvalade, com apenas seis anos, para assistir a um dérbi frente ao Benfica. No final do jogo, disse ao meu pai que um dia iria ser presidente do Sporting. Desde essa altura, fui criando as bases para alcançar o meu objetivo e tive a primeira oportunidade, em 2011, aos 39 anos, num ato eleitoral confuso e muito polémico. Supostamente, ficámos com menos 360 votos do que a lista de Godinho Lopes. Ou seja, perdemos por quatro décimas (36,55 por cento contra 36,15). Sou apologista da máxima que diz que por um voto se ganha e por um voto se perde. Não me parece, no entanto, que tenha sido esse o caso.

A direção de José Eduardo Bettencourt tinha acabado de cair. Nem conseguiu terminar o primeiro mandato. Foram convocadas eleições antecipadas e chegaram ao fim cinco candidatos, mas a verdadeira disputa era entre mim e Godinho Lopes. Surgi como um outsider, mas consegui tocar no coração dos sportinguistas e ganhei uma vantagem que alguns não esperavam. Naquela longa noite, em Alvalade, fui mesmo anunciado como vencedor, mas depois surge um volte-face que me tira da presidência do Sporting.

Vamos a factos. Rogério Alves era candidato a presidente da Mesa da Assembleia Geral (MAG) pela lista de Godinho Lopes. Assim que saiu de Alvalade, fez uma declaração à comunicação social: «Ganhei eu e ganhou o Bruno. Já lhe dei os parabéns.» Antes disso, tinha-se cruzado comigo quando entrávamos numa sala e até fez uma graça: «Primeiro passa o presidente da direção e depois é que passa o presidente da Assembleia Geral.» Conhecia-o há alguns anos porque ele é casado com uma prima minha afastada. O que aconteceu depois disso? Nenhum de nós ganhou. Aliás, o candidato a presidente da MAG mais votado, segundo os dados apresentados, foi

Eduardo Barroso, da nossa lista. Dias depois, Rogério Alves deu uma entrevista à RTP apenas para limpar tudo aquilo que tinha dito à saída das eleições. Lembrou que apenas referiu que eu tinha ganho porque ouvira nas televisões e nas rádios. Não sei porque é que o jornalista não lhe fez outra pergunta. Uma pergunta muito simples: «E através de que televisão ou rádio soube que era você que tinha ganho?» Eu respondo: nenhum órgão de comunicação social, nessa noite, disse que ele tinha sido vencedor. Ao contrário do que aconteceu em relação a mim. Mas a pergunta ficou na gaveta, algo que constato com alguma estranheza. São situações como esta que fazem com que, por vezes, seja muito crítico de algum do jornalismo que se faz em Portugal.

Adiante.

Primeiro, sou dado como vencedor por uma vantagem a rondar os 600 votos. Logo a seguir, já se diz que fiquei com menos de 400 votos em relação a Godinho Lopes. E tudo isto a acontecer pela noite fora. Madrugada fora. Naquela que foi a noite mais longa de umas eleições no Sporting e no desporto português. Já depois de tudo isto, por volta das 6h00 da manhã, o então presidente da Mesa da Assembleia Geral, Lino de Castro, faz declarações contraditórias.

«Não houve, em nenhum momento, nenhuma dificuldade em contar os votos. O que aconteceu é que a contagem precisava de ser afinada, pois eram números muito pequenos. A razão da demora foi que fizemos um debitar de novo dos dados que saíam das mesas, para termos a certeza em frente aos delegados de que os números eram corretos. Mas em nenhum momento se achou que o candidato Bruno de Carvalho ia ganhar.»

Ou seja, segundo ele, não houve uma recontagem, apenas uma afinação (seja lá o que isso for), embora o contrário tenha sido noticiado. Também declararam aos jornalistas presentes que eu comecei a vencer nas primeiras mesas, dos sócios com menos votos, mas à medida que se foi avançando para as mesas com mais votos, a diferença foi-se estreitando (recordo que nas eleições dos clubes, por norma, as votações não se fazem através de um sistema de um voto por pessoa; os sócios com mais anos têm direito a maior número de votos). Nessa noite, porém, disseram-me que a diferença pela qual perdi era relativa a votos de sócios que não passaram pela porta principal porque tinham mobilidade reduzida e, por isso, entraram pelas portas laterais e traseiras. Sinceramente, isto não pode funcionar desta maneira. Até porque existiam meios para criar condições que permitissem que essas pessoas com menos mobilidade pudessem entrar pelo mesmo sítio do que as restantes. Quer isto dizer que perdi com votos de

sócios que ninguém viu entrar. Mas há mais: sempre se recusaram a dizer-me quem eram essas pessoas. Preferiram ocultar-me essa informação, se é que ela alguma vez existiu, e tive de avançar com uma ação em tribunal para impugnar aquelas eleições, devido a irregularidades na contagem. Infelizmente, não produziu efeitos.

A FAMOSA HISTÓRIA DO «CHURRASQUINHO»

Mais tarde, contaram-me outra coisa. Foi autorizada a queima dos votos dessa noite antes da data prevista legalmente. Nessa altura, disseram-me que ouviram uma conversa entre Luís Duque e Paulo Pereira Cristóvão, dois elementos da direção de Godinho Lopes, e que um deles terá usado a expressão «churrasquinho», lembrando que, agora que os votos iriam ser destruídos, já não teriam mais problemas. Se eu tivesse ganho umas eleições com toda aquela polémica, com uma diferença tão curta, jamais ordenaria a queima dos votos e deixava-os em arquivo histórico, para que todos pudessem consultar os registos e saber, realmente, o que se tinha passado. Era uma forma de acabar com todas as dúvidas. No entanto, eles decidiram fazer um «churrasquinho».

Voltemos àquela noite. Uma das mais complicadas na minha vida em termos de Sporting. Havia muita tensão, grande animosidade e alguns confrontos entre adeptos. De um lado, aqueles que me apoiavam. Do outro, os que estavam com Godinho Lopes. Muito se disse e escreveu de que as claques estariam comigo. Não é bem assim. Toquei muitas pessoas. De claques e fora delas. E alguns elementos de grupos ultras do Sporting entravam no meu camarote, onde eu estava com a minha família, insultando-me e com ameaças, dizendo que me matavam a mim e aos meus. Não nos podemos esquecer de que, embora pudesse haver uma parte das claques a apoiar-me, outra era controlada por Paulo Pereira Cristóvão e por isso, naturalmente, não estava do meu lado. No entanto, mesmo com aquele ambiente infernal, senti-me na obrigação de tentar acalmar os ânimos. Por volta das 5h30, dirigi-me a um púlpito montado na Praça Centenário e, perante uma multidão de mais de mil adeptos sportinguistas, pedi-lhes calma. «Eu tenho estado a lutar, por favor, eu não mereço que me façam isso. Nada acabou, acreditem.» E depois pedi-lhes para pararem por mim. Consegui serenar alguns ânimos e, provavelmente, travar uma desgraça.

Com o passar dos anos, porém, muita comunicação social quis esquecer-se da minha atitude nessa noite. Porque aquela imagem de alguém que luta pela paz e serenidade não combina com a ideia que mais tarde criaram sobre mim.

Quando me viram numa situação de fragilidade, puderam testemunhar o que era a

minha personalidade, o meu carácter e a minha educação. E depois disso, enquanto fui presidente do Sporting, estava a desempenhar um papel para defender os interesses do clube. Porém, naquela noite, naquele púlpito, à frente de muitos sportinguistas furiosos, não havia qualquer personagem. Estava ali um homem ferido, destruído emocionalmente, mas que teve a capacidade e a coragem de ir lá abaixo e parar algo que iria ser gravíssimo. Não havia segurança nem polícias suficientes para darem conta do que estava prestes a acontecer.

Contudo, esse perfil de pessoa que gosta de serenar, de pessoa que foi capaz de evitar uma tragédia, não combina com a imagem do Bruno belicoso, Bruno arrogante e Bruno labrego que mais tarde criaram de mim. Fala-se pouco desse episódio porque não encaixa no perfil que desenharam. E, se não encaixa, onde é que o vamos pôr? Em lado nenhum, porque isso só serve para baralhar. Houve quem nunca soubesse, ou não quisesse, fazer a separação entre o que era o homem e o que foi o presidente. E ali, naquele momento, estava apenas o homem. Um cidadão. Afinal, tinha acabado de perder – supostamente, volto a dizer. E esse cidadão deu uma lição a muita gente que, provavelmente, no seu lugar, não teria feito o mesmo. E eu, se fosse esse monstro que tantos pintaram, podia ter chegado àquele palanque e incendiado seriamente os ânimos com meia dúzia de palavras. Ou então bastava nem ter usado da palavra e deixar as coisas correrem de forma normal. Mais tarde, poderia sempre dizer que a culpa não era minha porque nem sequer falei. Mas, se ficasse quieto, a meu ver, teria sido culpado, sim. Pela falta de coragem. Pela falta de carácter. Só que eu não sou assim. Não podia ficar a assistir de camarote sem subir ao palanque. Sem dar a cara.

TRÊS ALMOÇOS PARA DESPEDIR JESUALDO

Apesar de toda aquela contestação, e das muitas dúvidas sobre o verdadeiro vencedor, o certo é que a presidência foi dada a outro candidato e tive de passar os dois anos seguintes numa espécie de exílio, a ver o clube afundar-se cada vez mais. Também tinha dito, muito antes disso, que não me recandidataria caso perdesse umas eleições. Como hoje ainda estou convencido que não perdi as de 2011, voltei a concorrer ao sufrágio antecipado de 2013. Dessa vez já não houve espaço para surpresas mal explicadas e tornei-me o 42.º presidente do Sporting, derrotando José Couceiro e Carlos Severino.

Quando eu e minha direção entrámos no clube, a meio da época 2012/2013, o Sporting estava numa situação caótica. Tanto no plano financeiro, como desportivo. Neste último ponto, a equipa de futebol ocupava o décimo lugar no campeonato, já

afastada de todas as outras competições, e pouco antes tinha andado perto do fim da tabela. Os resultados eram tão maus que, a certa altura, chegou a pairar a ideia de uma possível descida de divisão. Já só tivemos tempo para tentar minorar os danos da campanha futebolística, mas não foi possível fazer melhor do que terminar em sétimo lugar (fora do acesso à Europa), naquela que seria a pior classificação da história do Sporting e que se ficou a dever, única e exclusivamente, ao mau trabalho da direção presidida por Godinho Lopes, que só chegou a meio do mandato, mas que quase acabou com o clube. Não poderíamos deixar o Sporting voltar a passar por semelhante inferno.

No balneário, eram comuns situações de agressões entre atletas. O grupo estava completamente destruído e os adeptos andavam amorfos e conformados com os maus resultados.

Jesualdo Ferreira, treinador contratado na era de Godinho Lopes, teve uma intervenção contra mim durante a campanha eleitoral e seria fácil perceber que não iria ficar depois de eu me ter tornado presidente. Mas para não gerar ainda mais instabilidade, essa alteração só seria feita no final da época. Mesmo assim, naquele curto espaço de tempo, fez tudo ao contrário do que lhe pedíamos e gerou-nos alguns problemas complicados. Um exemplo: dissemos-lhe para não lançar jogadores da formação na equipa principal com os quais ainda não tivéssemos revisto a situação contratual. O que fez ele? Colocou o Bruma e o Tiago Ilori. Bastaria ter-nos dito: «Estou a pensar neste e neste.» E logo lhe responderíamos: «OK, esses não. Primeiro deixe-nos renovar e depois pode utilizá-los à vontade.» Mas fazer ao contrário torna as renovações mais difíceis, como é lógico. Por acaso, tivemos capacidade para resolver os dois casos. No entanto, teria sido mais fácil se o treinador tivesse feito o que lhe pedíamos.

A poucas jornadas do final da época, fiz um primeiro almoço com ele no sentido de lhe pedir para se manter focado, porque ainda tínhamos como objetivo a chegada aos lugares europeus. Nesse encontro, porém, queria também dar-lhe a entender que ele não iria continuar na época seguinte. Entendi que ser frontal era a forma mais correta de agir com ele, em vez de estar a enganá-lo, alimentando-lhe a ideia de que iria ficar, para depois fazer o contrário. Estivemos juntos cerca de três horas e não consegui explicar fosse o que fosse. Ele falou, falou, falou.

Sem sucesso à primeira tentativa, decidi marcar um segundo almoço. Mais três horas. Ele sempre a falar. Voltei a não conseguir explicar. Até que fizemos um terceiro almoço, com o campeonato quase a terminar, e tinha de ser dessa vez. Pensei: «Chega. Isto hoje fica resolvido.» Assim que nos sentámos à mesa, fui direto ao assunto: «Não conto mais consigo. Agora diga.» E ele voltou a falar muito, muito, muito, até que chegou às três horas da praxe, e disse-me: «É por causa disto que não fico no Sporting.» Como se aquilo

tivesse partido dele quando, na verdade, eu já o tinha informado de que não continuava. Mas para mim servia. Tudo bem. Ele que ficasse com a ideia que quisesse:

«OK, sendo assim estamos os dois de acordo. Então como quer fazer o anúncio?», perguntei.

«Fazemos como o presidente achar melhor», respondeu.

«Muito bem, então, é muito fácil. Último jogo, nós dizemos “obrigado, Jesualdo”, você diz “obrigado, Sporting”, e cada um vai à sua vida.»

Ele concordou e chegámos à última jornada. Ganhámos 4-1 no terreno do Beira-Mar. Após o jogo, o Jesualdo chegou à conferência de imprensa e levou um molho de algumas 20 ou 30 folhas escritas à mão, preparando-se para um longo discurso, quando tínhamos combinado fazer uma despedida breve. Quando vi aquilo, entrei logo na sala da conferência de imprensa e fiquei a olhar para ele. A ver o que ia fazer. Ele viu-me e virou as folhas ao contrário, mas fez um discurso daqueles em que ia para a direita, para a esquerda, para cima e para baixo, sem ir, de facto, para qualquer lado. Mesmo não utilizando as suas folhas, ainda falou durante quase 20 minutos. Tudo ao contrário do que tínhamos combinado. E eu mantive a minha parte. Agradei e pouco mais.

«Aguardámos pela altura certa para fazer estas declarações. É assim que o Sporting lida com as pessoas e agradece ao professor. Foi para mim uma agradável surpresa trabalhar com Jesualdo Ferreira.»

No final da época, íamos fazer um pequeno estágio no Brasil. O Jesualdo ainda seria o treinador, mas, depois de ter falhado ao combinado, decidimos que ele já não seguia viagem, e acabou por ser o Oceano a orientar o Sporting nessa pequena digressão, enquanto ainda não tínhamos contratado o novo técnico, que seria Leonardo Jardim.

«Jesualdo, você não volta a entrar no Sporting. Não fez nada do que combinámos», disse eu.

«E as minhas coisas?», perguntou.

«Vou falar com o Virgílio Lopes [então diretor-geral da Academia] e ele depois dá-lhe os seus pertences.»

Assim foi. Para mim, estas são as tais falhas muito difíceis de perdoar. O Jesualdo poderia ter dito ao almoço que não concordava comigo. Por exemplo: «Desculpe lá, mas eu digo o que quiser. Ainda por cima vou sair.» Estava nesse direito. E atenção: perguntei-lhe, antes, como queria fazer a despedida e ele disse para ser eu a decidir e depois até concordou com a minha proposta, mas preferiu dizer uma coisa pela frente e fazer outra pelas costas. E neste ponto já nem sequer vale a pena voltar a falar daquilo

que passei com Marco Silva. Costumam dizer que sou instável e que mudo as coisas à última hora. Como numa negociação de um jogador, por exemplo. Cheguei a ouvir que subia os valores depois de já terem aceite o que pedi inicialmente. Nada de mais falso. No momento em que digo OK, é mesmo OK.

O empresário espanhol Jose Fouto sabe que sou assim. Ajudou-me na venda do Bruma ao Galatasaray e só teve o contrato da comissão assinado cerca de três ou quatro meses após o negócio estar concluído. Nessa altura, cheguei a brincar com ele: «Não tinha medo que eu o enganasse? Afinal de contas, a transferência já estava feita.» «Não, claro que não. Sabia que eras um homem de palavra.» E recebeu aquilo que tínhamos acordado.

Esta é a minha forma de ser. A palavra tem tanto valor como um papel assinado. Mas nem todas as pessoas percebem isso. Incluindo alguns agentes.

«NÃO HÁ PROPOSTAS PARA O RUI PATRÍCIO»

Finda a temporada 2012/13, saiu Jesualdo Ferreira e apostámos em Leonardo Jardim. Era o momento de se iniciar um novo ciclo e foi com essa ambição que partimos para a pré-época. O Sporting estava repleto de problemas que careciam de resolução urgente e eu não tinha tempo para estar com a minha família. Passavam-se dias inteiros sem vê-los e semanas em que não conseguíamos estar juntos para uma simples refeição. Por isso, quando a equipa foi para o Algarve, a fim de participar no Torneio do Guadiana, pedi à então minha mulher para ir comigo, porque era a única forma de estarmos juntos por breves momentos. Ela aceitou e acabou por testemunhar uma situação estranha que passei com Jorge Mendes.

Estava no meu quarto de hotel a preparar-me para entrar no jacuzzi, e relaxar por uns minutos, quando toca o telemóvel. «O Jorge Mendes? Bolas, logo agora?», desabafei. «É o Jorge Mendes, tens de atender», disse a minha mulher. Lá descí as escadinhas do jacuzzi e aceitei a chamada.

«Jorge, tudo bem?»

«Olha, é só para te dizer que não há propostas pelo Rui Patrício», disse-me ele.

«OK», respondi. «Não há, não há. Sem problema.»

«Pronto, mas era mesmo só para dizer isto», continuou.

«Tudo bem», disse-lhe. «Mas já que estamos a falar, aproveito para lhe dizer que podia ligar ao seu jogador e dar-lhe essa informação porque ele anda aqui atrás de mim no hotel só a dizer que quer sair.»

O Rui tinha renovado com o Sporting no arranque da época anterior, ainda com Godinho Lopes. Ficou com uma cláusula de 40 milhões de euros e contrato válido até 2018. Contou-me que, nessa altura, lhe fora prometido que saía no ano seguinte. Essa situação é comum em futebol: prolongar o vínculo de um jogador para depois o transferir. Não me espantava, portanto, que fosse verdade. E, se aparecesse uma oferta boa para ambas as partes, por tudo o que ele já tinha dado ao Sporting, também não colocava de parte a hipótese de aceitar, apesar de me custar ficar sem um dos nossos mais importantes atletas. Mas, segundo o agente dele, não havia nada. Melhor ainda. Era da maneira que continuávamos a contar com um dos melhores guarda-redes do mundo.

Terminei a chamada, e já estava com um pé no jacuzzi, quando ele voltou a ligar. «Outra vez? Não estou a perceber», comentei com a minha mulher. Ela disse mesmo: «Atende. É o Jorge Mendes.» E lá tirei o pé do jacuzzi.

«Sim, Jorge?»

«Mas ficou percebido, certo?», disse ele.

«Ficou percebido o quê?», perguntei, sem estar a compreender toda aquela conversa.

«Não há mesmo propostas para o Rui Patrício», repetiu.

«Ó homem, pronto, também não quero que ele saia. Agradeço essa informação maravilhosa. Se não há, tudo bem.»

Desliguei e lá consegui ficar um bocadinho no jacuzzi. Finalmente. Quando saí do quarto, encontrei o Rui Patrício.

«Sei que há uma proposta. Tinham-me prometido que eu saía com a renovação», disse-me ele.

«Então fala com o teu agente porque ele ligou-me de propósito a dizer que não há qualquer proposta.»

«Ligou?», perguntou ele, muito espantado.

«Sim, até me ligou duas vezes com a mesma conversa.»

«Mas eu sei que há uma proposta», insisti.

Andava a sair na imprensa que o Mónaco estava interessado em contratar o Rui. O clube francês era propriedade do bilionário russo Dmitry Rybolovlev, que estava a investir bastante, e já tinha feito vários negócios com Jorge Mendes, entre os quais Falcao, James Rodríguez, João Moutinho e Ricardo Carvalho. Percebi que havia ali uma jogada e que o representante do Rui me estava a esconder alguma coisa. Não gostei daquela sensação e respondi ao jogador.

«Então, vamos fazer o seguinte: liga ao Jorge e pergunta-lhe se há mesmo uma proposta. E diz-lhe que, se for o Mónaco, como se tem escrito, vou duplicar as minhas condições.»

Passado um bocado, toca o meu telemóvel. Novamente, Jorge Mendes.

«Mas é claro que há uma proposta para o Rui.»

Pensei para comigo: «Santo Deus, este homem está maluco.»

«Jorge, então diga-me lá qual é a proposta.»

«São 10 milhões e é para um clube mediano. Assim de meio da tabela.»

«Jorge, por acaso não é o Mónaco, não?»

«Não, não, não é o Mónaco. Isso posso garantir.»

«Pronto, não é o Mónaco. Então, deixe-me lá pensar um bocadinho.»

A minha primeira ideia era não deixar sair o Rui apenas por 10 milhões. Até porque toda a gente tinha uma parte do seu passe. Estava tripartido: o Sporting tinha 65 por cento, o próprio jogador 17,5 e a Gestifute, de Jorge Mendes, outros 17,5. Ou seja: num negócio de 10 milhões, o Sporting ficaria apenas com 6,5 milhões. Uma verba irrisória, tendo em conta a qualidade do jogador.

(Mais tarde, já em 2016, renovámos com o Rui até 2022 e conseguimos recuperar os 35 por cento que estavam em posse dele e da Gestifute. O Sporting passou a ficar com 100 por cento do passe.)

Além disso, também entendia que ele valia muito mais do que isso. Basta ver que, na mesma altura, Oblak, do Benfica, estava a ser negociado para o Atlético de Madrid por 16 milhões, num negócio que acabou por acontecer e que também foi intermediado por Jorge Mendes. E, para mim, o Oblak não era superior ao Rui. Nesse momento, fiz duas coisas. Enviei uma mensagem a Jorge Mendes dizendo-lhe que o Sporting queria 9 milhões limpos. E pedi ao Inácio, que se dava muito bem com ele, para o informar da mesma coisa.

Volto a receber uma chamada do superagente.

«Mas é lógico que é o Mónaco», disse ele.

Isto aconteceu tudo no mesmo dia. Primeiro, não havia proposta. Depois, já havia. De seguida, não era o Mónaco. Afinal, já era o Mónaco.

«Jorge, esta conversa já não me está a agradar. Esqueça a mensagem que lhe mandei, a referir 9 milhões limpos. Agora quero o dobro», disse eu, farto de todas aquelas suas mudanças.

E foi então que tive de levar com uma «lição» de futebol de Jorge Mendes: explicou-me que só havia um guarda-redes e mais dez jogadores de campo e que, por isso, o guarda-redes tinha sempre menor valorização porque só podia fazer aquela posição. Eu ouvia aquilo e pensava para mim que os jogadores de campo também não eram todos

polivalentes: um era central, outro médio, outro avançado, etc. Deixei-o falar, mas não aceitei a proposta.

Isto passou-se e o Rui não ficou satisfeito. Dias depois, falei com ele quando se consumou a transferência do Oblak para o Atlético.

«Estás a ver como és valorizado pelo teu agente, Rui? Imagina que eu tinha feito aquele negócio desastroso. Para o Oblak, ele arranja quem pague 16 milhões. Para ti, só arranjava 10? És pior do que o Oblak?»

«Pois, pois. Tem razão, presidente», disse ele.

Aquilo deve ter pesado na cabeça do Rui porque, mais tarde, mudou de representação e passou para Carlos Gonçalves (o mesmo agente de Marco Silva), com quem já fizemos a renovação de contrato do jogador até 2022.

SÓ QUEREM TER DOIS GRANDES

Depois da situação do Mónaco, a relação do Sporting por mim presidido com Jorge Mendes nunca mais voltou a ser boa. Não é ensinando a um presidente que só existe um guarda-redes e dez jogadores de campo que se vai criar empatia. E também não acho que seja com estas conversas do estilo «há proposta, não há proposta, não é o Mónaco, é o Mónaco». Foi tudo tão surreal, tão esquisito, que é lógico que fiquei de pé atrás. Como poderia voltar a confiar nele?

Acho que Jorge Mendes, e espero não estar a ser injusto, foi uma peça fundamental naquilo que aconteceu ao Sporting, ainda antes da nossa chegada. Conseguiu mandar a equipa para quarto lugar em algumas épocas, através dos negócios que efetuou com o Braga. O próprio António Salvador, presidente dos minhotos, chegou a dizer, em determinado momento, que eles eram o terceiro grande. Pela relação próxima que mantém com o Benfica e o Braga, creio que Jorge Mendes fez isso de consciência. A ideia era colocar o Sporting de quarto para baixo.

Vou dizer isto: há uma ideia reinante, no futebol português, que não é a minha, de que só pode haver um grande no sul e outro no norte. E isso tem a ver com a centralização dos direitos televisivos e com o dinheiro disponível. Porque essa centralização, mais dia, menos dia, será inevitável e pouco importa que os clubes grandes tenham feito contratos de direitos para dez anos. O que estava montado antes da nossa chegada era para beneficiar o Benfica no Sul e o FC Porto no Norte e esse esquema envolvia Jorge Mendes. Daí a má vontade que ele demonstrava para com o Sporting, nunca dando sinais de querer melhorar a relação. Pelo contrário.

Volto ao caso Bruma.

Tive um início de relação complicado com o israelita Pini Zahavi, outro superagente do futebol mundial. O Bruma veio da Guiné-Bissau para Portugal ainda menor e teve como tutor o empresário Cátio Baldé, que era seu representante. Este, por sua vez, fez um acordo com Pini Zahavi, que também passou, dessa forma, a ser agente do Bruma.

Assim que chegámos ao Sporting, em 2013, quisemos renovar com o jogador, uma vez que o seu contrato acabava no ano seguinte. Cátio Baldé e Zahavi estavam a criar muitos entraves à renovação e começaram a fazer a cabeça do Bruma. Quando terminou a época, Zahavi trouxe-nos propostas muito baixas para uma eventual venda do extremo. Não aceitámos. Depois, Baldé colocou em causa o contrato do Bruma com o Sporting, alegando que não era válido, com o intuito de poder colocar o atleta noutra clube a custo zero, arranjado por Zahavi, de modo a ficarem com uma comissão muito superior. Foi uma novela complicada, que serviu para alimentar os jornais desportivos durante esse mercado de transferências. Aqueles dois homens estavam a prejudicar a carreira de um jovem atleta formado no Sporting. Como se resolveu? O Bruma, finalmente, ganhou juízo e percebeu que tinha de solucionar o assunto com os seus empresários. Terminou a ligação com Zahavi, ficando apenas com Baldé, até que depois aparece Jose Fouto com uma proposta da Turquia. O Bruma acabou por sair para o Galatasaray por 12 milhões de euros e foi assim que se concluiu todo aquele imbróglio com um encaixe significativo para o Sporting.

Mas, mesmo depois de tudo isto, foi possível construir uma relação com Zahavi e voltarmos a trabalhar. Foi com ele que conseguimos o Markovic, por empréstimo do Liverpool, quando o Benfica também tentava o regresso do seu antigo jogador.

Na comparação entre Pini Zahavi e Jorge Mendes, por aquilo que foi a minha experiência com os dois, posso dizer que o primeiro tem a maturidade da vida e o segundo ainda mostra alguns atos irrefletidos da juventude. Atenção: não estou a dizer que Jorge Mendes não perceba do seu negócio. Claro que percebe. E muito. Caso contrário, não fazia as transferências que faz. Mas sempre lhe transmiti que não me interessava realizar vendas de 100 milhões e ficar apenas com 5 milhões (dando estes números como mero exemplo). De pouco me servia fazer grandes brilharetes contabilísticos e saber que o dinheiro que entrava no Sporting era quase irrisório. Isso aconteceu em algumas operações que ele fez com o Benfica e o FC Porto e também noutras com o Braga e o Rio Ave, em que saíam jogadores por valores altos e ficava uma fatia diminuta para os clubes. Sempre lhe disse que, se fosse para fazer negócios, era para o Sporting sair ressarcido pelo real valor de mercado dos seus jogadores. Nunca nos conseguimos entender.

MENDES TRAVOU PIZZI NO SPORTING

Os problemas com Jorge Mendes também aconteciam quando estávamos interessados num jogador dele. No verão de 2013, o Leonardo Jardim queria muito o Pizzi, quando este ainda era do Atlético de Madrid. O Inácio ligou a Jorge Mendes e partimos para a capital espanhola. Fomos recebidos por uma pessoa que apareceu de calções de praia e nos levou do aeroporto para as instalações do clube. Jorge Mendes não estava lá. Falava por telefone com os responsáveis do Atlético Madrid, sentados numa sala ao lado da nossa. Depois, o Inácio também ia a essa sala, falar com ele, e voltava. Nada feito. Deu logo para perceber que ele não queria que o Pizzi fosse para o Sporting. Voltaram a pegar em nós e deixaram-nos no aeroporto, onde estivemos seis horas à espera do avião para regressar a Lisboa. Passado pouco tempo, como sabemos, o Pizzi assinou pelo Benfica.

Outro momento. Tínhamos várias empresas multinacionais com camarotes em Alvalade e eu não gostava daquela confusão de cores. Foi então transmitido às empresas que as lonas exteriores dos camarotes teriam de ser verdes e brancas. Estamos a falar de algumas marcas com regras muito rigorosas em relação à sua imagem corporativa, mas conseguimos mudar com todas. Menos com a Gestifute. Jorge Mendes preferiu desistir do camarote. Por causa da cor.

Estas situações iam-se somando, não faziam qualquer sentido, e nunca foi possível construirmos uma relação saudável com ele. Mas, mesmo sem essa ligação, conseguimos fazer as maiores transferências da história do Sporting e não precisámos da participação de Jorge Mendes. Acredito que isto também o deixasse irritado porque estávamos a provar que era possível viver sem ele. Não há dúvida de que Jorge Mendes é um grande poder do futebol português e mundial. Um poder que desafiámos por não aceitarmos as condições dele. Mas nada disto se compara a tudo o que eu e a minha direção vivemos com a Doyen por causa do Marcos Rojo.

OS CAPANGAS DA CHECHÉNIA

Ainda antes do interesse do Manchester United, o primeiro clube inglês que tentou contratar o Rojo foi o Southampton. A 2 de agosto de 2014, enviaram-nos uma proposta por escrito que foi liminarmente rejeitada. Mesmo assim, uma comitiva do Southampton apareceu de surpresa em Alvalade e foi recebida por cortesia por um dos meus colegas de direção. Entre eles encontrava-se um homem, de tons mais morenos, que falou

sempre em inglês. Posteriormente, viemos a saber que se tratava de Nélío Lucas, o português da Doyen. Estava a fazer-se passar por um representante do Southampton, tentando enganar o elemento da nossa direção.

Noutro momento, já numa altura em que o United queria o Rojo, um dos nossos dirigentes disse-me que o Nélío Lucas lhe tinha oferecido muito dinheiro para me convencer a deixar sair o defesa argentino. Também não resultou. Por isso, começaram a utilizar táticas mais pesadas. Nélío Lucas chegou a enviar-me vários sms abusivos, um dos quais em letras maiúsculas: «O MARCOS ROJO VAI PARA O MANCHESTER UNITED. SE NÃO O DEIXAREM, ELE VAI COMEÇAR A PROVOCAR PROBLEMAS NA ACADEMIA.»

Por essa altura, recebi em Alvalade um indivíduo que dizia ser parceiro da Doyen. Assunto: novamente Marcos Rojo, novamente o Manchester United. Era uma pressão tremenda para o deixarmos sair. A certa altura da nossa conversa, essa pessoa deixou-me um aviso: «Veja lá bem, porque a Doyen trabalha com uns tipos pesados da Chechénia e ainda mandam cá alguém tratar de si e da sua família, caso o negócio não se concretize.» Assim mesmo. Em tom de brincadeira, mas a deixar o recado. Confesso que não achei piada nenhuma e fiquei com algum receio. Entre os investidores da Doyen estão vários oligarcas da antiga União Soviética e não me custava acreditar que aquilo pudesse ser verdade.

Estes são apenas alguns exemplos da ingerência e do pânico que a Doyen tenta exercer junto daqueles a que chama parceiros. Os métodos são recorrentes e apenas vão mudando os nomes dos clubes.

Cheguei a ver o presidente do Granada, Enrique Pina, totalmente tolhido perante Nélío Lucas, por causa de um negócio relacionado com o guarda-redes grego Orestis Karnezis. Era jogador da Udinese, de Itália, mas tinha estado emprestado ao Granada, que ficara com opção de compra e que iria exercer. Já tínhamos chegado a acordo com o Granada para contratar o jogador por 2 milhões de euros assim que o contratassem à Udinese.

A 24 de maio de 2014, no dia da final da Liga dos Campeões, realizada em Lisboa, entre Real Madrid e Atlético de Madrid, Nélío Lucas apareceu com o presidente do Granada em Alvalade. Disse-me que sabia que estávamos a negociar um jogador deles. Ou seja, da Doyen. Enrique Pina sempre calado.

«Sim, já temos acordo», disse eu.

É nesse momento que Nélío Lucas começa a inventar valores, dizendo que o Granada, afinal, queria 6 milhões pelo jogador. E Enrique Pina continuava calado. Nélío Lucas falava em 6 milhões, mas, ao mesmo tempo, fazia-me um quatro com as mãos atrás das costas, dando a entender que esse seria o valor que o Sporting teria de pagar. Cá fora,

quando já só estávamos os dois, disse-me que conseguia fazer tudo por 4 milhões (2 para o Granada e outros 2 para a Doyen). Não aceitámos porque era uma alteração em relação ao que já estava combinado com o clube espanhol. Eram as tais mudanças de última hora que não tolero. A verdade é que a Doyen trabalhava muito com o Granada, a Udinese e o Watford. Curiosamente, o Karnezis jogou pelos três clubes.

Nesse mesmo mercado, Nélio Lucas também nos pediu 20 milhões pelo Brahimi, que estava no Granada, e depois o jogador foi parar ao FC Porto por 6,5 milhões.

Foram estes métodos de manipulação, ameaça e tentativa de extorsão que nos levaram a rescindir o acordo que existia entre o Sporting e a Doyen por causa dos futebolistas Marcos Rojo e Zakaria Labyad. No caso do Rojo, eles reclamavam 75 por cento dos 20 milhões pagos pelo Manchester United. Foi essa a percentagem que investiram, em 2012, ainda com Godinho Lopes, quando o jogador se transferiu do Spartak Moscovo para o Sporting. Nessa altura, os 75 por cento deles equivaliam a um investimento de 3,5 milhões. Quando rescindimos o contrato com eles, pagámos essa verba. A Doyen levou o caso para o Tribunal Arbitral do Desporto (TAS) e acabou por ganhar. Tivemos de pagar 12 milhões, mais juros de mora à taxa de 5 por cento, ficando tudo em 13,5 milhões. O Sporting assumiu essa luta contra os fundos e tinha o montante pronto para a eventualidade de perder o caso, como viria a acontecer, embora a decisão do TAS tenha sido completamente estranha e errada. Mas, uma vez mais, estes poderes instituídos e a sua rede de influência conseguiam o que queriam. Mesmo usando os piores métodos possíveis.

5. COMITIVA DOS JOGOS OLÍMPICOS

Negócio fechado! A 27 de agosto de 2016, João Mário tornou-se o jogador português mais caro de sempre a sair para o estrangeiro. O Inter de Milão pagou 40 milhões, mais 5 milhões por objetivos, para ter o médio formado no Sporting. Mas a negociação esteve prestes a romper várias vezes.

O João tinha acabado de conquistar o Euro 2016, pela seleção nacional, e começou a falar-se do interesse do clube italiano. Só que nestas coisas, quando um jogador tem qualidade, aparecem muitos obstáculos. No caso dele, começou por ser o próprio pai, alguns empresários que diziam representá-lo (embora não fosse assim) e até o Inter, que, a certa altura, acabou por dificultar a operação. O único agente do João Mário, na verdade, era Kia Joorabchian e foi com ele que conseguimos tratar da transferência. Antes disso, contudo, vivemos uma situação caricata numa visita a Milão.

Viajei com Guilherme Pinheiro, administrador executivo da SAD do Sporting, e uma ajuda muito importante na parte do futebol. Regressávamos a Lisboa passados dois dias e tínhamos a convicção de que o assunto ficaria resolvido durante a nossa estadia em Itália, uma vez que, embora a negociação já se arrastasse há várias semanas, o acordo agora estava próximo. Pensávamos nós.

No dia da nossa chegada, reunimos logo com o então presidente do Inter, o indonésio Erick Thohir. O valor ficou quase fechado, mas faltava o quase. Agendámos nova reunião para o dia seguinte. Nessa noite, porém, eu e Guilherme fomos jantar com o diretor desportivo do Inter, Piero Ausilio. A meio da refeição, Ausilio tentou baixar os valores que já tínhamos combinado com o presidente nessa tarde. Logo ali, naquele momento, mais um recuo inesperado. Disse-lhe que não tinha qualquer vontade de recomeçar tudo do princípio e pedi-lhe para ligar ao presidente, uma vez que este não se encontrava connosco no restaurante.

«Caro amigo, podemos jantar, tudo muito bem, mas esta tarde já estava quase tudo acertado e os números não eram esses. Fale lá com o seu presidente, se faz favor, e transmita-lhe o que acabo de dizer», lembrei.

«Não posso ligar ao presidente, neste momento», respondeu Piero Ausilio.

«Porquê?», perguntei eu, algo admirado.

«Porque o presidente já está a caminho do Brasil. Ele faz parte da comitiva da Indonésia que irá estar nos Jogos Olímpicos.»

As Olimpíadas de 2016 começavam no dia seguinte, no Rio de Janeiro, e acabávamos de saber pelo diretor desportivo do Inter que o presidente do clube iria estar na cerimónia de abertura e entrar no estádio ao lado do porta-estandarte da Indonésia. Aquilo deixou-me incrédulo.

«Não percebo», disse eu. «Então viemos aqui para fazer um negócio destes montantes, de dezenas de milhões, e você acaba de me dizer que o presidente se foi embora para estar com o porta-estandarte do país dele? E nem nos disse nada esta tarde depois de termos marcado nova reunião para amanhã?»

Fiquei indignado, confesso.

Erik Thohir é um bilionário e deveria saber, melhor do que ninguém, que aquilo era uma falta de respeito para com a entidade com a qual ele queria fazer um negócio.

«Sim, compreendo», reagiu Ausilio. «Mas ele foi-se embora e só deve voltar no final dos Jogos Olímpicos.» Depois, deu a entender que o Sporting poderia continuar a negociar com ele e com outros dirigentes do Inter, porque estavam autorizados pelo presidente para poderem fazê-lo.

Eu e o Guilherme saímos dali e fomos para o hotel. No dia seguinte, sexta-feira, liguei a Ausilio. Também já não estava em Milão. Moral da história: foram todos passar o fim de semana com a família e borrifaram-se para nós. Deixaram-nos ali sozinhos.

«Viemos de propósito de Lisboa, para concluirmos a transferência, e agora diz-me que ninguém está cá? O nosso voo de regresso é no domingo», disse eu.

«Sim, mas agora só na segunda-feira.»

Desliguei, olhei para o Guilherme e ficámos sem saber o que dizer de tudo aquilo. Era uma situação completamente insólita. As pessoas do Inter ainda nos propuseram alterarmos o nosso voo e esperar por segunda-feira, mas nem pensar. Era o que faltava. Eles é que se tinham ido embora sem avisar.

Regressámos a Portugal e as negociações recomeçaram no início da semana, já por telefone, e quase da estaca zero. O Inter insistia em tentar baixar os valores falados na reunião. Passámos de uma situação que estava praticamente concluída, para outra onde o processo voltava ao início. Podia ter dado errado. Muito errado. Uma coisa é negociar cara a cara, outra, bem diferente, é fazê-lo à distância. Nós falávamos com os dirigentes do Inter, eles passavam as informações ao presidente e ficavam a aguardar novas indicações (um processo moroso, uma vez que o senhor continuava nos Jogos Olímpicos).

No meio disto, tínhamos de lidar com a ansiedade do João Mário e as pressões do seu

pai, que insistia em prestar declarações à comunicação social, criticando o Sporting.

Passámos por momentos de alguma dificuldade e a intervenção do agente Kia Joorabchian acabou por ser determinante. Numa reunião que teve connosco, partilhou uma conversa que teve com o pai do João em que lhe fez um ultimato: «Ou sou eu o agente, ou é você. Se quiser ser você, rasgamos o contrato de representação e vou à minha vida. Se for eu, não fala mais, não dá mais entrevistas, e deixa-me trabalhar.»

A partir desse momento, assim que começámos a trabalhar apenas com o empresário do João, o processo tornou-se menos complicado.

O jogador, por sua vez, já não estava com a cabeça no Sporting. Falou comigo e disse-me que queria ir para o Inter. Nessa altura, pedi-lhe apenas para se acalmar: «Da tua parte só precisamos que não entres no jogo da pressão porque não é benéfico para ninguém. Confia porque há de acabar bem.»

Com a ajuda do agente, o João lá conseguiu ficar mais tranquilo. Apresentou-se no Sporting, voltou a treinar com a equipa, e esteve concentrado. Com certeza que não seria a pessoa mais feliz do mundo, mas respeitou o clube até ao dia em que saiu. Também consigo perceber o que lhe ia na cabeça. A transferência estava quase fechada quando viajámos para Itália e depois ficou comprometida. Era natural que ele estivesse preocupado, porém não sabia que nos tinham deixado sozinhos em Milão e que foram eles a querer mudar algo que já estava no bom caminho.

O que interessa é que tudo se resolveu. Terminaram os Jogos Olímpicos, o presidente do Inter voltou ao clube e, passado pouco tempo, apresentou o João Mário como reforço naquela que é a maior venda de sempre da história do Sporting. Mas sem dúvida que esse episódio em Milão foi das situações mais caricatas, e bizarras, que me aconteceram no futebol.

UMA AVENTURA NA ARGÉLIA

Um dia aparecem-me uns árabes em Alvalade com o pretexto de que queriam fazer um investimento no Sporting Clube de Portugal. Esta era uma situação comum. Recebíamos potenciais investidores de vários países, culturas e religiões. Mas daquela vez rapidamente percebi que eles queriam outra coisa. Faziam perguntas relacionadas com valores de publicidade no estádio, camisolas, entre outras coisas, mas não era de nada disso que queriam falar.

Em algumas destas reuniões, as pessoas só dizem o que querem antes daquela despedida à porta da sala. Foi o que aconteceu. Depois de tudo o que perguntaram, um

deles deu-me um DVD de um jogador.

«Sabemos que estiveram muito interessados no Ghilas [ex-Moreirense que seguiu para o FC Porto nessa altura] e também temos aqui um avançado argelino que pode ser do vosso agrado.»

Afinal, os investidores eram empresários de jogadores.

«Muito bem», disse eu.

Peguei no DVD e guardei-o. Recebia centenas de vídeos daqueles, mas nessa noite cheguei a casa e apeteceu-me ver o que eles me tinham dado. As imagens eram muito toscas e rudimentares. Algumas até eram filmadas em campos pelados da Argélia. Só que houve ali qualquer coisa naquele jogador, de seu nome Islam Slimani, que me fez ter uma atenção redobrada e querer saber quais seriam as condições para poder contar com ele.

As negociações avançaram e conseguimos chegar a acordo com o clube do jogador por um valor baixo. Iríamos pagar cerca de 300 mil euros ao CR Belouizdad, da Argélia. Faltava apenas acertar o salário do Slimani.

Nessa altura, fui avisado de que o jogador estaria em França para assinar por um clube daquele país. Liguei logo para o investidor/empresário.

«Eu, como cristão, e você, como muçulmano, sabemos que quando se dá a palavra perante aquilo em que acreditamos, seja Deus ou Alá, essa palavra deve ser cumprida até ao fim.»

Ele ficou um bocado atrapalhado porque o negócio com o clube francês estava quase fechado e só faltava mesmo a assinatura do Slimani. Porém, essa minha argumentação surtiu efeitos. O jogador veio imediatamente para Lisboa e assinou pelo Sporting.

Isto aconteceu na primeira época de Leonardo Jardim. Apresentei o Slimani ao treinador e ao staff do futebol. O Inácio perguntou-me quem era.

«É um ponta-de-lança. Um jogador para o plantel.»

«Mas acabámos de contratar o Fredy Montero [avançado colombiano]», disse ele.

«Sim, mas agora temos mais uma opção. A partir daqui é trabalhar o jogador e depois o técnico logo decide quem quer pôr a jogar.»

Demorou, claro. O Slimani chegou num estado muito rudimentar. Estava com 25 anos e tinha-se tornado profissional de futebol apenas aos 23. Por isso, costumo brincar e dizer que ele também é um fruto da formação leonina. Porque foi ali que aprendeu quase tudo. Lembro-me dos seus treinos no início. Ficava perto da baliza adversária a pedir a bola aos colegas. Um pouco como aqueles jogos de miúdos no recreio da escola, onde há sempre alguém que fica «à mama», como se costuma dizer, para poder marcar golo.

Não começou por ser opção nos primeiros jogos precisamente por causa dessa

necessidade de evoluir e de se adaptar a um futebol mais exigente. O Leonardo escolhia o Montero, que fez uma primeira volta excecional. Mas trabalhou bem o jogador e foi-lhe dando alguns minutos aos poucos. Ele mostrava alguma qualidade e começaram a aparecer propostas para empréstimo de vários clubes que queriam levá-lo no mercado de inverno.

O Slimani, como não era titular, pediu-nos para o deixarmos sair para Inglaterra. Mas não cedemos. Tanto a direção como a equipa técnica acreditavam que o jogador ainda iria ser muito útil. Mesmo assim, o Slimani não estava convencido. Queria jogar e pensou que teria mais hipóteses numa equipa de meio da tabela da Premier League. Foi então que começou a engendrar um plano para nos convencer. Veio ter comigo e com o Inácio para nos convidar a irmos com ele à Argélia, onde iria receber um prémio pelos jogos que realizou no seu país. Sabíamos que, uma vez lá, bem longe de casa, ele iria voltar a pressionar-nos com a história do empréstimo, pensando que talvez cedêssemos por estarmos num território que era dele. Mesmo assim, aceitámos o desafio e acabou por ser uma grande aventura.

Bastou aterrarmos em Argel, capital do país, para percebermos como ele era idolatrado pelos seus compatriotas. Estavam centenas de pessoas no aeroporto que o aclamavam como se ele fosse um deus. Eu e o Inácio ficámos impressionados com aquela receção. Mas a pressão do Slimani e do seu agente começou logo a seguir. Andávamos com eles para todo o lado, mostravam-nos a cidade com simpatia, e volta e meia lá vinha a conversa do agente, dizendo que a Argélia era um país muito perigoso, onde por vezes aconteciam coisas aos estrangeiros, mas para não nos preocuparmos porque com eles estávamos em segurança. Depois disto, novamente a conversa do West Ham e da Premier League. E eu dizia sempre a mesma coisa ao Slimani.

«Não pode ser. Acreditamos muito no teu valor e achamos que podes vir a jogar mais vezes na segunda volta porque estás a evoluir bastante bem.»

«Mas pode garantir-me que vou jogar?», perguntou ele.

«Slimani, eu não sou treinador, sou presidente», respondi. «Não me meto no trabalho do Leonardo. Mas ele também está muito contente com o teu progresso.»

E lá vinha o agente: «Vamos aqui, vamos ali, é perigoso, mas tudo bem. Estão connosco.» E passado um bocado... West Ham, Premier League. Era à vez. Primeiro um, depois o outro. Sempre a pressionar.

Chegou o dia da homenagem e assistimos com muito agrado. Foi um momento bonito. O Slimani estava feliz. Mas nunca desistiu. E nós nunca cedemos. Mesmo estando na Argélia. Mesmo com o agente a dizer que era perigoso e isto e aquilo.

O certo é que regressámos a Portugal e na segunda volta o Slimani começou a jogar

mais vezes. Era um exemplo de empenho e determinação. Acabou essa época com o Leonardo a titular, foi indiscutível na seguinte com Marco Silva e fez a sua melhor temporada orientado por Jorge Jesus: 31 golos em 46 jogos. E depois? Acabou mesmo por rumar à Premier League. Saiu para o Leicester por 35 milhões, mais 5 milhões por objetivos, tornando-se a segunda maior transferência da história do Sporting, numa altura em que já era uma das maiores figuras da equipa e do campeonato.

Passou de um futebol muito posicional, que mostrou no início, para começar a ser um jogador móvel, com maior habilidade, lutador e de grande capacidade goleadora. Merece todo o meu respeito pela forma como sempre se entregou ao Sporting. E ainda hoje fico muito feliz por ter visto aquele DVD.

«SOY UNA ESTRELLA»

Na pré-temporada de 2015/16, contratámos o Teo Gutiérrez ao River Plate. Pagámos 3,4 milhões para ter um avançado internacional colombiano. Com o clube, o entendimento não foi difícil. Já com o Teo...

Quando o jogador chegou a Portugal para assinar, eu estava a tirar dois dias de férias num hotel em Torres Vedras. Não queria ir para muito longe porque o Sporting poderia precisar de mim a qualquer momento. Liguei para o Guilherme Pinheiro e perguntei como estava a correr.

«Não está a ser fácil, mas tudo se vai resolver», respondeu.

Fiquei surpreendido. O Teo viajou para Lisboa com o seu agente e com um membro da nossa direção que o tinha ido buscar à Colômbia (sobre esta parte já falarei) apenas para oficializar o acordo. Já tínhamos tratado de tudo por telefone e por e-mail. Percebi logo que deveria haver algum entrave e fui ligando ao Guilherme quase de hora a hora. Chegou a uma altura em que ele já estava a negociar quase há onze horas. «Chega!», disse para mim.

Meti-me a caminho de Lisboa e fui direto ao Estádio de Alvalade. Quando cheguei à sala onde estavam a decorrer as negociações, vi o Guilherme, já com os cabelos em pé, o jogador e o seu agente.

«Quero saber quanto é que me vai custar esta operação porque já me parecem demasiadas horas para se tratar de um contrato de trabalho», disse-lhes.

O agente fez uma proposta salarial completamente absurda e convidei-o, de imediato, a sair de Alvalade porque não havia acordo. Ele foi-se embora, o Teo ficou ali, e eu também estava de saída, para regressar a Torres Vedras, quando o Guilherme veio a

correr atrás de mim.

«Acabaram de me ligar», disse-me ele. «O agente já não é o mesmo. Já é outro agente e aceitam a nossa proposta.»

Voltei para dentro da sala e passámos a estar no ponto inicial de todo o negócio. Ou seja: na proposta do Sporting que o Teo tinha aceitado e que fez com que ele viajasse para Portugal com o agente que, afinal, já não era, ou que nunca tinha sido, ou que trabalhava para o verdadeiro representante do Teo que, nesse momento, estava na Argentina. Uma confusão. Aliás, esta transferência foi uma aventura desde o início.

Já aqui tinha dito que um elemento da nossa direção foi de propósito a Bogotá, na Colômbia, para ir buscar o Teo, certo? Eis o motivo: o Sporting não era o único clube português interessado em contratar o jogador. Quando as conversações já estavam avançadas, soubemos que o FC Porto também queria o Teo e que estavam a pensar mandar alguém à capital colombiana de modo a poderem levá-lo diretamente para o Dragão. Tivemos de ser mais rápidos. Pedi logo ao Alexandre Godinho, nosso vice-presidente, para se meter num avião e não deixar que ninguém se aproximasse do Teo. O Alexandre quase que teve de lhe fazer uma marcação homem a homem até entrarem no voo para Lisboa.

Tínhamos ultrapassado essa parte, estávamos em Alvalade com o contrato em cima da mesa e agora já só faltava a assinatura do Teo. Foi então que ele se dirigiu a mim.

«Soy una estrella, y como una estrella que soy, tienes de garantir mi plata [dinheiro].»

E pronto. Lá começava tudo outra vez.

«Teo, o contrato já foi negociado e aceitaste a proposta antes de vires para Portugal», expliquei-lhe, lembrando-o de que, ou assinava como estava, ou podia ir-se embora.

«Si, pero que me pagues una casa», continuava ele.

«Olha, Teo, o Sporting não tem por hábito pagar casas aos seus funcionários», disse eu. «Isto aqui funciona de forma normal. Recebes o teu dinheiro e arrendas a tua casa. Não tenho de estar preocupado com isso. Quando muito, podemos falar com pessoas de imobiliárias para te ajudarem a encontrar o que procuras. Mas és tu que pagas a casa.»

O Teo disse-me que a sua mulher o tinha aconselhado a não aceitar o contrato se o Sporting não lhe oferecesse um local onde morar.

«Então podes dizer à tua mulher que se prepare para te receber de volta porque vais embora neste preciso momento», disse-lhe. «Não te vamos pagar casa nenhuma.»

Mas o Teo era «una estrella» e queria «plata». De alguma forma. De qualquer forma. E depois falou-me no colégio para os seus filhos.

«Sporting puede pagar?»

«Não, Teo. Nem casa, nem colégio. Os filhos são teus. Temos um departamento para ajudar os jogadores estrangeiros por causa das questões relacionadas com colégios e escolas, mas...», nisto ele interrompeu-me.

«Quién paga soy yo?»

«Isso mesmo. Quem paga és tu.»

Pensei que ele já estava a perceber. Porém, ainda perguntou pela água e pela luz do apartamento que arrendasse. Tínhamos era de pagar qualquer coisa.

«Bem, Teo, a conversa está muito boa, mas não vale a pena continuar», disse-lhe. «Compreendo que sejas una estrella, mas também tens de perceber que o Sporting já chegou ao seu limite e que não vai alterar nada daquilo que estava proposto e que te fez vir para Lisboa.»

Ele continuou a insistir que tínhamos de lhe dar algo mais e eu aproximei-me da porta para sair da sala.

«Já percebi que vais ficar na tua ideia, por isso vou-me embora», disse-lhe.

O Guilherme Pinheiro veio comigo e expliquei-lhe o que iria fazer.

«Vou para outra sala e fico à espera de saber se as coisas se resolvem. Se daqui a pouco estiver tudo na mesma, vou novamente para Torres Vedras e o negócio fica sem efeito.»

O Guilherme voltou para junto do Teo e ligou-me cerca de trinta minutos depois.

«O Teo aceitou as condições e já assinou. Só faltas tu.»

«Muito bem. Já aí vou», respondi.

A conservadora já tinha reconhecido a assinatura do jogador, mas decidi deixá-lo à espera uma hora para ele perceber que não podia ser tudo como queria. À conta daquelas suas exigências, estivemos mais de meio dia para firmar o contrato.

Uma hora depois, fui ter com ele e disse-lhe: «Então, Teo, parece que já temos una estrella na equipa. Agora está tudo bem, estou aqui para assinar o contrato.»

Foi uma negociação com todos os ingredientes: tentativa de «rapto» por parte do FC Porto; um agente que esticou a corda e ultrapassou todos os limites possíveis, outro agente que foi tratando da transferência, por telefone, desde a Argentina, com o River Plate, até chegarmos ao Teo, que queria que pagássemos tudo o que tinha a ver com a sua vida privada. Tivemos riso, sofrimento, contratemos e a felicidade, no final, por conseguirmos um contrato, tal e qual como tínhamos proposto, com um avançado que ainda nos foi útil essa época, mas que deu sempre muito trabalho. O Teo é daqueles jogadores com talento, mas que só parece estar bem onde não está. Ainda durante essa temporada, mostrava vontade em regressar à Argentina. Seria emprestado no ano

seguinte, ao Rosario Central. Mais tarde, já em 2017, vendemos o seu passe ao Junior Barranquilla, clube colombiano onde tinha começado.

«VOU SÓ À CASA DE BANHO»

Algumas negociações são verdadeiros jogos de paciência. Há casos em que o agente e o jogador chegam mesmo a esticar a corda até rebentar.

No verão de 2014, estivemos muito perto de contratar o guarda-redes grego Stefanos Kapino. Já o observávamos há algum tempo e pareceu-nos um jovem com um futuro muito promissor. Como havia sempre a possibilidade de o Rui Patrício poder sair num dos mercados de transferências, precisávamos de começar a preparar uma eventual sucessão na baliza e pareceu-nos que o Kapino era um bom alvo. Tinha sido titular pelo Panathinaikos na época anterior e já era internacional sub-20 pelo seu país. Chegámos a acordo com o jogador e ele viajou para Lisboa, juntamente com o seu representante, a fim de assinar contrato. No entanto, assim que chegou, quis subir o seu salário.

Os dois estavam em Alvalade, reunidos com o Guilherme Pinheiro, quando entrei na sala.

«Então, parece que há aqui um problema, não é?», perguntei.

«Sim», respondeu o agente. «Temos de renegociar os valores do contrato.»

«Claro», disse eu. «Então vou só à casa de banho e já falámos.»

Se há coisa que me irrita são estas mudanças de última hora. A partir do momento em que há acordo, tem de ser cumprido. Pelas duas partes. Por isso, saí da sala e fui-me embora.

Já tinha várias chamadas e mensagens do Guilherme Pinheiro até que decidi atendê-lo passadas três horas.

«Então? Continuamos aqui à espera», disse o Guilherme.

«À minha espera? Mas eu já estou em casa», respondi.

«Mas disseste que ias só à casa de banho», lembrou ele.

«Não, Guilherme. Já te disse a ti, mais do que uma vez, que quando tentam fazer estas alterações, estas chantagens, não tenho paciência e o jogador não fica. Já conheces esta regra.»

«Então e agora?», perguntou.

«Já estou deitado a ver um filme e vou ficar por aqui.»

«Mas o que é que eu faço?»

«Ou fazes de babysitter ou voltas lá para dentro e dizes a verdade. Explicas que já

não estamos interessados porque eles quiseram mudar algo que estava negociado e acordado pelas duas partes.»

Isto passou-se. Três anos depois, voltámos a estar interessados num jogador que era representado pelo mesmo agente. «Bem, há três anos que estou à espera de uma resposta do vosso presidente sobre o Kapino. Por isso, acho que não vamos fazer negócio», disse ele ao nosso team manager, André Geraldès.

O André, no dia seguinte, veio falar comigo.

«Temos aqui este jogador. O empresário dele é o mesmo do Kapino, lembra-te?»

«Perfeitamente», disse eu.

«Pois, o problema é que ele não quer negociar o jogador connosco porque diz que o deixaste pendurado há três anos e que nós demoramos muito tempo a dar resposta», revelou o André, acerca do bom humor do agente.

«Então vamos já ultrapassar esse problema», disse eu. «Envia-lhe um e-mail de imediato a dizer o seguinte: "Mais vale uma resposta tardia do que ficar sem resposta. Por isso, vimos por este meio dizer que não estamos interessados no guarda-redes Kapino."»

Assim foi. Sem qualquer referência ao jogador no qual estávamos interessados.

O agente achou piada. Ligou, a rir-se, e depois disso ainda fizemos alguns negócios. Mas nunca mais tentou alterar nada do que estava previamente combinado.

O SALÁRIO DO XERIFE

Voltemos à época do Leonardo Jardim.

O central brasileiro Maurício foi um dos primeiros jogadores que levámos para o Sporting. Era visto como um defesa muito mandão, agressivo no bom sentido e com capacidade de liderança. Tinha a alcunha de «Xerife» por causa desse seu estilo autoritário dentro de campo. O departamento de scouting e a estrutura do futebol ficaram agradados com o que viram do jogador e, por isso, decidimos tentar a sua contratação.

O Dionísio Castro, antigo atleta olímpico do Sporting e que agora negocea jogadores, era um dos representantes do Maurício. Alcançámos o acordo sobre as verbas a pagar ao jogador e este veio do Brasil para Alvalade. Realizou os habituais exames médicos, assinou contrato e iria ser apresentado à comunicação social juntamente com o avançado Salim Cissé, que tinha vindo da Académica.

Estava tudo a correr normalmente. Mas o Maurício, já depois de assinar, começou a

dizer que, afinal, aquele não era o salário acordado. Segundo ele, tinham-lhe dito que os valores eram líquidos e que no contrato estavam em bruto. Não gostei nada daquilo que estava a ouvir e também não era por ter um contrato assinado que iria ficar com um jogador contra a sua vontade.

«Maurício, estes foram os valores acordados com o teu agente», disse eu, olhando para o Dionísio Castro. «Está aqui a resposta em que são aceites os valores em bruto. Mas o que posso fazer, caso te sintas enganado, é destruir os contratos e ficas livre. Não estamos aqui para ludibriar ninguém.»

«Bem, então tenho de ligar ao meu agente», disse o Maurício.

«Mas o Dionísio está aqui», disse eu.

«Não, o Dionísio não é o meu agente», respondeu. «É um representante do meu agente aqui em Portugal.»

As habituais confusões neste tipo de negócios. Os jogadores têm um agente, um representante, um colaborador, um empresário, um que negocia, outro que acompanha, outro que liga, mais um que escreve o e-mail. É quase um quebra-cabeças.

Nesse momento, dirigi-me ao Dionísio.

«Vão lá os dois para a sala e falem com o outro agente, mas despachem-se. A comunicação social está à espera e não me apetece ficar aqui mais tempo sem resolver o assunto.»

Eles foram e demoraram mais de meia hora. Os jornalistas, cá em baixo, já estavam a começar a ficar fartos e alguns foram-se mesmo embora. E com razão. Já passava muito tempo da hora para a qual tínhamos agendado a conferência de imprensa. Entrei pela sala adentro para falar com o Maurício e com o Dionísio.

«Meus amigos, temos duas hipóteses: ou o contrato é válido e vamos já apresentar o jogador, ou então acaba-se por aqui. Vou lá abaixo pedir desculpa aos jornalistas e digo que, afinal, ele não vai ser apresentado.»

O Maurício concordou com o que já tinha assinado e seguiu para a apresentação na companhia do Inácio e do Virgílio. Eu fiquei a resolver outro problema: a documentação do Cissé. A Académica estava sempre a mandar os papéis errados e demorou muito. Resultado: os jogadores foram apresentados com mais de uma hora e meia de intervalo. Quando chegou a vez do Cissé, a sala já estava muito despida.

Mas o episódio com o Maurício foi mais grave. Era outra daquelas situações em que pensávamos que estava tudo acordado e bastava pôr o preto no branco, mas que depois sofrem retrocessos inesperados. Cheguei a achar que só poderia ser brincadeira o facto de um jogador vir do Brasil para Portugal sem saber os valores do contrato que iria assinar. Lá se resolveu tudo e foi assim que o Xerife acabou por ficar no Sporting.

«QUE BELFODIL QUE É ISTO TUDO»

Ponto prévio: Ishak Belfodil é um avançado argelino que chegou a representar o Parma. O jogador foi-nos proposto por um agente e nós recusámos. Assim como tantos outros casos. Até aí, nada de novo.

Mas entre uns que assinam e outros que não ficam, por causa de exigências e alterações, também há os que são inventados. Aqueles casos em que nunca mostrámos qualquer interesse, embora os jornais escrevessem o oposto.

Estávamos na ponta final da época 2014/15 quando começam a aparecer várias notícias falsas dando conta de potenciais treinadores e jogadores para o Sporting. Esta foi a temporada de Marco Silva e a dificuldade da nossa relação era um assunto público. Uma novela que alimentou a comunicação social durante toda a temporada. Com inúmeras especulações. Todos os dias, aliás, saía uma notícia sobre um treinador que estava perto do Sporting, que já tinha assinado com o Sporting, que iria ser treinador do Sporting na época seguinte. Tudo mentira. Posso dizer que, durante o ano que passámos com o Marco, nunca contactámos outro técnico, uma vez que já tínhamos combinado aguentá-lo até ao fim da época.

Só que isso não vende jornais. E, como tal, era preciso inventar treinadores e jogadores. E também era preciso dizer que o Sporting não tinha conseguido contratar esses nomes porque o seu presidente não revelara capacidade negocial. Primeiro, a mentira descarada. Depois, a acusação de falta de competência da direção. Era o pão nosso de cada dia.

Decidi marcar uma conferência de imprensa, em Alvalade, para desmentir muitas das notícias que vinham a público e expor essas patranhas. É nesse momento que acabo por viver uma das situações mais hilariantes da minha presidência. Com os microfones abertos e as câmaras apontadas, referi-me ao então jogador do Parma.

«Para vocês, é muito mais importante dizer que o Sporting vai ter, pelo menos, cinco novos treinadores, 30 novos jogadores e que os que cá estão vão sair todos. Aliás, como já vos disse, por enquanto, do plantel, acho que só fico eu. E depois o Bruno, Marco, Marco, Bruno, que é absolutamente injusto para todos, porque temos de ouvir as várias pessoas que são citadas a pedir respeito quando, se calhar, era bom que algumas dessas pessoas, em vez de pedirem respeito, tivessem a frontalidade de dizer que não foram contactadas por ninguém do Sporting e que, por isso, não se pronunciam sobre uma não-notícia.»

[...]

«A última é que fiz uma proposta a um jogador que se chama Belfodil. Às vezes olho para o mundo do futebol e penso para mim: “Que Belfodil que é isto tudo.” Por isso é que fiz uma proposta ao senhor. Vocês hão de falar com o agente do Belfodil, hão de falar com o pai do Belfodil e nunca hão de admitir que mentiram. Tenho quase a certeza que o Belfodil há de ir para um rival meu porque eu não tive capacidade e engenho para, pelo menos, conseguir um bom Belfodil.»

Naturalmente, esta minha intervenção tornou-se viral e deu para vender muitos jornais no dia seguinte. Naturalmente, nunca quisemos Belfodil nenhum. Naturalmente, passado pouco tempo, já havia outro Belfodil qualquer.

Fosse eu contar todos os Belfodil que não consegui dar ao Sporting, segundo alguns jornalistas, e precisava de um livro igual a este só para essas não-notícias.

Esta minha reação irónica, no entanto, serviu apenas para mostrar a facilidade com que se criavam assuntos nos jornais sem qualquer fundamento. Bastava lançar uns quantos boatos destes para se criar uma ideia de um clube instável, que queria muitos jogadores e não os conseguia, que estava sempre a falhar os seus alvos, que se preparava constantemente para grandes revoluções no plantel.

E o problema, nestas coisas, é que há sempre adeptos que acreditam. Por isso, era necessário desmistificar muitas das falsidades que, todos os dias, chegavam aos sportinguistas. Creio que, com o Belfodil, tal como expliquei naquela conferência de imprensa, os nossos adeptos perceberam na perfeição o que andavam a tentar fazer ao clube.

6. «MAS EU FUI SÓ FAZER XIXI»

A minha primeira grande batalha como presidente do Sporting foi conseguir realizar uma reestruturação financeira que pudesse voltar a colocar o clube no topo do desporto português. Assim que cheguei, deparei-me com um documento elaborado pela anterior direção, juntamente com a banca, que mais não era do que uma mera operação de cosmética. Servia para disfarçar o imediato, mas iria ser ainda pior a médio prazo. Vou mais longe: aquela proposta, caso fosse para a frente, poderia fazer com que o Sporting Clube de Portugal fechasse as portas de vez.

Foi uma luta de cerca de um ano, em negociações muito tensas com o Millennium BCP e com o Banco Espírito Santo (BES), os dois bancos que eram os principais credores do Sporting. Acabou bem, para todas as partes, mas esteve perto de se romper várias vezes. Incluindo num último momento, quando parecia que as principais dificuldades já estavam ultrapassadas.

Depois de muitos avanços e recuos, fui às instalações do BES para ter uma reunião com Joaquim Góis, representante deste banco, e Miguel Maia, pela parte do Millennium BCP. Naquele dia, tínhamos conseguido ultrapassar todos os assuntos mais delicados e preparávamo-nos para assinar um pré-acordo, de modo a que este fosse depois visto pelos advogados das várias partes, para então celebrarmos, em definitivo, o memorando da reestruturação financeira. Tudo parecia acordado depois de mais uma reunião que demorou muitas horas. Já só faltava mesmo cumprimentarmo-nos e passarmos à próxima fase. Existia um espírito de satisfação e alívio por, finalmente, termos chegado a um patamar de entendimento que em muitos momentos parecera impossível de alcançar. É então que Joaquim Góis se levanta e diz que tem de ir à casa de banho. Fiquei sozinho com Miguel Maia e o ambiente parecia tranquilo. Mas não por muito tempo.

Miguel Maia resolveu criar uma dificuldade inesperada e totalmente desnecessária naquela altura. Disse-me que o Millennium só assinava a reestruturação caso eu me compromettesse a fazer um pedido de desculpas público. Segundo ele, em algumas conferências de imprensa que realizei sobre este tema, tinha dado a entender que a banca estava a ser um empecilho e a pôr em causa, propositadamente, o futuro do

Sporting. Revelou também que ele e as pessoas do seu banco não tinham gostado dessas minhas declarações e que, por isso, não havia outra solução a não ser eu retratar-me e mostrar o meu arrependimento diante dos órgãos de comunicação social. Aquilo era um braço de ferro totalmente inusitado. Depois de horas e horas de reunião, de conversa construtiva, de diálogo com vista a um entendimento benéfico para todas as partes, e aproveitando a ida do colega do BES à casa de banho, o representante do Millennium BCP faz uma inesperada exigência de última hora e completamente descontextualizada de tudo o que havíamos discutido até essa altura.

Não aguentei aquela conversa. Agarrei nas folhas do pré-acordo que estavam em cima da mesa e atirei-as para o ar. De seguida, levantei-me e disse-lhe que não tolerava semelhante atitude e desfaçatez contra o Sporting Clube de Portugal: «A reestruturação acaba aqui.»

Os ânimos estavam exaltados. Gritos da minha parte. Gritos da parte dele. Palavras duras. É nesse momento que entra Joaquim Góis. Vê as folhas no chão e assiste a toda aquela discussão. Com um ar muito inocente e triste, diz uma das frases que jamais esquecerei: «Mas eu fui só fazer xixi.» Como quem diz: «Quando saí daqui estava tudo bem e agora aconteceu isto.»

Eu disse que me ia embora. Saí daquele espaço e comecei à procura, nas salas ao lado, de alguém que pudesse dar-me um cigarro. Fiquei enervado com toda aquela situação, precisava de fumar, e não tinha levado tabaco. Fui abrindo várias portas até que encontrei uma sala onde estavam cerca de 20 pessoas, incluindo o então presidente do grupo BES, Ricardo Salgado. Ficaram todos a olhar para mim em silêncio e algo receosos porque naquele momento a minha cara não era a mais simpática do mundo.

«Preciso de um cigarro», disse eu. «Alguém tem de me dar um cigarro agora.» Uma senhora olhou para mim, muito a medo, abriu a mala, puxou do maço e estendeu-mo. Agradei e perguntei onde poderia fumar. Apontaram-me o caminho para um jardim interno. Assim que virei costas e abandonei essa sala, percebi que continuavam todos em silêncio a verem-me ir embora. Cheguei ao jardim, fumei o cigarro e tentei acalmar-me para depois poder voltar à mesa das negociações e ultrapassar aquele obstáculo de última hora. Quando quis regressar, não encontrava o caminho de volta. O meu sentido de orientação é péssimo. Sempre foi.

Estava completamente perdido dentro das instalações do BES quando passei por uma sala e Joaquim Góis viu-me. Achando que me ia embora, ele veio ter comigo e disse-me: «Por favor, presidente, não se vá embora, porque já ficou tudo resolvido com o Miguel. Não precisa de pedir desculpa a ninguém.»

Eu não estava a dirigir-me para a rua, mas, como aquilo era uma negociação

importante e a ofensa não tinha sido menor, dei a entender o contrário. «Tem a certeza? É que a situação que se passou foi grave. E eu não vou fazer qualquer pedido de desculpa por causa das chantagens que ouvi ali dentro.» Em suma, não dei o braço a torcer. Até porque não tinha de o fazer. Apresentar uma exigência daquelas, após tantos meses de negociação, depois de toda a saturação que isso provocou nos diferentes envolvidos, só servia para uma reação daquelas. Mas lá voltei a entrar na sala com a garantia de Joaquim Góis de que tudo estava tratado. Só que eu precisava de ouvir isso da boca do próprio Miguel Maia. Ele falou entredentes e eu nem consegui perceber muito bem. «Peço desculpa, mas não ouvi o que o senhor disse», respondi, reagindo ao som abafado que tinha saído da boca de Miguel Maia. Após três tentativas falhadas, ele lá conseguiu dizer, de forma audível, que eu não precisava de fazer qualquer pedido de desculpas ao Millennium BCP e que a situação estava ultrapassada.

Assim que ele disse aquilo, cumprimentámo-nos cordialmente. Como se aquele episódio de grande tensão não tivesse acontecido. Esse é um aspeto interessante das negociações. Podem ser muito duras, mas quando se atinge uma plataforma de entendimento, as pessoas são educadas umas com as outras. Porque, por norma, não há ali nada pessoal. Cada um está a representar a sua instituição e a defendê-la da melhor forma que pode e sabe. E, pela parte que me tocava, esse acabou por ser um dia muito importante na história do Sporting Clube de Portugal. Um momento absolutamente fundamental para a recuperação que o clube encetou a partir daí. Em todos os setores.

Basta recordar que, mais tarde, em 2018, fomos campeões em todas as modalidades excetuando no futebol profissional masculino. Também convém lembrar que, durante a nossa administração, fomos capazes de recuperar modalidades históricas do Sporting, como o hóquei em patins ou o voleibol, e fazer uma forte aposta no projeto paralímpico, que será sempre um dos meus maiores motivos de orgulho do tempo em que fui presidente do Sporting.

Aliás, nesse período, ganhámos sete títulos europeus: três no atletismo, um no hóquei em patins, outro no andebol e um no goalball (modalidade de desporto adaptado). Encontrámos um clube à beira do precipício e com tudo encaminhado para acabar devido à gestão ruínosa de grande parte das direções que nos antecederam. Com esforço, dedicação e devoção, lembrando a base do lema do Sporting, conseguimos uma recuperação histórica. Mas tudo estava preparado para que não fôssemos capazes. Para fracassarmos e sairmos mesmo antes de começarmos.

Tornei-me presidente do Sporting a 23 de março de 2013, um sábado, e a tomada de posse ocorreu a 28 do mesmo mês, uma quarta-feira. Porém, dirigi-me a Alvalade logo dois dias após a minha vitória, na segunda-feira, a pedido da direção que estava a cessar funções. Disseram-me que existiam assuntos que tinham de ser resolvidos de imediato.

Com a ingenuidade de querer servir o Sporting, e sem perceber muito bem o que estava a acontecer, aceitei ir, para saber o que se passava e o que podia fazer para começar a ajudar. Mal cheguei, fui confrontado com duas situações distintas e totalmente anómalas. Primeiro, informaram-me de que o clube tinha dois diretores financeiros, algo realmente estranho. Explicaram-me que tinham nomeado uma segunda pessoa para o cargo, a Patrícia Martins, sem despedir o Carlos Fonseca, que estava no lugar antes dela. Por isso, os dois dividiam as funções. Só esta situação era um exemplo do amadorismo com que o Sporting foi governado durante o período de Godinho Lopes. Resolvi o problema mais tarde. Como? Muito simples. Afastei os dois.

Porém o segundo dossiê era bem mais complicado. Percebi que a pressa deles para que eu comesse a trabalhar antes de tomar posse era, na verdade, um presente envenenado. Com toda a calma do mundo, disseram-me que tínhamos até ao final desse dia para fazer um pagamento de mais de 3 milhões de euros, de forma a podermos entrar nas competições europeias da época seguinte, caso conseguíssemos ficar nos lugares de acesso (algo que, infelizmente, não aconteceu, porque terminámos o campeonato na sétima posição). Ouvi aquilo e dirigi-me às pessoas: «Muito bem, então tragam-me os cheques para fazermos o pagamento dessas dívidas e podermos entrar na Europa.» Resposta: «Podemos trazer os cheques, claro, o problema é que não há dinheiro para pagar.» Ou seja: o Sporting, quando cheguei, nem sequer tinha 3 milhões para conseguir ir à Liga Europa, caso atingisse resultados que o permitissem. Um clube de dimensão mundial podia ficar de fora do futebol internacional porque a direção anterior nem teve capacidade de acautelar essa situação.

Percebi logo ali que tudo estava montado para que eu e a minha direção não tivéssemos quaisquer condições de governabilidade. O intuito era que nos afastássemos, provocando novas eleições, de modo a que o Sporting pudesse voltar a ser controlado pelos velhos poderes que, em primeiro lugar, tinham conduzido o clube àquela situação caótica.

Ainda nem tinha chegado a presidente e já estava com um enorme problema entre mãos. Fiz vários contactos com o BES e com o Millennium BCP e consegui a verba necessária para efetuar o pagamento. A primeira prova de fogo estava superada ainda antes de ter sido oficializado como líder diretivo. O Sporting tinha agora a garantia de que poderia ir à Liga Europa, caso a equipa conseguisse qualificar-se.

Mas isto foi apenas um pequeno obstáculo comparado com tudo o que veio a seguir. Já depois da tomada de posse, tive a primeira reunião com os bancos credores em Alvalade. Foi aí que me apresentaram a proposta de reestruturação financeira elaborada em conjunto com a direção de Godinho Lopes. Uma completa aberração. Sem querer estar a entrar em detalhes maçudos sobre questões económicas, posso apenas dizer que aquele documento era meio caminho andado para o fim do Sporting. Era uma má proposta para todas as partes. Especialmente para o Sporting. Anos depois, alguns disseram que eu herdei a reestruturação de Godinho Lopes e limitei-me a assinar. Nada de mais falso.

Quando me pediram para analisar aquele documento, disse de imediato que não era uma solução para o universo Sporting. Todos os pressupostos estavam errados. Aquilo servia apenas para limpar as dívidas da SAD, provocando um aumento de passivo do clube em mais 120 milhões de euros além do que já existia. Lembro que esses 120 milhões eram o valor que ainda estava em dívida à banca pela construção do novo Estádio José Alvalade. A reestruturação que estava pensada era apenas destinada à SAD e para resolver os problemas de tesouraria por uns dias. E nós exigíamos uma verdadeira reestruturação. Para todas as partes do Sporting: SGPS, SAD e clube.

Ora, não é preciso fazer muitas contas para se perceber que nenhum clube no mundo pode algum dia abater uma dívida na ordem dos 120 milhões de euros. O que dá dinheiro é o futebol profissional e esse pertence à SAD. As modalidades nunca poderiam gerar receita para pagar um milésimo desse valor. E também achava muito difícil que os bancos aceitassem esse ponto, com a passagem da dívida para o clube, porque, dessa forma, jamais receberiam o que lhes era devido. Não fazia qualquer sentido. E os mesmos bancos propuseram algo que fazia parte do plano de Godinho Lopes: terminar com todas as modalidades, ficando apenas o futebol e o futsal, que também deveria passar para a SAD. No fundo, uma traição absoluta ao ecletismo que sempre distinguiu o Sporting no panorama do desporto internacional.

Por este e por outros motivos, nem posso dizer que a nossa reestruturação fosse um melhoramento da versão delineada por Godinho Lopes. Essa era para rasgar e deitar fora. Fizemos tudo de raiz. E a nossa ideia nunca foi acabar com modalidades, mas sim trazer outras de volta para juntar às existentes. Algo que foi alcançado de forma exemplar. Durante a minha presidência, passámos de 35 para 55 modalidades.

Nós queríamos ser o motor de um verdadeiro documento de reestruturação financeira em que o Sporting se responsabilizava a pagar as suas dívidas, mas de uma forma sustentável para o clube, que garantisse um futuro mais independente dos credores, ao invés de ficar ainda mais refém dessas dívidas.

A primeira reunião acabou mal. Estávamos a ser muito pressionados para assinar um documento no qual, entre outras barbaridades, estava incluída a tal proposta para acabar com as modalidades. O BES e o Millennium BCP comprometiam-se a disponibilizar dinheiro de imediato para pagamento de despesas correntes (incluindo os salários de todos os funcionários), se aceitássemos aquilo tal e qual como estava. «Assine e depois logo se vê como podemos alterar. Mas assim, pelo menos, estas situações ficam já resolvidas», disseram-me os responsáveis dos bancos. Traduzido: eu assinava e deixava o Sporting ainda mais enclausurado do que já estava, hipotecando qualquer hipótese de crescimento no futuro. Aquela insistência irritou-me e aponteí o caminho de saída de Alvalade aos membros da banca que ali estavam: «Podem sair exatamente pela mesma porta por onde entraram.»

Essa minha atitude originou várias queixas da parte deles. Ligaram a elementos da minha administração dizendo que eu os tinha expulsado de Alvalade e que não dei qualquer importância à reestruturação por eles apresentada. Disseram ainda que só queriam ajudar e eu é que estava a dificultar, e que eu é que estava a pôr o futuro do Sporting em causa, entre outras coisas do género. A verdade é que eu olhava para tudo aquilo e não conseguia vislumbrar nada além de um conjunto de más soluções que não serviam para resolver os problemas do Sporting. A minha ideia era clara desde o primeiro momento: honrar os nossos compromissos sem afetar o crescimento sustentado do Sporting.

Passados uns dias, os bancos credores ligaram para o Carlos Vieira, nosso vice-presidente para a área financeira, solicitando nova reunião, mas desta vez a realizar-se nas instalações do BES, em Lisboa. Sítio diferente, final semelhante.

Uma vez mais, os bancos não se moveram um milímetro da posição inicial. Como estava na «casa» deles, não podia convidar ninguém a sair, por isso levantei-me e fui-me embora. Deixei-os a falar sozinhos, porque continuava a acreditar que o caminho era outro. Uma reestruturação que permitisse ao Sporting ter uma gestão equilibrada para poder amortizar não apenas juros (era só o que o clube fazia até essa altura), mas também abater o capital junto dos credores.

Perante estas minhas duas posições de força e coragem, tanto o BES como o Millennium BCP aceitaram que o Sporting tivesse uma semana para apresentar um documento de uma verdadeira reestruturação financeira ao invés daquela maquilhagem malfeita que nos queriam obrigar a herdar. Assim foi.

Durante seis dias e cinco noites, ficámos em Alvalade a trabalhar naquela proposta. Horas a fio, quase sem dormir. Tivemos de ir ao mais ínfimo pormenor nos custos com pessoal e com serviços. A situação financeira do Sporting era tão caótica que não

podemos deixar nenhum pormenor ao acaso. E encontrámos situações absolutamente surreais. Deixo aqui alguns exemplos em números aproximados.

1. O Sporting tinha cerca de 700 funcionários e perto de 5 mil telemóveis associados. O que fiz? Pedi um documento só com os números dos colaboradores para anular todos os outros. Logo aqui houve resistência. Deram-me várias listas até eu ter feito um ultimato: «Meus amigos, ou me dão a lista correta ou mando cancelar os telemóveis todos.» O documento correto apareceu de imediato. Também lhes disse logo que não dava telemóveis a atletas, fossem do futebol ou de outras modalidades. E isso reduziu muito o número que inicialmente estava em cerca de 700.
2. Havia um contrato com uma empresa de leasing automóvel em que tínhamos direito a utilizar 20 carros. Mas o Sporting tinha 42. Ou seja: pagava 22. Desta vez, pedi a lista interna e também a lista ao fornecedor. Escusado será dizer que recebi primeiro a do fornecedor, resolvendo de vez a questão.
3. Havia 200 lugares de estacionamento no estádio negociados para funcionários e colaboradores. Eram utilizados 400. O dobro, somente. Algumas pessoas que não estavam no Sporting há anos ainda tinham cartões de acesso ao parque de estacionamento do estádio para conseguirem pôr lá os carros sem pagar. Como resolvi? Mande fazer cartões novos apenas para os funcionários e os outros deixaram de conseguir entrar.
4. Também nunca tinha visto uma empresa onde se bebesse tanto café. Esta é a realidade: quando cheguei, o Sporting gastava todos os meses mais de 6 mil euros em café para os funcionários. Vi aquelas faturas e nem queria acreditar. Acabou-se logo. Mande instalar umas máquinas e cada um punha a sua moedinha quando quisesse beber café.
5. Agora uma das minhas preferidas. Eram gastos 25 mil euros em arranjos florais para os escritórios de Alvalade. Foi uma importante medida da direção de Godinho Lopes. O clube podia estar falido, mas sem flores é que não podia ser.

Outro problema: o relvado do Estádio de Alvalade. Estava sempre uma desgraça, apesar da larga equipa de responsáveis pelo campo. Tínhamos o José Diogo Salema, que

já estava no Sporting há muitos anos, e ainda outros dois engenheiros subcontratados. Três pessoas de enorme sapiência que nunca conseguiram impedir que o nosso relvado fosse, em muitos momentos, uma espécie de batatal. Algo que, naturalmente, prejudicava muito a nossa equipa e era uma despesa constante. O que fiz? Despedi os três, mandei pôr um relvado novo e nunca mais tivemos problemas.

Sobre José Diogo Salema, há um aspeto importante. Também foi diretor de instalações da Academia durante oito anos. E parece que nunca conseguiu ultrapassar o facto de eu o ter afastado do Sporting. Já depois dos ataques à Academia, deu uma entrevista telefónica à CMTV em que disse que, no seu tempo, o portão da Academia estava sempre fechado durante os treinos da equipa principal. Não é verdade. O portão estava sempre aberto. Só ele poderá justificar porque disse o contrário.

Voltemos à reestruturação. Foi um processo penoso, longo, esgotante, mas imperativo. E obrigou-me a tomar medidas impopulares que deixaram muita gente infeliz. Como aqueles que ficaram sem telemóveis e sem carros. Como tantos outros que viram os seus privilégios reduzidos. A parte do futebol profissional também foi alvo de fortes mudanças. Antes da minha chegada, os atletas do Sporting tinham prémios para o primeiro, segundo e terceiro lugar. Acabei logo com as compensações desta última classificação. Ficar em terceiro era o mínimo. Se só existem três grandes, logo o terceiro lugar não poderia ser premiado. Nunca. A superação tinha de consistir em lutar pelo primeiro e, dado o acesso direto à Liga dos Campeões então em vigor, pelo segundo lugar. Mas sobretudo pelo primeiro.

Ao mesmo tempo, a imprensa divertia-se com especulações sobre pessoas que tinham saído do Sporting devido a supostas incompatibilidades comigo. O caso de Manuel Fernandes foi o mais mediático.

Primeiro: tenho, e sempre tive, total respeito pelo Manuel Fernandes e por tudo o que ele deu ao Sporting enquanto jogador. Uma glória do clube. Segundo: quando cheguei a Alvalade, queria mantê-lo. Queria que continuasse. Mas nunca com o mesmo salário. Não podíamos. Estávamos a fazer cortes em tudo. Falei com ele, em privado, e expliquei-lhe que o Sporting não podia continuar a suportar aqueles valores. Fiz-lhe uma proposta, ele não aceitou, ponto final. Tudo muito simples. Mais tarde, uma frase que eu disse foi deturpada na comunicação social, propositadamente ou não, e isso provocou uma reação dele.

Não gostei de uma declaração do Manuel Fernandes depois de nós empatarmos um jogo com o Maribor na Eslovénia (1-1). Ele disse que o nosso adversário era a pior equipa que estava na Liga dos Campeões. É um símbolo do clube e deveria saber que as suas palavras tinham sempre peso no balneário. Pela positiva ou negativa. E, nesse momento,

como em todos os outros, eu não admitia que atacassem os jogadores do Sporting. Menos ainda quando era alguém que tinha sido nosso jogador, nosso capitão, um símbolo. E que deveria ser o primeiro a ter um discurso diferente.

Tive uma reação muito direta: «Têm sido várias as tiradas do Manuel Fernandes, por quem tenho o maior respeito como atleta. Mas o que ele diz tem tanta validade como eu dizer que é o pior comentador televisivo e que foi dos piores funcionários do Sporting. Ambas são mentira e não têm qualquer interesse.» Claro que esta última parte foi ignorada e quis-se dar uma ênfase às minhas palavras como se eu estivesse a afirmar que ele tinha sido, na verdade, o pior funcionário do Sporting. O Manuel, pelo menos, percebeu dessa forma e reagiu: «Pior funcionário? Isto é do mais baixo que se pode dizer, não é conversa de um presidente do Sporting.»

Tudo ficou resolvido num jantar onde nos encontrámos e em que lhe expliquei aquilo de que não tinha gostado e aquilo que realmente dissera. Ele acabou por perceber e mais tarde regressou mesmo ao Sporting para ocupar um lugar na estrutura do futebol.

Mas este acabou por ser um falso problema criado por alguma comunicação social. E o verdadeiro obstáculo, no início da minha presidência, continuava a ser a necessidade de efetuar uma reestruturação financeira positiva para o Sporting e de lidar com a preguiça de alguns funcionários do clube.

Aqui fica um exemplo: as pessoas do departamento financeiro que ainda lá estavam (antes de eu ter feito as mudanças necessárias) ficavam chateadas comigo quando lhes dizia que tínhamos de fazer horas extra para apurar todas as despesas do clube. Como se o trabalho que tinham feito antes, em matéria económica, fosse exemplar.

Quer isto dizer que, além de trabalharem mal, também não gostavam de trabalhar muito. Claro que não poderia continuar com eles. À medida que o tempo foi passando, e que fui conseguindo criar condições, afastei aqueles que não queriam desempenhar a sua função com rigor, mantive outros que mostraram disposição de mudar e fui buscar pessoas que me davam garantias de maior organização e profissionalismo.

RUI PATRÍCIO E MAIS NINGUÉM

Tinha de lidar com alguma falta de vontade (ou má vontade) de certos funcionários do Sporting enquanto lutava por uma reestruturação financeira que parecia nunca mais ter fim. Nessa altura, colocámos a hipótese de abandonar o Sporting caso o acordo não fosse alcançado. Sem qualquer bluff. Essa era a minha vontade.

Jamais poderia enganar os sportinguistas. Jamais poderia trair aqueles que tinham

votado em mim, que tinham acreditado em mim, que queriam um Sporting diferente. Jamais poderia aceitar uma falsa solução para o nosso clube.

Não era para isso que ali estava. Não era para fazer mais do mesmo. Não era para varrer todo o lixo para debaixo do tapete até não dar mais. Não era para que o Sporting continuasse a ceder aos interesses de outros, pondo em causa o presente e futuro da própria instituição.

Anos mais tarde, numa assembleia geral, disse algo que se tornou marcante na minha presidência e que sempre guindou a minha forma de atuar desde o primeiro dia em que entrei no Sporting.

«Estou disposto a dar o meu corpo, a minha alma ao Sporting Clube de Portugal, mas têm de estar comigo. Nos últimos anos tive duas hipóteses: ou me juntava aos interesses ou me juntava a vocês. Escolhi juntar-me a vocês, agora têm de estar comigo, caso contrário os interesses dão cabo de mim.»

Foi isso que acabou por acontecer anos mais tarde. Mas nunca estive disposto em recuar na minha intenção de lutar por aquilo que entendíamos ser melhor para o Sporting. E nunca cedi às pressões que vinham de vários lados. Incluindo, nessa primeira fase, dos bancos credores.

As coisas iam-se arrastando e o Sporting não tinha dinheiro para nada. Nem para os salários de jogadores. Os bancos jogavam com isso, pensando que não podíamos aguentar muito tempo e que teríamos de aceitar as condições deles se quiséssemos fazer face aos compromissos imediatos do clube. Lembro que quando os clubes estão neste tipo de situações, são os bancos que pagam os salários dos vários funcionários, incluindo dos profissionais de futebol, bem como outras despesas correntes. A certa altura, o BES e o Millennium BCP chegam mesmo a propor pagar apenas o salário do Rui Patrício. Recordo que o nosso guarda-redes era considerado o único jogador vendável por um valor elevado. Mas não fazia qualquer sentido pagar apenas o seu ordenado e não cumprir com os outros jogadores. Recusei. Disse-lhes que ou pagavam a todos, ou então não precisavam de mandar o dinheiro apenas para um atleta. E dei logo instruções ao Carlos Vieira e à Sónia Mougueiro, a nossa responsável de tesouraria, para devolverem de imediato o valor caso entrasse apenas o montante destinado ao Rui Patrício.

É aí que os bancos começam a perceber a minha determinação. Começam a ter noção de que estava ali alguém com conhecimento do que era a realidade do Sporting e que não iria permitir que se tratassem de problemas avulso, mas sim trabalhar para uma solução definitiva e duradoura.

As reuniões demoravam sempre muitas horas. Orgulho-me de dizer que sou daquelas pessoas que não perde resiliência e assertividade com o passar do tempo. Nessas reuniões, aconteceu um pouco de tudo. Tivemos momentos em que algumas pessoas mandavam vir pizzas. Eu dizia sempre o mesmo: «Não peçam para mim. Não estou aqui para comer. Estou aqui para negociar. Os senhores comam à vontade, mas continuemos.» Eles ficavam a olhar, completamente exaustos, mas tinham de ir negociando. Não lhes dava outra hipótese. E não o fazia apenas por estratégia. Não era para vencê-los pelo cansaço. A verdade é que o tempo estava contra o Sporting. Sem a reestruturação nos moldes em que a idealizámos, era impossível continuar o nosso trabalho.

Com o passar do tempo, os problemas foram diminuindo, mas continuava a haver pontos fraturantes. Um dos nossos objetivos era a construção de um pavilhão de primeira linha que pudesse albergar as várias modalidades do clube. Os bancos não queriam. Aliás, relembro que a primeira vontade deles era mesmo acabar com as modalidades. Mas esse era outro ponto que eu jamais iria deixar passar. Estava na altura de o Sporting ter um pavilhão digno desse nome.

«ISTO FOI PARA TRAMAR O SPORTING»

Tinha como medida na minha campanha às eleições de 2013 criar condições para construir o Pavilhão João Rocha. E fizemos mais do que isso. A primeira pedra foi lançada a 27 de março de 2015. As obras arrancaram a 3 de agosto do mesmo ano e o recinto seria inaugurado a 21 de junho de 2017, meses depois de termos sido reeleitos para mais um mandato. Mas não foi uma tarefa fácil. Muito devido à pesada herança de direções anteriores.

Relembro que estávamos numa altura de grave crise económica em Portugal. A primeira pedra foi lançada com a presença das autoridades municipais, mas muitos continuavam a não acreditar que erámos capazes. A verdade é que não sabiam que o Sporting já tinha o dinheiro todo numa conta apenas para aquele fim.

Realizou-se o concurso para saber quem iria ficar com a construção. A Somague ganhou a votação. Antes da tomada de decisão, abandonei a sala porque tinha dois familiares que trabalhavam nessa construtora e não queria que ninguém pensasse que havia ali um conflito de interesses. Para mim era indiferente quem ganhava, desde que realizasse o que estava acordado.

Após ter sido informada de que tinha ganho o concurso, inesperadamente a Somague

enviou um e-mail para o Sporting contrariando os termos estabelecidos. O acordo era chave na mão e eles queriam fazer por série de preço. O que quer isto dizer? Chave na mão é um preço fechado onde o custo é aquele, sem qualquer derrapagem. Na série de preço são estipuladas as verbas dos diferentes trabalhos e no final são multiplicadas pelos respetivos metros quadrados, sendo que o valor final é incerto e sempre muito superior ao que tinha sido negociado e fechado na modalidade chave na mão.

Na sequência desta reviravolta por parte da Somague, foi marcada uma reunião entre as administrações. Quando saímos da reunião, e no percurso para os acompanhar até ao elevador, um dos membros da comitiva da construtora, Rui Vieira de Sá, fez questão de me dizer que também era administrador da SAD do FC Porto. Não sei porque quis dizer aquilo, mas o certo é que, a partir daí, a Somague só trouxe problemas. Deu o dito por não dito, saiu de cena e a obra passou para a empresa Ferreira Build Power. Abrimos uma conta no Santander. Depositámos o dinheiro todo, mas eles só podiam mexer na verba conforme nós fôssemos libertando os autos de medição. Era por isso que eu dizia aos sportinguistas que o pavilhão estava pago. «Vai ser feito. Está pago. Esteja cá eu, ou não, mas o pavilhão será uma realidade.» Porque o dinheiro existia. Era do clube. Mas é evidente que existem sempre aqueles que preferem dizer mal ou falar sem saber.

Neste projeto, eu e todos os sportinguistas teremos sempre de agradecer o enorme trabalho e a extraordinária colaboração do então vice-presidente Alexandre Godinho. Sem a sua dedicação intensa, seria muito difícil termos erguido um recinto que hoje é considerado o melhor pavilhão desportivo de um clube em Portugal e um dos mais avançados da Europa.

Fomos construindo e sentindo a alegria de ver algo que o Sporting nunca teve. É verdade que durante muitos anos jogou na Nave de Alvalade, um pavilhão adaptado que encerrou definitivamente a 4 de janeiro de 2004. E é verdade que os sportinguistas viveram muitas alegrias nesse e noutros espaços. Mas neste novo e moderno pavilhão também já pudemos viver muitas conquistas importantes das nossas modalidades. E deixámos de ter de andar com a casa às costas. Apesar de todas as dificuldades que nos foram aparecendo até à realização desse sonho. No entanto, tinha a certeza de que iríamos conseguir dar aquela obra ao Sporting. Cheguei a dizê-lo: «Pedras no caminho? Vou juntá-las todas para um dia fazer um pavilhão.» Hoje posso orgulhar-me de passar em Alvalade e ver que está ali algo que construímos.

Mas o pavilhão era apenas uma parte. Queríamos começar a construir aquilo a que podíamos chamar Cidade Sporting. Nesse sentido, tive uma reunião com António Costa, quando ele era presidente da Câmara Municipal de Lisboa, para saber onde podíamos construir diferentes áreas.

«Que espaços são estes aqui?», perguntava eu.

«São espaços verdes», dizia ele.

«Então e estes aqui à frente do pavilhão?»

«Também são espaços verdes.»

Foi nesse momento que lhe apresentei outra solução.

«Um campo de futebol também é um espaço verde, correto?»

«Sim.»

Nesse caso, pensei que era possível alcançarmos um acordo. Aqueles terrenos eram do Sporting. E fazia-me alguma confusão não podermos construir nada por causa da lei dos espaços verdes. O que se passou? As direções anteriores tinham pago cerca de 5 milhões de euros à autarquia lisboeta para poderem ter licença de construção e ainda deram terrenos à edilidade. Outro negócio fantástico.

«Então posso construir três campos de futebol, ficar com os direitos de superfície durante cinquenta anos, desde que ponha um horário disponível para a comunidade?», perguntei eu a António Costa.

Ele disse que sim. Entretanto, saiu da Câmara para poder candidatar-se às eleições legislativas e foi Fernando Medina para o seu lugar, que manteve a palavra. Foi assim que o conceito de Cidade Sporting começou a ganhar forma. Agora, naquela área, podemos observar um estádio, uma rotunda, um primeiro campo, um pavilhão e mais dois campos. Voltámos a ser aquele Sporting dono do seu espaço. Fomos capazes de reconquistar essa área na qual tínhamos tanto orgulho no passado e que, infelizmente, devido a decisões ruinosas de outras direções, acabámos por ir perdendo sem verdadeiras contrapartidas.

Mas, no meio deste processo, surgiu uma situação inesperada. Percebemos que, no sítio onde estão agora dois campos, havia uma autorização para construção de dois edifícios. Quando descobri, fiquei todo contente. «Querem ver que isto passou, foi aprovado, e que o Sporting pode aqui erguer edifícios e ficar com uma boa fonte de rendimento?», pensei.

Numa primeira reação, Fernando Medina confirmou: «Pelo que estou a ler, parece que sim.» Depois foi investigar melhor e afinal não podia ser. Porquê?

Em 2002, Godinho Lopes era vice-presidente de José Roquette e tinha o pelouro do património. Foi ele, por intermédio do então diretor-geral do Sporting, Diogo Gaspar Ferreira, que aprovou a passagem, sem que os sportinguistas se apercebessem, da área de construção daquele terreno para o terreno que estava a negociar com a empresa holandesa MDC. Assim, ao Sporting apenas restou um terreno para espaço verde e a MDC ficou com mais área para construir. Através da empresa auditora independente que

realizou a auditoria de gestão, pudemos concluir que esses terrenos foram vendidos por uma verba muito inferior ao real valor de mercado.

Mas há mais. Como se já não bastasse este negócio difícil de compreender (ou não), o Sporting ainda ficara responsável por arcar com as despesas de construção de todas as infraestruturas do terreno pertencente à MDC juntamente com as do pavilhão. Só aí estamos a falar de mais de 2 milhões de despesa para o clube. Expusemos o caso à Câmara de Lisboa e mostrámos que aquilo não fazia qualquer sentido. Quem tinha de construir as infraestruturas eram os donos do terreno e não os antigos proprietários. Lembro-me de que Fernando Medina ficou incrédulo quando lhe explicámos o negócio que tinha sido feito. E foi muito assertivo. Disse que aquilo fora apenas para tramar o Sporting.

«Quero que saia uma carta imediatamente referindo que o Sporting só tem de construir as infraestruturas para o seu pavilhão. As restantes ficam a cargo da MDC, uma vez que os terrenos são deles. Ponto final. É assim que funciona.»

E foi mesmo assim. No entanto, este é apenas um dos muitos exemplos daquilo que encontrámos no Sporting. As tais heranças envenenadas das direcções anteriores: perder dois edifícios, oferecer dois terrenos e deixar acordado que seria o Sporting a ficar responsável pelas infraestruturas do que os outros ali quisessem construir.

Mesmo com tudo isto, o pavilhão foi feito. Está lá. Uma obra que nos provocou grande alegria a cada dia que a víamos erguer-se. Também fizemos o passeio da fama, que tem espaço para continuar a crescer, onde homenageámos figuras importantes da história leonina, inaugurámos uma megastore junto ao estádio e iniciámos a construção do museu interativo do Sporting.

Mas o pavilhão será sempre um dos meus maiores motivos de orgulho do tempo em que fui presidente. O dinheiro para a construção veio de duas fontes distintas: uma parte através de uma dívida que a SAD tinha para com o clube e que fizemos que fosse paga e a outra com a contribuição dos associados através da Missão Pavilhão, uma campanha de angariação de fundos que lançámos.

Tudo junto, permitiu-nos ter a verba necessária para fazer com que o Pavilhão João Rocha passasse do sonho à realidade. Posso dizer que me vim embora do Sporting deixando uma obra completamente desonerada. Está paga. Nos últimos 25 anos, já juntando os meus cinco anos e meio, não vi ninguém dar património ao clube. Menos ainda um pavilhão pago na sua totalidade. E tantas vezes disseram que não passaríamos da primeira pedra. Que era mais uma intenção destinada ao fracasso. O tal pavilhão que os bancos nos queriam proibir de construir quando negociámos a reestruturação.

Contudo, nada disto teria sido alcançado sem a força dos sportinguistas. Durante a

minha presidência, proferi uma frase, noutra momento, que recordarei sempre com carinho porque nunca deixei de pensar dessa forma: «O maior património e ativo do Sporting, que ninguém tenha dúvidas, são os seus associados.»

Em vários momentos utilizei essa força, dos sócios e adeptos do clube, para conseguir o acordo com a banca. Costumo dizer, por isso mesmo, que eles foram fundamentais para que a reestruturação fosse acordada. Por mais do que uma vez, colocámos a hipótese de nos demitirmos e irmos embora porque não poderíamos enganar os sportinguistas. Foi-nos proposta uma reestruturação financeira absolutamente hedionda. E, a cada conversa com os bancos, fiz questão de criar uma parede e mostrar-lhes que eles não estavam a dizer «não» a mim, a uma pessoa, a um presidente do Sporting, mas sim a todo o clube e a todos os seus associados. Eu queria estar nas mãos dos sportinguistas e não na dos credores. Várias vezes, os bancos referiam-se a mim, em tom altivo, como cliente.

«Cliente, eu? Não sou vosso cliente. Estão enganados.»

«Então e o Sporting?», reagiam eles, com pouca paciência.

«Sim, o Sporting é vosso cliente.»

Isto significava o quê? O que queria mostrar eu com isto? Que a minha decisão, se ficava ou não, dependia da celebração daquele acordo. E, se eu saísse, se eu deixasse de ser presidente do Sporting, seria apenas por causa dos bancos. Isto teria de ficar bem claro. Se as coisas não tivessem corrido daquela forma, teríamos de sair. Que não restem dúvidas sobre isso. Não era por uma questão de prepotência. Não era porque nós queríamos assim e não aceitávamos de outra maneira. Era por sabermos que aquela era a única forma que nos possibilitava trabalhar.

A banca, mais tarde, reconheceu isso mesmo. Passados uns anos, chegaram a dizer-me: «Ainda bem que lhe demos ouvidos. Estávamos habituados a receber telefonemas do Sporting todos os dias, sempre a pedir mais verba. Mas convosco isso acabou. Agora somos nós que ligamos a perguntar se está tudo bem.» Respondi-lhes que a ideia de uma reestruturação equilibrada era mesmo essa. Algo para ser cumprido, sem que as pessoas andassem sempre a chatear-se umas às outras. Porque uma coisa era assinar o documento da reestruturação e outra, muito diferente, era executá-la. Antes da nossa chegada, o Sporting também assinou muitos documentos, mas esses acordos deram sempre problemas, porque depois o clube não era capaz de pagar o que ficava definido. E era esse risco que não poderíamos correr.

Fizemos uma reestruturação até 2024. Basta perguntar a qualquer gestor se consegue fazer um planeamento a 10 anos e ele desata a rir. Pode ter uma visão estratégica, mas nunca um plano financeiro elaborado e cumprido rigorosamente. Nós fizemos mais do

que isso. Fomos superando aquilo a que nos tínhamos proposto. Em 2018, já tínhamos amortizado mais dívida do que estava previsto. Isto porque os pagamentos eram indexados ao sucesso e nós estávamos a conseguir verbas superiores às inicialmente planeadas através da Liga dos Campeões e de grandes vendas de jogadores. Os bancos, escusado será dizer, estavam nas suas sete quintas. Viam a dívida ser amortizada e recebiam mais do que meros juros. Perceberam, finalmente, que o caminho traçado foi duro, que as negociações foram complicadas, mas que nós sabíamos bem o que estávamos a fazer.

Sem a reestruturação, naqueles moldes, seria impossível. Mas quando já estava tudo tratado com a banca, tivemos um obstáculo que poderia pôr em causa todo aquele trabalho. No Sporting era assim. A seguir a um problema, vinha logo outro. E este apareceu por causa da Galp.

7. RICCIARDI DE JOELHOS

Estou em Alvalade vai para duas noites e quase três dias. Sempre a trabalhar e quase sem dormir. Ligam-me da Galp e perguntam-me se posso ir às instalações deles, ao final da tarde, para nos reunirmos. Trata-se de um assunto fundamental para o Sporting e mais um obstáculo que temos de conseguir ultrapassar numa altura em que a reestruturação financeira acertada com a banca está a ser cumprida. Volto a dizer: estou quase sem dormir. Os últimos dias têm sido passados a tentar encontrar soluções para resolver este problema. Sinto-me esgotado. Mal sinto o corpo. Mas preciso de ir. Tenho de ir.

Era este o meu estado quando comecei a resolver um caso com quase duas décadas entre Sporting, Galp e Câmara Municipal de Lisboa. Existia um contrato em função do qual a petrolífera tinha adiantado 5,25 milhões de euros ao clube para um posto de abastecimento na Avenida Santos e Castro, junto ao Estádio de Alvalade, que nunca foi construído.

Não havia um prazo para realizar a obra, mas, passados cerca de 20 anos, a Galp perdeu o interesse naquela bomba de gasolina e preparava-se para acionar uma garantia bancária de forma a reaver a verba que tinha avançado ao Sporting. Tratava-se de uma garantia first demand. Quer isto dizer que pode ser apresentada ao banco e é paga na hora, sem qualquer questão.

O problema é que essa intenção da Galp seria catastrófica para o Sporting. Além da reestruturação, também estávamos no processo de angariação de fundos para construirmos o pavilhão e esta exigência poderia pôr tudo em causa. Tínhamos interposto uma providência cautelar para que a Galp não pudesse exercer a garantia bancária, mas perdemos.

Antes disso, chegámos a pedir-lhes a extensão do prazo de modo a que a situação pudesse ser resolvida pelas três partes: Galp, Sporting e Câmara Municipal de Lisboa, que também fazia parte deste negócio. Mas a Galp não quis. Estava pronta para exercer a garantia. Até que chegou o dia da reunião.

Cansado, derreado, depois dos tais dias quase sem dormir e sem ir a casa, fui às

instalações deles juntamente com Carlos Vieira, nosso vice-presidente, e Helena Morais Jordão, do departamento jurídico. Fomos confrontados por uma equipa da Galp composta por Tiago Câmara Pestana, membro da comissão executiva, um responsável jurídico e outra advogada.

Sentei-me num lugar perto de uma janela por onde entrava o sol. E aquele sol a bater-me na nuca estava a saber-me muito bem. Eles começaram a falar num tom de alguma animosidade, dizendo sempre que iriam exercer a garantia, até que Câmara Pestana se dirige a mim e pergunta: «O que quer fazer?» Ao que respondi: «Quero aproveitar bem este sol porque é uma forma de embalar e dormir um bocadinho.»

Quis dar outro tom à conversa para perceberem que aquela hostilidade não era a melhor solução. Porém eles mantiveram o mesmo registo. Chamavam «grande derrota do Sporting» à decisão desfavorável sobre a providência cautelar e continuavam a pressionar. Diziam que a garantia iria para a frente e voltavam ao mesmo. Como se eu não estivesse a ouvir bem.

«O que quer fazer? O que quer fazer? O que quer fazer?» «Neste momento só quero ir para casa dormir um bocadinho porque estou mesmo muito cansado. Não tenho muito mais a dizer.»

Foi nessa altura que Câmara Pestana recordou uma entrevista minha na qual eu tinha dito que a cobrança desses 5,25 milhões por parte da Galp colocava em perigo todo o processo de reestruturação financeira do Sporting e podia, inclusivamente, deixar o clube em situação de falência.

«Sim, é verdade, eu disse isso», expliquei. «Mas está a esquecer-se do resto da frase.»

«Ai sim? Então diga lá qual foi», respondeu ele, em tom de alguma desconsideração.

«Que moro ao pé do Estádio de Alvalade e que vou continuar a ir calmamente para a minha casa e a fazer a minha vida, mas tenho algumas dúvidas de que, nos próximos meses, algum posto da Galp possa funcionar, uma vez que a Galp ficaria com a responsabilidade de ter hipotecado o futuro de um clube que é uma das maiores instituições do país, e que está em franca recuperação económica e desportiva, ao ter comprometido uma negociação de quase um ano com a banca, com vista à sua reestruturação financeira.»

Uma vez mais, tive de usar a força da massa adepta do Sporting para perceberem a gravidade da decisão que se preparavam para tomar.

E eles bateram na mesma tecla.

«Então o que quer fazer?», continuava a perguntar Câmara Pestana.

«Quero ir para casa com o documento que tínhamos pedido à Galp relativo à extensão

do prazo, para resolvermos esta situação em conjunto com a Câmara de Lisboa.»

O membro da petrolífera respondeu que isso não seria possível, porque a decisão já estava tomada pelo Conselho de Administração da Galp e que não via outra forma a não ser executar a garantia bancária.

«Pronto, é uma maneira de você encarar as coisas», disse-lhe. «Eu não trataria o assunto desta forma, porque não é bom para nenhuma das partes, mas tudo bem. Você é que sabe.»

Nessa altura, enquanto o tom ia escalando, o responsável jurídico da Galp pede para sair da sala e refletir sobre a situação. No período em que ele esteve ausente, continuei ali com aquele sol a bater-me na nuca e apelei, uma vez mais, à compreensão de Câmara Pestana.

«Se fizer a carta, comprometo-me pessoalmente a intervir na negociação com a Câmara Municipal de Lisboa de modo a podermos resolver isto entre a três partes.»

Transmiti esta minha vontade por mais do que uma vez, mas recebi sempre o mesmo desprezo do outro lado. Até que entrou o responsável jurídico.

«Estive a pensar na proposta que podia apresentar à minha administração», começou por dizer. «O que vou propor é sem nenhum compromisso, mas...»

Nesse momento interrompi-o. «Há uma dívida que vocês têm para com o Sporting de cerca de 1,5 milhões de euros relativa às rendas da bomba junto ao estádio, e espero que essa nova solução não ponha em causa esse pagamento», lembrei, referindo-me a um acordo entre a Galp e o Sporting, também com muitos anos, relativo à exploração desse outro posto de abastecimento.

«Já vi que não lhe escapa nada», reagiu ele, bem-humorado. «Bem, nós redigimos o tal documento que o Sporting pediu, mas é fundamental que o doutor Bruno de Carvalho se comprometa a intervir pessoalmente neste assunto junto da Câmara para que seja possível chegar a um entendimento.»

«Pois, olhe que eu já disse isso ao seu administrador várias vezes.»

Câmara Pestana, com um ar muito zangado, confirmou.

«Sim, o senhor Bruno de Carvalho já disse isso, mas eu não acho que seja uma boa solução.»

«Bem, como está a ver, devia-me ter dado ouvidos», disse-lhe.

A seguir dirigi-me ao responsável jurídico: «Sim, eu aceito essa solução. Fale então com a sua administração e amanhã diga-me como ficamos, porque estou mesmo muito cansado e preciso de ir para casa.»

Na manhã seguinte, tínhamos o aval da administração da Galp. O que significa que um problema com cerca de 20 anos estava a começar a ser bem resolvido com a melhor

solução para o Sporting.

Fizemos a reunião na Câmara de Lisboa, com o presidente Fernando Medina, Câmara Pestana, por parte da Galp, e técnicos da autarquia e da petrolífera. Correu muito bem. Medina deixou bem claro que não valia a pena que a Galp andasse a pressionar o Sporting com prazos porque aquele era um assunto que a empresa teria de resolver diretamente com a autarquia. Quando saímos da reunião, Câmara Pestana ficou sozinho comigo e falou num tom muito mais amigável.

«Não sabia que se dava tão bem com o presidente da autarquia. Podíamos ter resolvido isto de outra forma.»

«Os senhores podiam não saber, mas também podiam ter-nos dado ouvidos antes. Porque já vos tínhamos pedido, mais do que uma vez, para realizarmos esta reunião em conjunto», disse-lhe eu, recordando-o de que sempre houve, da parte do Sporting, grande disponibilidade para tratar do assunto de uma forma que servisse todos os envolvidos.

Cerca de dois meses depois, recebi a informação de que havia fumo branco. A Câmara de Lisboa e a Galp tinham arranjado uma solução para fazer a bomba de gasolina noutro lado. Porém, esta nova concessão não cobria a totalidade dos 5,25 milhões de euros.

Ficavam ainda a faltar perto de 750 mil euros. Uma vez mais, era uma forma de a Galp não nos pagar a totalidade dos 1,5 milhões que nos devia e ainda tentar cobrar-nos o valor remanescente da verba que tinham adiantado anteriormente. Liguei a Fernando Medina.

«Quero dar-lhe os parabéns porque lhe saiu a sorte grande. Quer dizer que será a Câmara a pagar à Galp os cerca de 750 mil euros de diferença na nova concessão?»

Ele riu-se e pediu-me para esperar umas horas. Nesse mesmo dia, a responsável jurídica do Sporting foi ter comigo e disse que já tínhamos uma resposta da Câmara. «Uma proposta muito boa», referiu ela. Mas neste nova hipótese continuavam a faltar 250 mil euros. Voltei a ligar a Fernando Medina.

«Uma vez mais, dou-lhe os parabéns porque terá de pagar à Galp os 250 mil euros em falta.»

Voltou a rir-se e pediu-me mais um tempo.

Ao final do dia, recebemos a notícia de que havia um acordo entre a Câmara Municipal e a Galp que cobria a totalidade do valor. Ou seja: o assunto estava resolvido. Passados quase 20 anos, conseguimos que a Galp não exercesse a garantia dos 5,25 milhões, não lhes ficámos a dever nada e ainda tínhamos a receber da parte deles cerca de 1,5 milhões.

Mas esta negociação demorou muito tempo. Tal como outras que tive no Sporting,

também conheceu vários avanços e recuos. Foi preciso ter muita paciência, criatividade e perseverança. Neste aspeto, o Sporting também deve estar grato à intervenção de Fernando Medina desde o primeiro momento.

Em todos os processos de recuperação financeira que efetuámos no Sporting, algumas pessoas exteriores à administração foram importantes pela disponibilidade que mostraram. Outras ficaram apenas com a fama.

«LARGUE-ME AS PERNAS, POR FAVOR»

Vamos quebrar um mito: José Maria Ricciardi não teve qualquer influência na reestruturação que alcançámos com a banca. Na altura, ele era presidente do Banco Espírito Santo Investimento (BESI) e esteve em algumas reuniões, a meu pedido, mas manifestou sempre grande desconhecimento dos assuntos que estávamos a debater. Portanto, a ideia de ter ajudado o Sporting nesses assuntos não é real, embora ele nunca tenha mostrado problema algum em ficar com esse rótulo.

O administrador do BES que esteve sempre a trabalhar com o Sporting foi Joaquim Góis. Por isso, também estranhei quando, mais tarde, o BES fez um comunicado dizendo que a intervenção de Ricciardi foi fundamental para o acordo. Não foi. Pelo contrário. Aliás, não tenho qualquer problema em dizer que ele era uma das pessoas que queriam que nós caíssemos pouco tempo depois de termos tomado posse.

Nas reuniões em que esteve presente, mostrava estar completamente por fora de todos os assuntos. Em certas alturas, virava-me para ele e perguntava: «Mas isto foi o que nós negociámos?» Ricciardi respondia: «Pois, olhe, você não negociou nada comigo.» «É verdade, tem razão. Joaquim, isto foi o que negociámos?» E Ricciardi ali ficava, com ar simpático, a ouvir, mas pouco mais.

Também não tenho dúvidas de que, mesmo depois de alcançarmos a reestruturação, ele não era muito favorável. Passados uns meses, porém, parecia ter mudado de opinião e confessava estar rendido ao nosso trabalho. Numa dessas ocasiões, vivi uma história bizarra com ele. Estávamos na sala da direção, em Alvalade, com a porta aberta, a falar normalmente. De repente, põe-se de joelhos à minha frente e agarra-me nas pernas.

«Perdoe-me, perdoe-me. Estava tão enganado ao longo destes últimos vinte anos. Cometemos tantos erros. Obrigado por tudo o que está a fazer pelo Sporting», dizia ele.

Fiquei atónito com aquela reação: «Ó homem, está tudo perdoado, mas, por favor, levante-se do chão. Passa aqui alguém, veem-no de joelhos e ainda ficam a pensar outra coisa. Largue-me as pernas, por favor.»

Ele lá se levantou e parou com aquela figura. Quem é que imagina um homem como Ricciardi, de joelhos, a pedir desculpa? Mas é uma realidade. Venha ele desmentir ou não.

E porque é que mais tarde perdi o apoio dele? Porque não renovei uma segunda vez com Jorge Jesus. Era algo que ele queria muito e que me estava a pressionar para fazer. A verdade é que ele e o Jorge passavam muito tempo juntos. Em muitos almoços. Eram amigos.

Mas por aqui se pode ver que, na verdade, nunca tive qualquer apoio dele. Quando as pessoas que dizem estar connosco chegam a estas miudezas para justificar o seu afastamento (como a renovação ou não de um treinador), é porque nunca nos apoiaram.

Eu sabia, perfeitamente, que muitos daqueles que votaram em mim nas segundas eleições, em 2017, saltariam fora à primeira oportunidade. Foi o caso de Ricciardi.

Os primeiros problemas que tive com ele começaram a surgir na altura em que eu passava muito tempo no hospital com a minha mulher de então. Estava a viver momentos de grande aflição por causa da sua gravidez de risco. Os médicos diziam que havia uma forte possibilidade de a nossa filha não sobreviver. Foi o momento mais complicado da minha vida. E, num desses dias, fui brindado com umas declarações de Ricciardi à comunicação social em que me lançou fortes ataques, dizendo que eu deveria abandonar a presidência do Sporting. Este era o mesmo homem que se tinha ajoelhado tempos antes perante mim. O mesmo homem que me fazia rasgados elogios.

Ao ver aquelas palavras, liguei-lhe. «Mas o que é isto? Como é que isto é possível? Dávamo-nos tão bem e agora vem dizer estas coisas sobre mim?»

«Desculpe lá, estava cansado da viagem. Tinha acabado de chegar de Nova Iorque», tentou justificar-se. «Mas não vou dizer mais nada. Jamais estarei contra si. Só que mandei-lhe uma mensagem sobre a renovação do Jorge Jesus, você não respondeu e fiquei lixado.»

«Então eu ando aqui a resolver os assuntos do Sporting, não lhe respondo a uma mensagem sobre o treinador, e você decide logo atacar-me na comunicação social e dizer que eu devo sair?»

Lá continuou a desculpar-se até desligarmos, mas percebi logo que, a partir desse momento, ele só queria ver-me fora do Sporting.

A gota de água terá sido por causa de um negócio relacionado com um empréstimo obrigacionista do Montepio que ele queria assessorar. Nós analisámos a proposta e recusámos. A partir desse momento, Ricciardi iniciou uma campanha vergonhosa contra mim e contra a restante administração do Sporting.

Já o disse antes e volto a afirmar: não tenho qualquer dúvida de que ele é o grande

estratega de uma série de acontecimentos que levaram à nossa destituição. Foi o responsável por criar um clima de terror à nossa volta e por virar muitas pessoas contra nós. No meu tempo enquanto presidente, nunca deu nada ao Sporting, apesar de ter feito muitas promessas. Já aqui falei sobre os tais 15 milhões que ele disse que arranjava antes de renovarmos com o Jorge Jesus na sua primeira época como treinador do Sporting. Chegou a jurar: «Avancemos sem medos.» Claro que o dinheiro nunca apareceu.

Este é apenas um exemplo da sua forma de atuar. Ricciardi faz parte integrante dos interesses que estiveram sempre à espreita no Sporting, à espera do momento em que pudessem sair da hipocrisia para tentarem voltar a tomar o poder. Durante a minha presidência, proferi uma frase que se aplica perfeitamente a Ricciardi: «Este clube é autofágico, de debaixo de cada pedra saem sempre dezenas de lacraus.»

Foi bastante duro ter de travar tantas batalhas com inimigos internos do Sporting, ao mesmo tempo que tentávamos lutar pela transparência e verdade desportiva no futebol português e internacional.

TODOS CONTRA O VAR

Desde o momento em que chegámos ao Sporting, sentimos que a nossa missão era mais do que ajudar o clube a prosperar. Também tínhamos a intenção de contribuir para um desporto mais justo, moderno e transparente. Podemos orgulhar-nos de termos estado na linha da frente em várias matérias que acabaram por vingar: a luta contra a existência de fundos de jogadores, que tinham uma influência nefasta em muitos clubes, e a vontade de ver o vídeo-árbitro (VAR) entrar no futebol. Ambas aconteceram. E hoje muitos dizem que sempre defenderam tais medidas (nomeadamente o VAR), mas não foi bem assim.

Cheguei a ter uma reunião na UEFA, com o então presidente Michel Platini, em que levei um dossiê com um conjunto de 20 propostas para implementar no futebol, sendo que as duas mais importantes eram precisamente sobre os fundos de investimento e o VAR. Platini também convidou o presidente da FPF, Fernando Gomes. Durante o tempo em que estivemos reunidos, os dois mostraram-se sempre contra a introdução do VAR. Usavam aquele velho argumento de que o futebol estaria morto se as pessoas não pudessem continuar a discutir o que era ou não era penálti, o que era ou não era fora de jogo. A certa altura, Platini chega mesmo a tentar fazer-me mudar de assunto.

«Tem aí tantas medidas nas quais estamos de acordo e está a insistir na única que

não me agrada.»

«Precisamente por isso», disse eu. «O VAR vai ser uma realidade. Os adeptos vão exigir esta tecnologia pela verdade desportiva e será inevitável.»

Fernando Gomes, repito, esteve sempre alinhado com Platini. E mais tarde quase que foi apresentado como um dos pioneiros do VAR quando esta tecnologia foi introduzida no campeonato português.

Nessa altura, também tive reuniões com a Associação de Ligas Europeias (ECA) e com a FIFA. Apenas Sepp Blatter, que era o presidente deste último organismo, se mostrou favorável ao VAR. Antes de ter estado com Platini, fui recebido por Gianni Infantino (o atual presidente da FIFA era então secretário-geral da UEFA) e também ele estava com muitas dúvidas em relação à introdução do VAR.

Já depois disso, houve um momento interessante, durante uma das edições do congresso internacional «The Future of Football», iniciativa anual promovida pelo Sporting, durante a nossa direção, para debater temas e tendências relacionadas com a realidade vivida dentro e fora do terreno de jogo. Perguntei a um elemento do International Board (organismo responsável pelas regras do futebol) se estava previsto que os adeptos pudessem ver nos ecrãs do estádio as mesmas imagens do VAR, tal como já acontece na Major League Soccer, dos Estados Unidos. Ele disse que sim. Fernando Gomes, que também estava presente, disse que não. «Temos aqui um problema», brinquei eu com o membro do International Board. «Então você diz uma coisa e o presidente da Federação Portuguesa defende outra?»

Ele explicou que cada federação é autónoma sobre esta matéria e pode decidir o que quer fazer, mas não há nenhum impedimento, da parte do International Board, para que essa solução seja integrada. Fernando Gomes torceu o nariz. Foi quase sempre assim em relação a todas as ideias, medidas, propostas e denúncias feitas pelo Sporting por mim presidido. Aquilo que expúnhamos nunca merecia a atenção do presidente da Federação. E ainda era pior quando apresentávamos situações sobre possíveis práticas menos corretas dos nossos rivais.

«VAMOS INDAGAR»

O caso dos vouchers do Benfica foi um dos mais polémicos durante o tempo em que presidi ao Sporting. A 5 de outubro de 2015, fui ao programa Prolongamento, da TVI24, e mostrei uma oferta que, segundo me disseram, o Benfica dava aos árbitros no final de cada jogo da equipa principal e da equipa B. Era um kit Eusébio que, entre outras coisas,

continha um voucher para refeições que podiam atingir custos muito acima dos valores previstos no regulamento da UEFA sobre as ofertas de cortesia provenientes dos clubes para outros agentes do futebol. Eis o que eu disse no programa enquanto mostrava o kit que tinha recebido de forma anónima.

«Disseram-me que esta é uma prenda que oferecem aos quatro árbitros, aos dois delegados e ao observador por cada jogo realizado na Luz e no Seixal. São 28 jantares por jogo, quatro a cada elemento. Só em jantares, por ano, deve rondar os 140 mil euros. Em prendas, ronda um quarto de milhão.»

Volto a lembrar que, segundo me disseram, esses jantares podiam ser acompanhados por bebidas que iam desde a água ao vinho. Sem restrições. Pareceu-me que o assunto, no mínimo, merecia ser investigado pelas autoridades desportivas. Mas aqui começa o problema.

Meses antes de ter ido à TVI24, comecei a ouvir umas conversas de bastidores sobre essas supostas ofertas do Benfica. Eis que um dia alguém me envia para Alvalade o material que acabei por levar à televisão. Até hoje não sei quem foi. Esta é a mais pura das verdades. Assim que analisei aquilo, pedi uma reunião com a Federação Portuguesa de Futebol (FPF) no sentido de expor aquela possível prática do Benfica.

Cerca de uma semana antes do programa, fui à Cidade do Futebol e estive com o presidente da FPF, Fernando Gomes, e o secretário-geral do organismo, Tiago Craveiro. Não levei o voucher, mas apresentei a situação. Resposta: «Vamos indagar.» Tanto um como outro tiveram uma reação pouco interessada e nada pró-ativa. Por isso, decidi mostrar o voucher no programa. Esperei pela parte final e partilhei tudo aquilo em direto.

A partir daí, correu muita tinta. O Benfica mostrou-se indignado e logo veio o presidente da Liga de Clubes, Pedro Proença, dizer que as ofertas de cortesia eram normais. O presidente da Associação Portuguesa de Árbitros de Futebol, José Fontelas Gomes, também reagiu.

«Não posso quantificar quanto custa cada jantar, mas posso garantir que os árbitros respeitam integralmente o código ético da UEFA.»

E o que diz esse código de ética? Que o valor máximo das lembranças não pode ultrapassar os 200 francos suíços, o que dá qualquer coisa como 180 euros. Portanto, Fontelas Gomes não sabia o preço dos jantares, mas garantia que os árbitros portugueses não recebiam prendas acima desse valor. Não faz muito sentido.

Na sequência do programa, a FPF solicitou à polícia que averiguasse quanto tinha sido gasto nesses jantares para perceber se, realmente, a prenda do Benfica era superior ao

que estava estipulado no código de ética da UEFA e se os árbitros tinham usufruído dela. Fui então chamado a prestar depoimento. Disseram-me que tinham visto o programa, redigido as minhas declarações, mas mesmo assim insisti em dar mais informações sobre o caso. E assim fiz.

Levei comigo muita documentação, com a legislação geral e desportiva em Portugal, bem como os artigos da UEFA e da FIFA relacionadas com esta matéria. Durante quatro horas estive a explicar qual poderia ter sido a violação do Benfica. No final, um deles disse-me: «Agora, sim. Estamos mais esclarecidos. Vamos ver o que se passa.»

O caso seria arquivado na justiça desportiva portuguesa pelo Conselho de Disciplina da FPF e também pela própria UEFA. Mais tarde, porém, o Ministério Público juntou o caso dos vouchers ao dos e-mails (revelados pelo FC Porto sobre alegadas tentativas de influência do Benfica junto de vários agentes do desporto nacional). É um assunto que ainda não está arquivado. Tal como o caso Mala Ciao, sobre supostos pagamentos e empréstimos de jogadores do Benfica a outros clubes para poder obter vantagens desportivas.

Não digo que o Benfica tenha feito alguma coisa de errado. Também não afirmo o contrário. Simplesmente achei (e continuo a achar) que o caso deveria ser bem investigado. A começar pelas autoridades desportivas do país que, a meu ver, não lhe deram a devida importância.

Devo lembrar que o código de ética da UEFA estabelece o tal valor de 200 francos suíços como limite, mas o código de conduta do mesmo organismo (assinado juntamente com a ECA e o FIFPro, o sindicato internacional de jogadores), aconselha jogadores, treinadores, dirigentes e árbitros a não aceitarem prendas dos clubes. «Não se deixe manipular, diga não a prendas, dinheiro ou apoio», pode ler-se nesse documento.

Em Portugal, tanto a FPF como a Liga de Clubes acharam que não tinha muita importância. O Ministério Público, pelos vistos, pensa de forma diferente.

O certo é que essa minha ação, no programa da TVI24, serviu para tornar as relações com o Benfica ainda mais tensas, numa altura em que eles não tinham ultrapassado o facto de Jorge Jesus se ter mudado da Luz para Alvalade. O nosso treinador era alvo de ataques constantes por parte do clube encarnado e, muitas vezes, saí em defesa dele.

Mal sabia eu que, mais tarde, Jorge Jesus iria fazer as pazes com o presidente do Benfica, Luís Filipe Vieira, e começar a falar com este regularmente enquanto ainda treinava o Sporting. O próprio Jorge Jesus admitiu isso mesmo, numa entrevista, já depois de ter saído de Alvalade para treinar na Arábia Saudita.

A verdade é que me parece que o Jorge nunca conseguiu ultrapassar a forma como saiu do Benfica. Não raras vezes falava comigo, comparando o Sporting ao seu anterior

clube, dizendo que tudo era melhor de onde veio. Fosse a estrutura do futebol, da comunicação ou do marketing. E que o Benfica tinha assim. E que o Sporting também deveria ter.

Aliás, a certa altura, ainda na sua primeira temporada, estava sempre a falar do Benfica nas conferências de imprensa. Essa situação até levou a que algumas pessoas da administração, onde eu me incluo, ficassem fartas de tantas referências ao rival. Queríamos era que ele falasse mais do Sporting e menos do seu clube anterior. Além disso, as constantes comparações também não nos caíam bem. Estávamos a fazer um esforço enorme para dar ao Jorge tudo o que podíamos, tudo o que ele pedia. Mas não parava de nos dizer como era a estrutura do Benfica e que a nossa deveria ser igual. Fiquei com a ideia de que ele nunca aceitou poder trabalhar com uma estrutura diferente daquela que conheceu na Luz e queria transpor isso para o Sporting à força.

E, pelos vistos, ainda quando era nosso técnico, começou a alimentar o sonho de regressar ao clube do qual tinha saído. Creio que esse sentimento justifica muito da sua alteração de comportamento durante a segunda temporada em que treinou o Sporting. Nem parecia a mesma pessoa.

8. «QUERO QUE OS ADEPTOS SE F...»

A 14 de abril de 2017 fomos a Chaves para disputar a 17.^a jornada do campeonato. Desci ao balneário assim que o jogo terminou. Tínhamos acabado de empatar (2-2) com um golo sofrido nos últimos minutos. Nem sequer aproveitámos o empate do Benfica com o Boavista e continuávamos a sete pontos da liderança. Também já estávamos fora da Europa (depois do último lugar no grupo da Champions) e da Taça da Liga. E ainda só íamos a meio da época.

Esta era a segunda temporada de Jorge Jesus e estávamos a fazer uma campanha muito abaixo das expectativas. Antes do arranque da competição oficial, todos dissemos que o objetivo seria fazer melhor do que na época anterior. E na última tínhamos acabado em segundo a dois pontos do Benfica. Portanto, melhor seria ganhar. Melhor seria ficar em primeiro. Fizemos um forte investimento para alcançar esse objetivo. Fomos buscar o Bas Dost, por 10 milhões de euros, que passou a ser a contratação mais cara da história do Sporting, além de outros jogadores que fizeram aumentar muito a massa salarial do plantel. Mas mesmo assim, estava a correr muito mal. Em todas as frentes.

Claro que fiquei frustrado depois do resultado contra o Chaves. Senti que a equipa tinha de render mais e quis manifestar essa minha insatisfação. Mas não entrei no balneário a ofender ninguém. Não chamei «chulos» aos jogadores, entre outras mentiras que pude ler mais tarde em alguns órgãos de comunicação social. Simplesmente disse-lhes que estavam ali adeptos que tinham feito mais de 600 quilómetros para apoiar a equipa. E expliquei-lhes que aquilo não podia ser. Que o jogador mais mal pago do nosso plantel ganhava quase tanto como todos os jogadores do Chaves. E que ao contrário deles, que iriam descansar para o hotel, eu teria de fazer o papel de presidente e juntar-me a centenas de adeptos no aniversário do Núcleo do Sporting de Vila Real, que também estariam muito frustrados com aquele resultado.

Nesse momento, o William Carvalho tem uma intervenção muito infeliz: «Quero que os adeptos se f...» Hoje, acredito perfeitamente que aquele não era o sentimento dele. Estamos a falar de um jogador formado no Sporting, de alguém que sabe perfeitamente

o que é sentir o clube. Aquela frase foi o resultado da frustração. Mas estávamos todos desiludidos e claro que, naquele momento, as suas palavras me caíram mal. Por isso, aí sim, a discussão subiu de tom. Há coisas que para mim são sagradas. Como é o caso dos sócios e adeptos do Sporting. Volto a dizer: são o maior ativo do clube. Nesse momento, disse o que tinha a dizer e voltaria a fazê-lo.

Não fui o primeiro presidente da história a descer ao balneário, depois de um mau resultado, para exigir mais aos jogadores. Nem terei sido o último. A diferença é que, quando isso acontecia com um rival, alguma comunicação social dizia que era um grande ato de gestão. Quando era eu, tratava-se de desrespeito. Foi sempre assim.

Depois do jogo, fui então a Vila Real participar no jantar com cerca de 200 sócios do Sporting que também estavam muito tristes. E ali, uma vez mais, ouvi os lamentos deles. Fui dar o corpo às balas, como sempre fiz, sem que nenhum dos elementos da direção se tenha disponibilizado para ir comigo. Acabei por ir sozinho.

Antes disso, durante a minha ida ao balneário, Jorge Jesus não estava presente, porque ainda cumpria o segundo de três jogos de castigo. Chegou já depois de eu ter saído. Ao contrário do nosso diretor-geral para o futebol, Octávio Machado. Estava lá e assistiu a tudo.

Mais tarde, já depois de ter abandonado as suas funções no Sporting, veio dizer que se o Jorge Jesus lá estivesse eu jamais teria a «veleidade» de entrar e dirigir-me aos jogadores. Outra mentira, naturalmente. A minha ida ao balneário não teve nada a ver com a ausência do Jorge. Teria feito o mesmo com ou sem Jorge Jesus. Aliás, se o nosso treinador estivesse no balneário, a sua obrigação, enquanto líder do grupo, seria não admitir que um jogador falasse dos adeptos daquela forma.

No dia seguinte, os capitães William e Adrien deram uma entrevista à Sporting TV em que disseram que eu tinha ido ao balneário mostrar a minha insatisfação e que houve um diálogo normal. E sim, fizeram-no a pedido da direção, porque era uma forma de mostrarmos que estávamos unidos e focados em melhorar a nossa prestação. Infelizmente, dias depois, também em Chaves, fomos eliminados da Taça de Portugal. E assim ficámos afastados de quase todas as frentes a meio da temporada. Muito por culpa da mudança de postura do Jorge e da influência negativa que o Octávio Machado exercia sobre ele.

O ESTRANHO MUNDO DE OCTÁVIO MACHADO

Ponto prévio: Octávio Machado entrou no Sporting por intermédio de Jorge Jesus.

Somente por ele. Somente por isso. E, aqui, uma vez mais, entramos nas tais conversas da estrutura que o Jorge gostava de ter. Disse-nos que o Octávio era alguém com muita experiência e conhecimento do que era o futebol português, e que o Sporting não tinha ninguém assim, dando sempre o exemplo de como era o Benfica, onde existiam várias pessoas com esse perfil. Defendeu que o Octávio era o homem certo para estar a trabalhar com ele e para o ajudar a pôr o Sporting mais perto dos rivais. Porque o Octávio era fundamental, porque o Octávio era imprescindível, porque os outros também tinham profissionais assim e porque, com ele, seria muito melhor. Não vimos qualquer problema em contratar alguém que era tão importante para o nosso novo treinador e fizemos-lhe essa vontade.

Não demorei muito tempo a perceber, contudo, que o novo diretor-geral do futebol era um elemento altamente perturbador. Todos os dias, por volta das 8h00, punha logo o Jorge fora de si porque começava a ler-lhe tudo o que vinha na imprensa sobre pessoas que poderiam ter emitido uma opinião menos simpática sobre o nosso treinador. «Já viste o que este diz de ti? E este aqui?» Esta forma de estar mexia muito com o Jorge. Estamos a falar de um homem bastante influenciável e sempre muito preocupado com o que os outros dizem sobre ele. Se houver alguém no meio do deserto que diga algo desfavorável do Jorge, ele vai logo tentar uma operação de charme junto dessa pessoa para que ela mude de opinião. Isto aconteceu várias vezes com alguns comentadores e jornalistas. Para o Jorge, a simples ideia de haver uma pessoa que não gosta dele é absolutamente insuportável.

Mas o Octávio, que o conhece há muitos anos, insistia em oferecer-lhe esse relato diário. E, como é um indivíduo muito culto, fazia uma análise profunda de cada uma das frases que, no seu entender, eram dirigidas contra o Jorge.

Não sou homem de fingir. Julgo que o Octávio percebeu desde cedo que, para mim, estaria a mais. Sem querer ser injusto, a verdade é que, nos dois anos em que ele esteve no clube, nunca vi nada do seu trabalho que pudesse constituir uma mais-valia para o Sporting. Disse isto ao Jorge várias vezes. Chegámos a fazer uma viagem de avião inteira em que o assunto era o Octávio. Ele até concordava comigo, mas terminava sempre a dizer o mesmo: «É um elemento fundamental. É um elemento imprescindível.»

E por isso o Octávio lá se ia aguentando. Mas muito contra a minha vontade. Cheguei ao cúmulo de entrar na Academia ou no autocarro do Sporting e ver os televisores sintonizados na CMTV, canal onde o Octávio trabalhou antes de sair do clube e para onde voltou logo a seguir. Tive de dar uma ordem a proibir a emissão de qualquer outra estação a não ser a Sporting TV. Sempre o achei um elemento que só servia para criar agitação interna.

Mais: o Octávio trazia dentro dele algumas ideias estranhas. A partir da segunda época, tanto ele como Jorge insistiam em contar-me como funcionava o futebol português. Diziam que certos clubes conseguiam ter influência junto de outros para vencerem quando jogassem contra eles. E o mesmo, segundo diziam, também era feito quando esses clubes queriam que os de menor dimensão ganhassem a um rival. Ambas as situações, como se sabe, são totalmente ilegais. Os chamados prémios para ganhar ou para perder.

Ao mesmo tempo, diziam que a estrutura do Sporting tinha muito a aprender com os rivais, nomeadamente com o Benfica. Davam o exemplo de que os encarnados compravam quantidades consideráveis de bilhetes dos estádios adversários, quando iam lá jogar, para terem o apoio do seu público, naturalmente, mas acabando, em consequência, por ter influência junto desses outros emblemas.

Também focaram a importância de os clubes se saberem relacionar bem como os árbitros. Aliás, esse foi um dos argumentos utilizados pelo Jorge para contratarmos o Octávio. Porque este conhecia muitos senhores do apito, encontrava-se com eles regularmente e estes respeitavam-no. Porque, com ele, os árbitros não iriam continuar a prejudicar o Sporting. Seriam justos. O próprio Octávio, mais tarde, confirmou essa suposta excelente ligação a vários árbitros.

Cheguei ao ponto de ter os dois a massacrarem-me com estes assuntos. E sempre a sublinharem que o mais importante era conseguir influência sobre os outros clubes. E essa conseguia-se através destas práticas, exemplificando com a tal compra de bilhetes que eles imputavam ao Benfica. «É assim que se faz», contavam eles. E lá voltavam ao mesmo: «Mas a nossa estrutura do futebol não sabe nada. É péssima.»

A certa altura tive de explicar-lhes: «O Sporting é um clube diferente. Jamais, comigo aqui, iria entrar nesse tipo de esquemas. Nem comigo, nem com os meus colegas.»

Ainda assim, eles insistiam. É verdade que nunca me disseram diretamente que o Sporting deveria entrar por vias ilegais. Mas lembravam sempre que era assim que outros faziam. Era uma conversa que me desagradava. E muito. Cheguei a dizer isso ao Jorge. E disse-lhe mais: «Se alguma vez o Sporting entrasse nesses esquemas, e nunca seria comigo, a verdade é que não precisava de si para nada.»

Ou seja: quis dar-lhe a entender que um clube com um dos treinadores mais bem pagos do mundo teria de ser capaz de vencer sem precisar de entrar em jogos de bastidores.

Poderia ser isto uma sondagem dos dois para ver a minha abertura? Eu às vezes faço-me de parvo. Não sei o que era. Nunca quis tirar conclusões precipitadas. Nem quero. Mas posso dizer que o Octávio e o Jorge foram as primeiras pessoas com muitos anos de

futebol de quem ouvi estas conversas sobre jogos para ganhar e para perder. Também é verdade que nunca foram mais além. Nunca passaram do ponto de apenas me contar estas coisas. Podia ser só uma lição. Aliás, ia ao encontro do que o Jorge gostava de me dizer muitas vezes: «Eu sei muito do que se passa no futebol.» Talvez um dia fosse bom ele contar tudo o que diz que sabe porque poderia ajudar a resolver muitos problemas do futebol português. E o Octávio podia fazer-lhe companhia. Os dois, pelos vistos, sabem mesmo muito.

Nessa segunda época, porém, o Octávio esteve bastante tempo ausente devido a problemas de saúde. E convém explicar que a sua baixa médica foi sendo prolongada devido a uma decisão conjunta de Frederico Varandas, então chefe do departamento clínico, e do próprio Jorge Jesus. Porquê? Só os dois poderão explicar, mas a verdade é que a baixa foi sendo estendida, e, conseqüentemente, o Octávio falhou muitos jogos.

Saiu no final dessa temporada depois de me entregar a sua carta de demissão. Recebi-a com agrado, não tenho qualquer problema em dizê-lo. O Jorge veio falar comigo ainda antes desse momento, voltando a afirmar que o Octávio era um elemento importantíssimo, que eu não lhe dava valor, mas que ele deveria continuar. Tenho a certeza de que, nessa altura, o Octávio pensou que poderia entregar-me a carta à vontade e que eu não aceitaria devido à pressão feita pelo Jorge. E que, dessa forma, ele ficaria legitimado para continuar na sua função. Enganou-se. Aceitei a carta no mesmo segundo.

Já depois de o Octávio ter saído, lembro-me de um dia em que o Jorge queria voltar a falar da mesma situação, mas demovi-o de imediato: «Nem comece. Esse assunto já morreu.» E ele nem começou.

Não demorou muito, porém, para que o Octávio voltasse à sua posição de comentador e passasse a aproveitar o tempo de antena para me lançar ataques e dar recados que pareciam ter vindo do Jorge. Não tenho dúvidas que muitas das coisas que o Octávio dizia eram-lhe contadas pelo próprio Jorge.

Confrontei o nosso treinador com esta situação por mais do que uma vez, mas ele ficava calado ou respondia que não tinha nada a ver com o assunto e que o Octávio era responsável pelo que dizia. Depois, vinha o nosso team manager, André Geraldes, falar comigo para me contar que o Jorge tinha ligado ao Octávio muito chateado por causa das coisas que este dizia na comunicação social.

Houve uma altura em que eu queria acreditar na versão do Jorge. A verdade é que ganhei por ele um sentimento de amizade e até de preocupação. E, quando gostamos de alguém, temos tendência para desculpar. Desculpar até às últimas. Dizia a mim próprio: «Se calhar ele não mandou nenhum recado pelo Octávio. Se calhar desabafou alguma

coisa e o Octávio aproveitou.»

Só que, a certa altura, as atitudes do Jorge eram tão negativas, em tantos aspetos, que isso conduziu a um desgaste inevitável da nossa relação. Já disse que a partir de determinado momento ele começou a querer meter-se em todos os assuntos. E algumas dessas intromissões custaram-nos muito dinheiro.

A ESTRUTURA PESSOAL DE JORGE JESUS

Era um dos seus motivos de orgulho nas nossas conversas. O Jorge gabava-se de ter a sua própria estrutura internacional para analisar vários jogadores e, se fosse preciso, contactar diretamente os agentes e os clubes dos atletas nos quais poderia estar interessado. Logo por aqui se pode perceber que esta prática é bastante incompatível com o facto de ser um técnico que está num clube com várias pessoas para se ocuparem dessa função. Porém, isso nunca o demoveu de tentar fazer as coisas à sua maneira. E sempre com o mesmo pretexto: «A estrutura do Sporting não é boa, não confio. Prefiro ser eu.» De todas essas vezes, respondia-lhe o mesmo: «Foi contratado para treinar e não para se meter em mais assuntos.»

Explicava-lhe que o trabalho de negociar era do presidente e da sua administração. Não cabia ao técnico nem à sua equipa externa. Ele argumentava que no passado tínhamos perdido jogadores porque, uma vez mais, a estrutura era fraca e não sabia o que fazia. Dava os exemplos de Danilo, Marega e José Sá, que acabaram por ir parar ao FC Porto. Mas furtava-se a falar de muitos outros, pretendidos por diferentes clubes, que conseguimos contratar. Dizia-lhe que não podia ser assim. Que ele não podia intrometer-se. «Há aqui um presidente e uma direção para fazer esse trabalho. Você diz quem quer e nós tentamos. Nós fazemos o nosso trabalho, você faz o seu.» Ele ouvia sempre o mesmo, mas fazia sempre o mesmo.

O caso mais grave aconteceu com Alan Ruiz. Contratámos o jogador ao Colón, da Argentina, antes do final da primeira época de Jorge Jesus. Tivemos o negócio quase feito por metade do preço até que ele decidiu intrometer-se sem o nosso conhecimento.

Neste tipo de transferências, com jogadores provenientes da América do Sul, os clubes e os agentes já têm tendência a puxar para cima. Pior ainda se aparece o treinador a dizer ao atleta que está perdido de amores por ele.

Eis o que se passou.

O Jorge disse-nos que queria muito o Alan Ruiz. Que era ele e mais dez. Um craque. Que tinha de ser. Um jogador fundamental. Enviámos o Guilherme Pinheiro à Argentina

para falar com o clube e com o jogador. Estava tudo a correr bem. Íamos conseguir um bom valor pelo avançado argentino. Havia apenas uma imposição da parte dele desde o início: poder trazer o irmão para Lisboa, que também era «jogador». Comprometeu-se, inclusivamente, a tirar parte do seu salário para pagar ao seu familiar. Também não seria um problema. Uma vez mais, digo: o Jorge referia-se ao Alan como um *suprassumo* do futebol. E não iríamos deixar o detalhe do irmão, sem qualquer despesa para o Sporting, impedir a mudança do Alan para Alvalade.

Embora a negociação estivesse bem encaminhada, o Jorge decidia ligar ao Guilherme Pinheiro, todos os dias, para lhe «dar moral»: «Não vais conseguir, já sei que não vais conseguir.»

Numa destas conversas, de verdadeiro massacre, foi mais longe. Confessou que já tinha ligado ao jogador para falar com ele. O próprio Alan, depois, também confirmou isso mesmo ao Guilherme. Disse que tinha falado com o treinador e que este lhe revelara que o queria muito. Depois desta intervenção do Jorge, o valor passou para o dobro. Se a ideia era ajudar, só piorou. À conta deste súbito aumento, estivemos quase para deixar o negócio cair. E transmitimos isso mesmo ao nosso treinador. Mas ele lá voltou a dizer: «É o Alan Ruiz e mais 10.»

Acabámos por pagar cerca de 8 milhões de euros para ter o avançado argentino: 4,8 milhões devido à aquisição dos direitos económicos aos quais se somaram 3,2 milhões na rubrica respetiva a outros encargos, relacionados com comissões e prémio de assinatura. Graças a Jorge Jesus e à sua magnífica estrutura.

Ele gostava de lembrar, inclusivamente, que tinha um observador na Argentina, seu ex-jogador, embora nunca me tivesse dito de quem se tratava. Talvez tenha sido esse seu «olheiro» que lhe deu o contacto do Alan Ruiz para ele falar com o jogador e com o seu agente e fazer com que a verba disparasse.

Fizemos essa transferência algo contrariados pelo aumento da verba que se registou após a intromissão do Jorge. Aquele era, até ao momento, o jogador mais caro do Sporting durante a minha presidência (seria depois ultrapassado pelo Bas Dost) e com um valor de comissões e de prémio de assinatura que não tínhamos por hábito praticar.

Por isso mesmo, pedi ao Jorge para assinar uma declaração, de modo a juntar ao processo da transferência, que atestasse que o Alan Ruiz tinha sido um pedido expresso da parte dele. Recusou-se. Alegou que nunca lhe tinham pedido tal coisa. Face à verba que tínhamos gasto eu queria colocar tudo no processo para ser completamente claro e transparente. Pouco tempo depois, infelizmente, começaram a imputar-me supostas irregularidades nesse negócio e também nas transferências anteriores de Montero, Tanaka e Bruno César. Só posso dizer que nunca fizemos algo de errado e sempre

defendemos os superiores interesses do clube. E reafirmo: muito me custou que tivéssemos de pagar tanto pelo Alan Ruiz, que teria sido bem menos dispendioso se Jorge Jesus tivesse ficado quieto.

Essas atitudes deixavam-me triste, mas defendi-o sempre até à última, porque, isso sim, é o que uma estrutura deve fazer. E assumi essa defesa cega, muitas vezes, sabendo que eu próprio não estava a ter o mesmo tratamento. Por exemplo, nunca precisei de ninguém na imprensa para mandar recados ao Jorge Jesus. A certa altura, também começaram a dizer que eu usava o Facebook do meu pai para lançar ataques ao nosso treinador. Outra mentira. Mas é natural que a minha família também sofresse por mim, e tentasse defender-me, ao ver-me dar tudo ao Sporting, dar tudo às pessoas que faziam parte do clube, e receber de volta muita ingratidão. O Jorge foi um desses casos.

Ainda hoje não consigo perceber o que o levou a mudar tanto da primeira para a segunda temporada. Acho que foi um conjunto de acontecimentos. Por um lado, ficou deslumbrado com o futebol que jogámos na sua época de estreia, mas também acusou a frustração de não ter ganho. Pior ainda: viu o seu antigo clube vencer sem ele. Senti que esse campeonato, apesar de fatores externos que tiveram bastante influência no resultado, foi perdido por nós e muito por causa da comunicação do Jorge. Quando somos bons, não precisamos de estar sempre a dizê-lo para rebaixar os outros. Fiz-lhe esse reparo por mais do que uma vez, mas ele não resistia à tentação de tentar inferiorizar o Benfica e com isso conseguiu que o treinador e jogadores do nosso rival ficassem unidos e recuperassem.

Ficar em segundo nesse campeonato foi uma desilusão para todos nós, mas tínhamos de olhar em frente e fazer melhor na época seguinte. Só que esse medo de novo fracasso levou o Jorge a ficar ainda mais nervoso e ansioso. A sua relação com os jogadores começou a piorar. Também me parece que nunca soube lidar com o estatuto de campeões europeus recém-adquirido por alguns elementos do plantel, como Rui Patrício, William e Adrien. Aliás, ele dizia várias vezes que o mérito de Portugal ter conquistado o Euro 2016 era muito mais dos treinadores de clube, como ele, que trabalhavam com os jogadores o ano inteiro, do que do selecionador Fernando Santos.

OS 14 SEGUNDOS DE INGRATIDÃO

Foi por causa de Jorge Jesus que não transferimos o Adrien logo após o Euro. A minha vontade era que ele também tivesse ido com o Slimani para o Leicester. Não apenas pelo encaixe financeiro que isso permitia ao Sporting, mas também por se tratar de um

jogador que estava há muitos anos no clube e que, a meu ver, merecia essa oportunidade naquele momento da sua carreira. O Jorge disse que não podia ser porque já tínhamos ficado sem o João Mário e assim saía quase todo o meio-campo.

Nessa altura houve uma sondagem do Leicester embora nunca tenham oficializado a proposta, mas creio que seria possível caso houvesse essa vontade da nossa parte.

O Adrien saiu mesmo para o Leicester na época seguinte em mais um grande negócio da nossa administração. Cerca de 24,5 milhões de euros (mais 5 milhões por objetivos), tornando-o na terceira transferência mais cara da história do Sporting, atrás de João Mário e Slimani. Infelizmente, o seu novo clube atrasou-se 14 segundos a enviar a documentação para a FIFA e isso fez com que o jogador ficasse meia época sem poder jogar na Premier League e só pudesse ter sido inscrito no mercado de inverno. Uma vez mais digo: deveu-se apenas ao Leicester.

O atraso na inscrição do Adrien começou por causa de uma outra transferência do Leicester, com o médio Drinkwater a mudar-se para o Chelsea quase no fecho do mercado. Se até aí a postura do Leicester era demasiado «descontraída», apenas tentando alterar as condições de compra do Adrien já previamente acordadas, quando concluíram o negócio com o Chelsea começaram finalmente a tratar de uma forma «séria» da compra do nosso jogador. E até o podiam ter conseguido, não fosse a insistência deles em voltarem a redigir o contrato, que já estava assinado pelo Sporting, no papel timbrado do Leicester, tendo assim de se repetir todo o procedimento de assinaturas. Este erro foi tão rudimentar que, ao perceberem que horas eram, acabaram por enviar para a FIFA o documento elaborado inicialmente no papel timbrado do Sporting.

O Adrien esteve sempre ao corrente de tudo o que se passava nas negociações. Eu próprio lhe liguei várias vezes para lhe fazer o ponto de situação. Por isso, não pude deixar de ficar surpreendido quando, meses depois, li uma entrevista do Adrien ao The Guardian, na qual ele deu a entender que eu era o culpado pelo atraso no negócio: «Frustrado? Com o Sporting não. Com o presidente sim, o que são coisas diferentes. Acredito que ele tentou proteger o seu clube. Mas, no futebol, quando se representa um clube, é mais importante proteger a pessoa ou o jogador.»

Respondi-lhe através de uma publicação no meu Facebook que mostrava bem o meu sentimento em relação àquelas palavras injustas e falsas.

«Uma entrevista que espero que esteja mal traduzida, pois ouvir que Adrien está desiludido comigo é para rir ou chorar, dependendo do estado de espírito. Então o novo clube dele é que se atrasou 14 segundos porque não queria assinar a nossa

versão do contrato, pois queriam escrever tudo igual mas no papel do clube deles... Depois, sem termos qualquer responsabilidade, dei ordens ao meu departamento jurídico para ajudar o do Leicester para tentarmos junto da FIFA solucionar o caso... Depois, veio a Lisboa ser homenageado no Estádio onde esteve a conviver comigo e com a minha família. Já para não falar num jogo em que ele saiu de maca e onde havia que analisar se tinha alguma lesão grave ao nível da coluna, e fui eu que estive a seu lado e em contacto durante toda a noite com a família dele a acalmá-los e a fazer-lhes o ponto de situação... Enfim, espero que a tradução esteja toda errada, pois se estiver correta digo já que o Sporting CP falhou muito no trabalho de o fazer um homem. E espero não ter de falar mais sobre este assunto e que Adrien tenha o gesto honesto e de homem de vir emendar toda esta mensagem que saiu e que em nada corresponde à verdade.»

No tempo em que fui presidente do Sporting sempre tratei todos os jogadores como família. Tudo fiz para que nunca lhes faltasse nada. Sempre coloquei o aspeto humano em primeiro lugar. Pena que o Adrien tenha memória curta. Acredito, perfeitamente, que esse período de ausência não fosse fácil para ele, mas não tinha o direito de mentir.

Muito se disse e escreveu que aquela situação foi provocada por exigências de última hora do Sporting, mas a verdade é que os números da transferência estavam acertados quando ele viajou para Inglaterra e não houve, da nossa parte, qualquer alteração ao que ficou previamente combinado.

O Leicester, sim, tentou baixar esse valor, algo que não permitimos. Não sei o que contaram ao Adrien, mas ele tinha abertura suficiente connosco para nos perguntar o que aconteceu.

PRESIDENTE AO SERVIÇO DO TREINADOR

Com Adrien ou sem Adrien, Jorge Jesus era um homem cada vez mais agressivo na segunda e na terceira época. Chegava a ser quase insuportável. Senti que os jogadores estavam a ficar fartos. Não me pediram uma reunião na segunda temporada, mas fizeram-no na terceira. O Rui Patrício chegou a dizer-me que eu defendia o grupo para fora, mas não o fazia internamente. Percebi logo que tinha alguma coisa para me dizer sobre o Jorge Jesus e combinámos agendar um almoço com os capitães, mas tive de adiar o mesmo por causa das complicações relacionadas com o nascimento da minha filha. Mais tarde, a relação com o Rui tornar-se-ia péssima devido às suas atitudes para

comigo, na sequência do primeiro jogo da Liga Europa com o Atlético de Madrid, mas desse assunto falarei mais à frente.

A verdade é que o Jorge estava a desgastar toda a gente e começou a arruinar a nossa confiança no seu trabalho. Passou a tomar decisões por estar mais preocupado com que os outros pensavam dele do que propriamente por achar que eram as melhores para o Sporting. A meio da segunda temporada, quis que fôssemos buscar três jogadores que estavam emprestados: João Palhinha (Belenenses), Francisco Gerdes e Podence (Moreirense). Acredito que viu nesse gesto uma forma de calar os críticos que diziam que ele não apostava em atletas da formação já desde os tempos em que treinava o Benfica. A verdade é que, à exceção do Podence, os outros tiveram poucos minutos de jogo. No final da época, tanto nós como os jogadores ficámos com a ideia de que mais valia tê-los deixado onde estavam (porque jogavam com regularidade) do que travar-lhes a evolução durante aquela meia época em que passaram grande parte do tempo entre o banco de suplentes e a bancada.

Mas assim estava o Jorge. De falha em falha e sempre a exigir mais e mais, criticando tudo e todos à volta dele. Estamos a falar de um treinador que consome toda a gente que o rodeia. Se puder, tem o presidente a trabalhar em exclusivo para ele durante 24 horas por dia. Isso mesmo. Não é ele a trabalhar para o clube. E, apesar de toda a atenção que sempre lhe dei, era difícil fazê-lo perceber que o Sporting era mais do que o Jorge Jesus.

Na primeira época, ele era um treinador e assumiu a sua função na plenitude. A partir da segunda temporada, quis ser mais do que um técnico. Se tivesse mantido o seu comportamento, poderíamos ter alcançado muito sucesso, mas optou por uma maneira de estar muito conflituosa.

Nessa altura, creio que não dei o devido valor a Evandro Mota, consultor motivacional que fazia parte da equipa técnica do Jorge e que saiu antes do início da segunda temporada. Disse-nos que tinha propostas irrecusáveis de trabalho e foi à sua vida sem qualquer problema. Mas a verdade é que o Evandro abandona a estrutura e o Jorge entra em roda-viva. Talvez aquele elemento tivesse a capacidade de saber serenar o treinador.

Outro ponto que também não ajudou: antes do início da terceira época, surge o caso dos e-mails do Benfica dando conta de supostas manobras dos encarnados para alcançarem vantagem sobre os adversários. Para o Jorge era absolutamente insuportável a ideia de que o Benfica não teria precisado dele para ganhar. Mas o certo é que, com muita pena nossa, o rival conquistou dois campeonatos já depois de o Jorge estar em Alvalade.

Apesar de todos os problemas que vivemos com ele nessa segunda época, decidimos

mantê-lo por mais um ano. Era um tira-teimas para percebermos se iríamos voltar a ter o Jorge do início, onde correu quase tudo bem, ou aquele que estava cada vez mais agressivo.

Tive uma reunião com a administração em que decidimos, por unanimidade, dar mais uma época ao Jorge. E fizemos o maior investimento de sempre em jogadores. Voltou a ter, da nossa parte, tudo o que lhe poderíamos dar. Mas logo em janeiro, depois de termos conquistado a Taça da Liga, percebi que não iríamos ganhar mais nada devido à relação cada vez mais tensa que ele tinha com o plantel. Nessa altura, decidi falar com o empresário Vítor Araújo, um amigo dele de longa data que eu também conheço há vários anos. Partilhei com ele a minha preocupação e disse-lhe que o melhor para todas as partes era o Jorge sair. Ele respondeu-me que era uma decisão minha desde que lhe pagássemos o valor da indemnização na totalidade. «O problema é mesmo esse», disse-lhe. «Estamos a falar de muito dinheiro.»

Queria que o Vítor Araújo falasse com o Jorge, uma vez que eram muito próximos, no sentido de tentar alcançar um acordo para reduzir o que tínhamos de pagar ao treinador. Mas percebi logo que não seria por aquela via. E, tal como eu tinha previsto, depois da Taça da Liga foi sempre a piorar até ao fim.

9. SALIVA ELETRÓNICA

Como se não me bastassem os problemas causados por Jorge Jesus a partir da segunda época, ainda tive de lidar com situações surreais provocadas por elementos de outros clubes. Uma das mais mediáticas aconteceu com Carlos Pinho, presidente do Arouca, após um jogo em Alvalade que vencemos por 3-0. Tudo aquilo foi caricato.

Carlos Pinho é muito amigo do Inácio. Devido a essa relação, o Arouca foi um dos clubes que mais ajudámos nas minhas primeiras duas épocas como presidente do Sporting. Colocámos lá vários jogadores por empréstimo. E não era um processo fácil porque alguns desses atletas não queriam ir para Arouca, no distrito de Aveiro, por causa da distância. O Iuri Medeiros foi um dos que esteve lá durante uma época. Depois, quando acabou o contrato de empréstimo, regressou ao Sporting, mas o presidente do Arouca de- sejava voltar a ficar com ele mais uma temporada caso Jorge Jesus não o quisesse no nosso plantel. Só que antes de Carlos Pinho manifestar esta vontade, apareceu outro clube interessado e ao qual dei a minha palavra. E expliquei isso mesmo ao presidente do Arouca.

«Carlos, gosto muito de si, nunca lhe falhei com a minha palavra, mas também não vou fazê-lo com os outros clubes. Já temos acordo para emprestar o Iuri ao Moreirense. Se fosse ao contrário, acredito que você também não gostaria que eu lhe falhasse com algo que já tínhamos acertado.»

Ele, porém, não aceitou o meu argumento: «Mas não pode ser. Queremos muito o Iuri.»

«Carlos, por favor, esqueça isso. O jogador ou vai para o Moreirense ou, se não quiser, fica no Sporting.»

Não contente, ele chamou o Iuri a Arouca, mostrou-lhe casas e ofereceu-lhe uma dessas habitações. O Iuri já sabia o que estava acordado com o Moreirense e por isso também não esteve bem. Claro que se trata de um jovem e pode ter sido persuadido pelo presidente do Arouca, mas devia-nos ter dito o que se estava a passar.

Quando tomei conhecimento do sucedido, voltei a falar com Carlos Pinho.

«Não vale a pena insistir. Já lhe expliquei que temos tudo certo com o Moreirense.»

«Mas ele até já escolheu casa», insistiu Carlos Pinho.

«Peço-lhe, uma vez mais, para esquecer esse assunto. Só tenho uma palavra e não vou falhar com o que já combinei com o outro clube.»

Carlos Pinho não desistiu. Tentou através de mim, do Inácio e do nosso presidente da Mesa da Assembleia Geral, Jaime Marta Soares, com o qual também tinha boa relação. Todos lhe deram a mesma resposta: «O presidente deu a sua palavra ao Moreirense.»

O que aconteceu a seguir? O jogador rumou a Moreira de Cónegos e Carlos Pinho passou ao ataque. A cada estádio onde eu ia, vinham ter comigo: «O presidente do Arouca anda por aí a dizer que você é um aldrabão e que o enganou em relação ao Iuri Medeiros.»

Ou seja: Carlos Pinho andava a contar mentiras nos bastidores do futebol português. E foi precisamente o que ele fez no túnel de Alvalade após o jogo.

Quando eu me dirigia para a casa de banho, ele passa por mim e ofende-me: «És um aldrabão, és um vigarista.» Numa primeira fase, nem liguei porque tinha outra situação que me preocupava muito mais.

A Joana, agora minha ex-mulher, tinha-se sentido mal e estava a ser assistida pelos bombeiros na tribuna. Eu não podia ir lá acima porque a nossa relação ainda não era pública. Só queria despachar-me e sair de Alvalade para me encontrar com ela no hospital ou noutro sítio. Carlos Pinho e a sua má educação, naquele momento, nem sequer me passavam pela cabeça. Mas foi então que ele decidiu fazer uma cena incrível, ficando cada vez mais agressivo. Dirigiu-se a mim dando a ideia de que me iria agredir.

Eu estava a fumar o meu cigarro eletrónico e, ao falar na direção dele, saiu-me fumo da boca. Vapor de água, para ser mais preciso. Mas logo vieram dizer que eu tinha cuspidado para cima do presidente do Arouca.

Enviámos as imagens do incidente para o Conselho de Disciplina (CD) da Federação Portuguesa de Futebol (FPF) e logo as mesmas foram parar a alguns órgãos de comunicação social. Naturalmente que não foram «vazadas» pelo Sporting. Quem forneceu e trabalhou essas imagens tinha apenas um intuito: tentar convencer a opinião pública de que eu tinha cuspidado.

O CD da FPF decidiu que ele era o culpado de tudo e sancionou-o com uma suspensão de vinte meses. Mas como tinha saído fumo da minha boca, o mesmo órgão considerou que o meu comportamento também não fora correto e por isso aplicou-me um castigo de seis meses. Ora, se o vapor de água pode ser uma má atitude, então têm de fechar todas as saunas e spas do país.

O certo é que, a partir desse momento, dava por mim a fumar o meu cigarro eletrónico e lá vinha a piada da saliva. Fiquei colado à imagem do homem que tinha

cuspido para cima do presidente de outro clube. E jamais fiz algo do género. Acho que é um dos atos mais reles e arruaceiros que pode haver. Do mais baixo nível.

Outro dado curioso: após o jogo, Joel Pinho (o filho de Carlos), então diretor desportivo do Arouca, foi à sala de conferência de imprensa de Alvalade falar contra mim. Estranhamente, nunca se referiu ao cuspo.

Se alguém tivesse cuspido para cima do meu pai, eu nem conseguiria falar de outra coisa. Mas Joel Pinho dizia apenas que tinha ouvido coisas que jamais poderia reproduzir. É verdade. Ouviu-as da parte do seu pai. Depois, quando viram as imagens na televisão, e quando aparece o vapor a sair da minha boca, começaram a dizer que eu cuspi e que foi isso que provocou a ira de Carlos Pinho. Cada um que tire as suas ilações.

Antes de todo o episódio do Iuri, posso dizer que tinha boa relação com o presidente do Arouca. É uma pessoa muito castiça. Só que descontrolou-se e optou pela via da mentira e do insulto.

Na sequência do castigo aplicado pelo CD da FPF, recorri para o Tribunal Arbitral do Desporto, que reduziu a suspensão de seis meses para apenas um. Enquanto presidente do Sporting, tive cerca de ano e meio de castigos que cumpri e que, mais tarde, me foram retirados. Mas o caso do túnel é um daqueles para o qual gostaria de ter tido mais tempo para provar que nunca fiz nada daquilo.

O CASACO DE PINTO DA COSTA

Com Carlos Pinho começou bem e acabou mal. Com Jorge Nuno Pinto da Costa foi precisamente o contrário. A minha relação com o presidente do FC Porto teve um início muito conturbado. E tudo por causa de um incidente antes da final da Taça de Portugal em andebol disputada entre as duas equipas em Tavira. Um representante da Federação de Andebol veio ter comigo e perguntou-me se podia apresentar-me o vice-presidente da SAD do FC Porto, Adelino Caldeira. «Claro que sim», respondi. Foi então que me aproximei de Adelino Caldeira para o cumprimentar e ele deixou-me de mão estendida. Não contente com a sua falta de educação, ainda começou a insultar-me a mim e a outros elementos da direção do Sporting. A discussão só acabou porque virei costas e fui sentar-me no lugar que me estava destinado para ver o jogo. Ganhámos 30-28 e no final falei à imprensa deixando um recado para Adelino Caldeira e outros que, como ele, pensassem que podiam continuar a desrespeitar o Sporting.

«As pessoas vão ter de se habituar que o Sporting mudou. Quem pensa que manda no

desporto estava enganado. Esta é a garra do leão, os outros que se cuidem. Começámos um novo ciclo. Quem pensava que mandava no desporto vai ter de começar a amargurar e a habituar-se à derrota.»

Esperei que Pinto da Costa reagisse, mostrando que não se revia naquelas atitudes do seu vice-presidente. Se algum dos elementos da minha direção tivesse um comportamento semelhante, posso garantir que era afastado no mesmo dia. E expliquei-lhes isso várias vezes: «Vocês estão sempre a representar o Sporting e não vou tolerar comportamentos negativos que manchem a imagem do clube.» Mas Pinto da Costa não disse nada. Ficou em silêncio. Claro que a partir desse momento nada mais nos restava a não ser cortar relações com o FC Porto.

Essa nossa atitude provocou algumas trocas de palavras azedas entre mim e Pinto da Costa. Aliás, vivi momentos muito complicados em algumas deslocações do Sporting ao Estádio do Dragão. Faziam-me passar por sítios em que bastava um adepto do FC Porto estender a mão para me conseguir atingir. Cheguei a temer pela minha integridade física.

Mas o tempo foi passando e tudo ficou mais calmo. Até que houve um momento em que eles quiseram reaproximar-se do Sporting através de um processo que foi iniciado pelos diretores de comunicação de ambos os clubes. Um dos principais assuntos que estava em cima da mesa era o dos favorecimentos de arbitragem ao Benfica. Da minha parte, achei bem que pudéssemos enterrar aquele machado de guerra que durava desde o jogo de andebol. Eles passaram a ver no Sporting um parceiro estratégico na luta pela transparência no futebol português e posso dizer que, a partir desse momento, eu e Pinto da Costa construímos uma boa relação que ainda se mantém nos dias de hoje.

Mais tarde, já depois de ter deixado a presidência do Sporting, fui ao programa 5 para a Meia-Noite, da RTP, e referi-me a Pinto da Costa como «boa onda». A verdade é que quando ele gosta das pessoas sabe ser um gentleman. Alguém que recebe muito bem e que tem um humor refinado. E essa é uma característica que me agrada muito nas pessoas.

Quando reatámos relações, ele teve sempre um comportamento exemplar para comigo e para com o Sporting. Dou um exemplo: eu tinha a mania de ir para os jogos só com casaco e camisa. Uma vez estava no Dragão a morrer de frio e ao intervalo ele dirigiu-se a mim muito preocupado: «Se não se importar, dispo o meu casaco, você veste-o porque é muito quentinho, e eu mando vir outro para mim.» De seguida, olha para mim e olha para o casaco. «Pois, o meu casaco não dá muito jeito porque tem o símbolo do Porto. Não lhe posso fazer uma coisa destas.» E é então que sugere outra situação: «Então eu fico com o meu casaco, mas mando vir outro para si, sem o nosso

símbolo, e umas mantas.» Agradei toda aquela atenção.

Pinto da Costa consegue ser uma pessoa que transmite boas vibrações. É um grande anfitrião. E também cumpriu com tudo aquilo que combinámos, como não entrar em corridas pelos mesmos jogadores, fosse no futebol ou noutras modalidades. Caso estivéssemos interessados no mesmo atleta, aquele que tivesse contactado primeiro ficaria com esse direito de preferência.

Quando se deram as rescisões de alguns jogadores do Sporting, após os ataques à Academia, também recebi logo uma mensagem da parte dele: «Posso dizer-lhe que para o Porto não vem nenhum deles.» E isso caiu-me muito bem. Este tipo de atitudes revelam dignidade, respeito e fazem-nos gostar das pessoas.

A PROPOSTA DE VIEIRA

Em fase de conflito, o Benfica consegue ser muito mais grosseiro do que o FC Porto. No início tive uma relação saudável com Luís Filipe Vieira. Sobretudo quando o Sporting começou a apresentar propostas para alterações no futebol português. Trabalhámos em conjunto com o Benfica, e com outros clubes, em algumas dessas propostas. Tudo parecia normal. Uma convivência cordial entre direções de clubes rivais. Mas Vieira estragou tudo no momento em que me fez uma sugestão descabida após uma reunião na Liga.

Estava a dirigir-me para o meu carro quando o presidente do Benfica veio ter comigo: «Temos de falar. Precisamos de arranjar aqui uma maneira boa para os dois. Num ano ganho eu e no outro ganhas tu.» Referia-se ao campeonato de futebol e a uma estratégia de conquistas repartidas para isolar o FC Porto. Aquilo foi totalmente fora de contexto e fez-me ficar de pé atrás em relação a ele. Não se esforçou minimamente por saber como era o meu carácter para perceber se podia dirigir-se a mim com um contacto daquele nível. Caso tivesse feito esse exercício, sabia que era escusado. Não entro em esquemas. Foi quando lhe respondi: «Alianças só com a minha mulher e na mão esquerda.»

A partir daí, houve uma sucessão de episódios muito graves. Lembro-me de estar no pavilhão da Luz, durante um jogo de futsal entre Benfica e Sporting, e ver exibida em toda a largura de um dos topos das bancadas, na zona da claque do Benfica, uma faixa com a inscrição «Very light 1996», numa alusão ao bárbaro assassinato do nosso adepto Rui Mendes, na final da Taça de Portugal desse ano, com recurso a um very light lançado por um adepto do Benfica. Além da faixa, a claque cantava «amanhã há mais», como ameaça de que iriam repetir o ato no dérbi de futebol entre as duas equipas agendado

para o dia seguinte. E concretizaram. Durante grande parte desse jogo, estiveram a lançar engenhos pirotécnicos sobre os adeptos do Sporting. Conheço algumas crianças que ficaram queimadas por causa dessa selvajaria.

Luís Filipe Vieira estava no pavilhão, no dia anterior, mas ficou impávido e sereno perante aquela faixa e os cânticos que a acompanhavam. Lembro-me que, anos antes, a 5 de setembro de 2013, tomámos conhecimento de um incidente ocorrido em Alvalade com um autocarro que transportava elementos do staff do Benfica. O condutor enganou-se, passou pela zona onde estavam as claques afetas ao Sporting e estas começaram a apedrejar e a atirar garrafas. A pessoa ficou com tanto medo que acabou por entrar num dos parques de estacionamento do estádio e partiu a cancela. Imediatamente, emitimos um comunicado em que condenámos de forma veemente aquele ato de violência e vandalismo dos nossos adeptos.

Mas, quando foi ao contrário, o Benfica optou por outro caminho. Não se demarcou dos acontecimentos ocorridos no pavilhão da Luz e no estádio de Alvalade. Fez até muito pior. João Gabriel, então diretor de comunicação do clube teve uma declaração terrível: «Acabou o blackout e começou o folclore.» Aludiu ao período em que estivemos sem falar à comunicação social, por causa de Marco Silva, e chamou folclore à lembrança de um assassinato e o arremesso de tochas para cima de famílias de sportinguistas. Claro que depois de tudo isto emitimos um comunicado, expondo toda a situação, e anunciando o corte de relações com o Benfica.

Já antes disso, tinham entrado na nossa casa sem autorização quando se referiram à reestruturação financeira que negociámos com a banca como um perdão de dívida. Claro que não houve qualquer perdão e claro que o Benfica deveria estar preocupado consigo em vez de se meter na vida dos outros.

Todas estas atitudes fizeram com que fosse impossível haver um clima de paz entre o Sporting e o rival. Mas, quando o Benfica entra em guerra, vale quase tudo. Nunca tinha visto nada assim.

Recordo-me de um jogo entre as duas equipas no Estádio da Luz, já depois do corte de relações, em que estava muito calor. Não fui para a tribuna porque não me podia sentar perto de elementos que antes tiveram atitudes tão negativas em relação ao Sporting. Não podia ser hipócrita e fingir que nada se tinha passado. Mas dois dirigentes nossos, já com uma certa idade, sentaram-se nos lugares que lhes estavam destinados de forma a poderem assistir ao jogo com mais conforto. Falo do comandante Vicente Moura e de Zeca Rebelo. E volto a dizer que estava muito calor. Assim que se sentaram, deram uma garrafa de água a cada um. Quando terminaram as águas, pediram outras a um funcionário do Benfica. Resposta: «Não. Se acabaram as águas e estão com sede, vão

à casa de banho e enchem as garrafinhas.» Estamos a falar de duas pessoas com mais de 70 anos. Isto foi-me contado por ambos. Acho que é de uma falta de urbanidade total. A rivalidade não justifica tudo. Custava muito ter deixado ali várias águas para os representantes do Sporting?

Também cheguei a mostrar uns pedaços de cartolina, todos dobrados, e presos com fita-cola, que nos foram arremessados durante um dérbi na Luz. Um objeto daqueles, atirado da bancada, podia magoar bastante. E depois, em determinadas alturas, tínhamos de ouvir as pessoas do Benfica falarem de fair play e da necessidade de ter um ambiente mais saudável no futebol português. Era esta a noção deles de fair play?

Foram muitos os momentos graves que vivemos com o Benfica enquanto fui presidente do Sporting. Na época 2017/18, a última de Jorge Jesus, havia uma grande guerra entre águias e dragões por causa dos e-mails. Eram muitos casos de alegadas práticas proibidas a envolverem o Benfica.

Claro que logo se disse que o Sporting poderia aproveitar esse conflito entre os dois rivais para fazer o seu caminho e alcançar o sucesso desportivo que tinha faltado nas duas temporadas anteriores. E também logo veio a teoria de que o presidente do Sporting criava problemas no seu clube que acabavam por tirar o Benfica da agenda mediática, desviando as atenções para nós. Mas não foi o presidente do Sporting que fez isso. Foi o próprio Benfica, através da sua mestria em manipular a comunicação social.

SPORTING CLUBE DE PYONGYANG

Todas as alegações acerca do Benfica começaram com o caso dos vouchers que foi denunciado por nós. Os e-mails divulgados pelo FC Porto são o seguimento dessa situação. Mas o Benfica não conseguia atingir o FC Porto e, por isso, o alvo mais fácil para criar poeira era eu. Que ninguém tenha dúvidas: o Benfica é avisado pelas redações quando está para sair alguma «bomba» contra o clube. E nessas alturas coloca logo o seu gabinete de crise (que mais não é do que o gabinete de comunicação) a pensar numa forma de desviar atenções. E era quase sempre eu. Começavam logo a sair notícias falsas sobre mim.

Posso dizer que, na maior parte das vezes que essa prática se verificou, eu não tinha feito absolutamente nada. Aliás, cheguei a realizar um teste: estive quase seis meses sem ir ao Facebook, sem dar entrevistas, sem falar. Mas não foi por isso que deixei de servir para ir desviando as atenções das coisas que estavam a acontecer com o Benfica. Das poucas vezes que essa tática não partia do nosso rival, era o próprio universo

leonino a entrar em autoflagelação.

E, sinceramente, nunca «comprei» a teoria de que as nossas propostas, relacionadas com os estatutos do Sporting, por exemplo, pudessem ter alguma influência no rendimento desportivo da equipa. É uma falsa questão.

A 3 de fevereiro de 2018, realizámos uma Assembleia-Geral (AG) que gerou enorme celeuma, relacionada com propostas sobre o regulamento disciplinar, entre outras medidas. Acabei por abandonar essa AG, por não existirem condições, sem que dois dos seis pontos em discussão fossem a votos. E anunciei que a direção iria reunir-se para decidir se apresentava ou não a demissão. Estava um clima muito tenso e tudo foi feito com grande desorganização por causa de Jaime Marta Soares, presidente da Mesa da Assembleia Geral. O maior responsável por aquela AG ter sido um absoluto fiasco. E por tanta coisa negativa que aconteceu a partir daí.

No dia seguinte, o Sporting foi ao terreno do Estoril e perdeu por 2-0. O que se disse? Que a derrota tinha acontecido por minha causa e por toda a turbulência que ocorreu nessa AG. Mas isto cabe na cabeça de alguém? Os jogadores querem lá saber se há uma AG ou não. Querem lá saber do que vai ser decidido ou votado em matéria de estatutos do clube. Nenhuma intervenção minha, a não ser diretamente para eles, poderia ter algum impacto desportivo.

Recordo também que essa AG começou a merecer muito eco da comunicação social ainda antes de se ter realizado. Só a apresentação dos pontos de trabalho serviu logo para alguns textos mirabolantes. O então diretor do jornal Público, David Dinis, que por acaso até é sportinguista, escreveu um editorial com o título Sporting Clube de Pyongyang. Outros também me compararam ao líder da Coreia do Norte, Kim Jong-un, ou ao venezuelano Hugo Chávez.

No entanto, as medidas que iriam ser discutidas na AG tinham sido apresentadas no nosso programa eleitoral, cerca de um ano antes, quando vencemos essas eleições com quase 90 por cento dos votos. Este aspeto, naturalmente, foi ignorado por grande parte da comunicação social que fazia essas analogias entre o presidente do Sporting e alguns dos maiores ditadores mundiais.

Mas se alguns sportinguistas achavam que podíamos aproveitar o conflito entre Benfica e FC Porto para tirar vantagem, então também tinham de perceber que precisávamos de estar unidos. Tinham de olhar para os nossos rivais e entender que, mesmo nos piores momentos, eles deixam transparecer essa união. Só que o Sporting nunca teve essa capacidade. Nunca conseguiu gerar uma verdadeira militância. E claro que os nossos adversários sempre souberam aproveitar essa tendência para o masoquismo.

Muitos também disseram que eu nunca soube viver com os 10 por cento que votaram contra nós nessas eleições de 2017. Que eu vivia na utopia de governar sem oposição, tendo apenas unanimidade. A verdade é que eu sempre soube que não eram apenas 10 por cento. Eram mais. Muitos mais. E estariam dispostos a minar todo o nosso trabalho.

Alguns daqueles que votaram em nós, e que tinham poder e influência no universo sportinguista, não descansaram até nos verem fora do clube. Os lacraus, uma vez mais, estavam escondidos à espreita.

10. REBELIÃO MADE IN VARANDAS

O que se passou comigo a partir de janeiro de 2018? Esta é a pergunta que muitos sportinguistas fazem ainda hoje. Dizem que houve uma enorme mudança de comportamento da minha parte. E têm razão. Agora precisam de saber os motivos, sem todas as falsidades e especulações que foram saindo na comunicação social.

Vou ser muito direto: começou a correr a teoria de que eu estaria alterado devido ao consumo de estupefacientes ou de bebidas alcoólicas. Era uma forma de tentar destruir ainda mais o presidente do Sporting. Além de ditador e egocêntrico, agora também era toxicodependente e alcoólico. A verdade é que nunca tive quaisquer problemas desse género. Nunca consumi drogas em toda a minha vida e também não tive um único período em que bebesse demasiado. Aliás, apenas tomo bebidas alcoólicas socialmente. E, nessa altura, aliás, ainda menos por todos os problemas que estava a passar (em casa e no Sporting) e que careciam da minha total atenção e sobriedade.

Mas o meu comportamento mudou, sim. Não vou negá-lo. Deixei de transmitir a mesma estabilidade emocional. Só que por outros motivos que nada têm a ver com substâncias de qualquer ordem.

Um dos períodos mais difíceis da minha vida começou em dezembro de 2017 e foi-se prolongando até sair do Sporting. Tudo começa a desmoronar-se com a gravidez de alto risco da Joana. Ela esteve internada quase duas semanas, entre dezembro e janeiro, e eu estive sempre do lado dela. Os médicos, nessa altura, diziam-nos que havia uma forte possibilidade de a nossa filha não sobreviver.

Senti que tinha de dar outra atenção em casa. Estar mais presente e apoiar em tudo o que fosse necessário. Por isso, no início do ano, marquei uma reunião no Sporting e expliquei o que se estava a passar à restante administração da SAD. Pedi para ter mais apoio em diferentes matérias, algo que nunca tinha precisado de fazer até então, e disse que iria ausentar-me por uns dias para estar mais focado na difícil situação familiar que começava a viver. Mas nunca o pude fazer na plenitude.

Acabei por dar tanto tempo ao Sporting como anteriormente. As coisas não apareciam feitas, ou então apareciam malfeitas. Há quem goste de dizer que sou como um eucalipto

que seca tudo à sua volta. Não é verdade. Sempre dei oportunidade às pessoas para fazerem o seu trabalho. E, especialmente nessa fase, só queria que todos conseguissem dar conta do recado até eu poder voltar a estar totalmente focado no Sporting. Infelizmente, não aconteceu.

Ao mesmo tempo, o meu casamento também começava a ruir. Não apenas pela gravidez de risco, mas também por um conhecimento cada vez maior da mulher que estava comigo. Comecei a perceber que ela se tinha casado com o presidente do Sporting e não com a pessoa. E isso levou a que eu não tivesse bom ambiente em casa. Nessa fase da minha vida, fiquei sem um verdadeiro porto de abrigo. Sem pessoas no Sporting que me conseguissem aliviar a carga de trabalho por uns dias, a ter de correr constantemente para hospitais e consultas, sempre com o medo de que a minha filha não nascesse, e a ter de aguentar todos os obstáculos levantados pela minha mulher. Comecei a não aguentar.

Há momentos em que um líder também precisa de algum apoio e compreensão daqueles que estão ao seu lado. De um esforço extra que eu, por exemplo, sempre tinha conseguido dar ao Sporting e aos meus colegas quando estes tiveram alturas em que não podiam estar tão presentes. Mas, ao contrário, quando foi comigo, não funcionou assim. Tentei tratar de tudo, na mesma, conciliar tudo, mas estava a ser muito difícil. E em fevereiro a situação ficou ainda pior.

INTENÇÃO ERA PROVOCAR ELEIÇÕES ANTECIPADAS

Como já disse anteriormente, a Assembleia Geral marcada para 3 de fevereiro começou a gerar polémica ainda antes de se realizar. E tudo por causa de duas medidas distintas que, volto a recordar, tinham sido apresentadas no nosso programa, cerca de um ano antes, quando nos reconduziram no cargo com uma vitória esmagadora sobre Pedro Madeira Rodrigues, o outro candidato. Eis as propostas da discórdia:

1. Alteração dos estatutos com vista à extinção do Conselho Leonino e o fim da eleição do Conselho Fiscal e Disciplinar através do método Hondt. Ou seja: neste último órgão, deixaria de haver representatividade das várias listas concorrentes proporcional à votação que tiveram. Passaria a ser composto, unicamente, por elementos da lista vencedora.
2. Criação de um regulamento disciplinar para os sócios do clube. Basicamente, seria um conjunto de normas a seguir pelos associados do Sporting. Com este

regulamento, entre outras propostas, quem deixasse de ser sócio do clube enquanto decorria um processo disciplinar para a sua expulsão, só poderia requerer a readmissão como associado ao fim de oito anos. Também seria uma forma de «punir os sócios que difamam e ofendem os dirigentes». E, naturalmente, era aplicável a todos os sócios, onde eu e a minha administração nos incluíamos.

Sobre o Conselho Leonino, tive oportunidade de dizer que nunca me fez mal nenhum, mas não servia para nada. Tratava-se de um órgão consultivo, composto por 50 pessoas, que noutros tempos, antes da nossa chegada, estavam habituados a receber todo o tipo de benesses da parte das direções em funções de modo a não serem um estorvo para estas na hora das eleições. Era uma forma de essas direções tentarem perpetuar-se no poder. A nossa proposta seria a substituição desse órgão por outro composto, no máximo, por 15 elementos que seriam escolhidos pela direção.

No que respeitava à implementação de um regulamento disciplinar, parecia-nos óbvio que um clube com a grandeza do Sporting teria de ter tal conjunto de normas, a exemplo do que acontece noutros emblemas. Cheguei a dar essa explicação na altura.

«Não podemos continuar num clube sem o regulamento disciplinar. Não existe neste clube, não é para substituir um antigo. Lembra a alguém uma instituição da dimensão mundial do Sporting não ter um regulamento disciplinar? Porque não fizemos no primeiro mandato? Porque tivemos muito trabalho.»

E volto a dizer, porque nunca é demais, que todas estas propostas faziam parte do nosso programa eleitoral. Porém, alguns associados queriam adiar a votação destas medidas por não estarem de acordo. Era um claro boicote às nossas funções. Se estavam contra, votavam «não». Se estavam a favor, votavam «sim». Simples. Agora, tentar impedir que as propostas fossem apresentadas a votos? Não fazia sentido. E, a partir daí, alguns elementos fizeram tudo para destabilizar aquela AG. Principalmente, Carlos Severino, que chegou a ameaçar de agressões físicas os elementos do Conselho Diretivo.

Para ajudar à festa, toda a AG foi muito mal gerida por Jaime Marta Soares. Quis fazer a votação de mão no ar, algo que só serviu para causar ainda mais confusão. A certa altura, contou apenas sete votos de três sócios que, em conjunto, tinham mais de vinte. Claro que os visados foram reclamar. Eles e toda a gente. Eram demasiados problemas e enganos com a contagem. Devido à sua desorganização, Jaime Marta Soares estava a mentir aos associados do Sporting. E o ambiente ficou insustentável.

Foi nessa altura que decidi falar aos sócios antes de abandonar a sala: «Segunda-feira, não precisam de ter mais discussões. Está deliberado. O Conselho Diretivo vai reunir-se para decidir se se demite ou não.»

Assim foi. Estava na altura de deixarmos a nossa continuidade ou demissão nas mãos dos sócios e agendámos nova AG para 17 de fevereiro, data em que estes poderiam escolher o rumo que queriam para o Sporting. Foi precisamente isso que transmiti à comunicação social presente em Alvalade após essa reunião que contou com os elementos dos três órgãos sociais: Conselho Diretivo, Mesa da Assembleia Geral e Conselho Fiscal e Disciplinar. Concordámos sair em bloco, e agendar novas eleições para todos os órgãos, caso alguma das medidas apresentadas não passasse com mais de 75 por cento dos votos. Estavam em causa três pontos: novos estatutos, regulamento disciplinar e se os sócios queriam ou não a saída imediata dos órgãos sociais.

Começaram logo a dizer que aquilo não passava de uma birra minha e de uma forma de ser legitimado para silenciar todos os que não estavam de acordo com a nossa forma de liderar o clube. Nada de mais errado. O que eu queria, verdadeiramente, era que um daqueles pontos não passasse para haver eleições antecipadas e poder apresentar uma nova equipa para os três órgãos sociais. Estava na altura de mudar algumas pessoas. E uma delas, claro está, era o presidente da Mesa da Assembleia Geral, Jaime Marta Soares. Mas não só. Eu também iria apresentar novos nomes para o Conselho Diretivo. Estava na hora de retirar algumas pessoas que começavam a ficar acomodadas, que não faziam bem o seu trabalho, para colocar outras que pudessem ser uma mais-valia para o Sporting.

Naturalmente que não poderia dizer isto aos sócios porque iria causar grande instabilidade, mas sabia que essa era a melhor solução e estava convicto de que, pelo menos, um dos pontos não iria chegar aos 75 por cento. Enganei-me. Foi uma vitória estrondosa de todas as propostas apresentadas.

Alteração de estatutos: 87,3 por cento.

Regulamento disciplinar: 87,8 por cento.

Continuidade dos órgãos sociais: 89,55 por cento.

Queria isto dizer que tinha de continuar com a mesma equipa. Que toda e qualquer alteração também ficava adiada. Na parte final da AG, discurssei para os sócios e apelei à necessidade de termos uma militância forte para alcançarmos sucesso. Aliás, durante a minha presidência cheguei a ter uma intervenção que espelhava essa incapacidade de o Sporting se unir.

«O ato de liderar é muitas vezes um ato de solidão. Para atingir os nossos objetivos é preciso que os sportinguistas se mobilizem numa militância ativa. Aquilo que me preocupa é que não a vejo e sempre que olho para trás e estou à procura do exército que o Sporting necessita, apenas vejo uma parede.»

Na ponta final dessa AG, também houve palavras minhas que foram totalmente adulteradas pela comunicação social. Na altura, muitos sportinguistas criticavam o facto de eu utilizar muitas vezes o Facebook para falar de assuntos relacionados com o clube. E alguns deles eram comentadores afetos ao Sporting de diferentes canais televisivos.

O que quis dizer a todos os sportinguistas, em resumo, era que parava de usar essa rede social se eles também deixassem de ler jornais, ver televisão e se os comentadores sportinguistas abandonassem os programas onde estavam. Ou seja: da mesma forma que ninguém iria fazer isso, eu também não iria largar o Facebook, por considerar que era uma ferramenta muito útil para comunicar com os sportinguistas e defender os superiores interesses do nosso clube. É verdade que poderia, neste ponto, ter sido mais direto. Teria evitado tudo o que se disse e se escreveu sobre mim.

Admito que não escolhi as melhores palavras para explicar que não estaria disponível para deixar de comunicar no Facebook pelas razões que já evidenciei, mas, sem querer estar a desculpar-me com nada, volto a dizer que esses foram tempos conturbados para mim por causa da gravidez de risco da minha mulher da altura e da possibilidade, muito forte, de a nossa filha não sobreviver. Em certos momentos, entre Sporting e questões familiares, a minha cabeça era um turbilhão.

«MENINOS AMUADOS»

Sem ter possibilidade de tirar algum tempo para descansar, em março era imperativo começar a negociar a nova reestruturação financeira com a banca e o empréstimo obrigacionista. Uma vez mais, voltei a ver que o trabalho não era bem feito e que não teria qualquer hipótese de abrandar. Fiz todos os possíveis para aguentar, mas sentia-me cada vez mais fragilizado e sem poder contar com um verdadeiro apoio de muitos elementos da minha administração. Ao mesmo tempo, via também o plantel cada vez mais tenso por causa do comportamento agressivo de Jorge Jesus.

No início de abril, chega um momento muito importante para nós em termos desportivos. Iríamos jogar a primeira mão dos quartos-de-final da Liga Europa frente ao Atlético de Madrid. Apesar de se tratar de um conjunto muito forte (viria mesmo a ganhar a competição nesse ano), senti que poderíamos vencer e dar essa enorme alegria aos sportinguistas.

Não pude viajar com a equipa até Espanha porque se aproximavam os derradeiros dias para o nascimento da Leonor e ainda não tínhamos a garantia da parte dos médicos de que iria correr tudo bem. A minha ansiedade era cada vez maior. Só esperava que a

minha filha nascesse sem quaisquer complicações.

Mesmo assim, antes do encontro com o Atlético, mandei uma mensagem de incentivo aos nossos jogadores. O jogo, porém, correu-nos mal. Perdemos 2-0 devido a erros individuais que facilitaram bastante a missão do nosso adversário. E a verdade é que não foram melhores do que nós.

Após o encontro, recorri ao Facebook e escrevi uma publicação que muitos consideram ter sido o início do fim na minha relação com o plantel. Abordei algumas situações menos conseguidas dos nossos jogadores e também fiz críticas à arbitragem que me pareceu muito caseira.

E logo explodiu uma «bomba». Todos os programas desportivos que estavam a ser transmitidos naquele momento começaram a dizer que eu tinha arrasado o plantel, entre outros exageros. Apareceram vários comentadores a defender a tese de que aquelas críticas se devem fazer em privado e nunca através das redes sociais. Aquilo que ia ouvindo fez-me ligar para a CMTV, um canal que, como se sabe, se portou sempre muito mal com o Sporting durante a minha presidência. Só liguei porque o sportinguista Hélder Amaral, pessoa pela qual tenho grande consideração, estava a dizer algumas coisas que não me pareceriam corretas e quis fazer essa referência.

Porém, no dia seguinte, foi tudo ainda pior. Começaram a dizer que não só tinha atacado os jogadores no Facebook, como fiz questão de o repetir em direto para um canal de televisão. Sinceramente, não acho que alguém esteja acima da crítica. Nem eu estava, enquanto presidente, nem os jogadores podem estar. Além disso, quantas vezes, na história do futebol, não ouvimos dirigentes mostrarem descontentamento com a prestação da sua equipa, e de alguns jogadores, após uma derrota? Quantas vezes não assistimos a esses comentários em Portugal e no estrangeiro? Seria o primeiro a fazê-lo? O que eu tinha dito, focando diferentes lances do jogo, era assim tão grave e descabido? Tão inédito? Tão chocante? Não, claro que não.

Só que há uma mentalidade de muitos jogadores de futebol que pensam que ninguém pode fazer-lhes uma crítica ou um reparo. Parece que os dirigentes andam ali só para lhes pagarem os salários e estarem calados. E essa forma de pensar, sinceramente, comigo não funciona. Ninguém, repito, ninguém está acima da crítica. E, quando ela acontece, só temos de ouvir e tentar melhorar.

Mas, logo após a minha publicação no Facebook, o André Gerdes, que tinha ido com a equipa para Madrid, ligou-me e disse que os jogadores queriam reunir-se comigo porque não tinham ficado contentes com as minhas palavras. «Muito bem», disse eu. «Mas então proponho que ninguém diga nada até à reunião.» Foi-me transmitido que os jogadores aceitavam.

Qual não é o meu espanto quando, no dia seguinte ao jogo, vejo um comunicado, partilhado nas redes sociais de grande parte dos elementos do plantel, em que criticavam as minhas palavras. Senti aquilo como uma verdadeira traição. Atenção: não era por terem feito a publicação. Era porque tinham prometido nada fazer até nos reunirmos. Era porque tinham alterado o combinado.

Vi-me obrigado a reagir de imediato e voltei a recorrer ao Facebook para anunciar que, a partir daquele momento, todos os jogadores que tinham partilhado o comunicado estavam imediatamente suspensos e teriam de enfrentar a alçada disciplinar do clube.

Há quem possa considerar uma decisão radical (até porque isto aconteceu a uma sexta-feira e tínhamos jogo no domingo, a contar para o campeonato, frente ao Paços de Ferreira), mas foi para mostrar a esses jogadores que o clube, e também escrevi esta parte na altura, não era uma república das bananas. Não se combinava uma coisa e fazia-se outra por trás.

Os jogadores, tais como quaisquer outros, eram funcionários do clube e teriam de perceber que não estavam acima do presidente e menos ainda dos sócios e adeptos do Sporting.

Foi uma atitude de «meninos amuados», como também escrevi, e que terminava com uma evidente contradição. Diziam que «todos os assuntos se resolvem dentro do grupo», mas foram eles que preferiram vir para o espaço público depois de eu aceitar fazer uma reunião proposta por eles.

E volto a dizer que estava a poucos dias de saber se a minha filha poderia ou não nascer. Essa incerteza fazia com que reagisse ainda pior a traições e deslealdades como aquela comunicação dos jogadores.

Claro que tudo isto poderia ter sido resolvido, a qualquer momento, pelo treinador Jorge Jesus. Teve espaço, tempo e oportunidade para demover os jogadores e serenar os ânimos. Mais tarde, porém, ouvi dizer que fez precisamente o contrário. Contou ao José Ribeiro, do nosso departamento de comunicação, que tinha sido ele a dizer aos jogadores para reagirem em bloco de forma a terem mais força. Segundo o que o mesmo José Ribeiro me contou, Jorge Jesus terá desabafado com ele algo do género: «Acho que a culpa disto foi minha. Não devia ter dito nada aos jogadores. Mas não esperava que as coisas chegassem a este ponto.»

Outra nota: também é fácil perceber que não foram os jogadores a escrever aquele comunicado. O que se dizia nos corredores de Alvalade era que a redação do documento contou com a preciosa ajuda de João Pedro Varandas, irmão de Frederico Varandas, que foi vogal do Conselho Diretivo no mandato de Godinho Lopes, em colaboração com Rogério Alves. Os dois são sócios na RA&A, uma empresa de advocacia.

A ser verdade, isto só mostra que Frederico Varandas começou a sonhar com a presidência do Sporting muito antes da final da Taça de Portugal, em que perdemos contra o Aves, ao contrário do que disse nessa altura quando anunciou que seria candidato. Posso até dizer que acredito que ele tenha começado a alimentar essa ideia ainda em 2016, quando pagou as quotas em atraso para recuperar o seu número de sócio antigo. E convém lembrar que Rogério Alves é o atual presidente da Mesa da Assembleia Geral do Sporting e foi eleito pela lista de Frederico Varandas nas últimas eleições. Coincidências?

Se tudo aquilo que ouvi nessa altura for verdade, os irmãos Varandas e Rogério Alves, com a ajuda de Jorge Jesus, levaram os jogadores a publicar aquele comunicado e a virarem-se contra mim.

A MENTIRA DE WILLIAM CARVALHO

A reunião com o plantel realizou-se no sábado, véspera da receção ao Paços de Ferreira, e teve alguns momentos de tensão. Rui Patrício, à frente de toda a equipa, insistia em tratar-me por você, mostrando algum desrespeito: «Você isto, você aquilo.» A certa altura, disse-lhe para parar de me tratar daquela forma. «Não é “você”, Rui, é “presidente”.» Tive de lhe pedir o mesmo três vezes. «Então, não quero dizer nada», concluiu ele. «Muito bem, e os senhores?», perguntei aos restantes jogadores.

Alguns falaram e foram frontais, como Bas Dost, Coates e Ristovski. Disseram que não tinham gostado do meu post e que ficaram magoados com aquelas palavras. Expliquei-lhes porque o tinha feito e tudo estava a decorrer de forma mais calma após um início atribulado.

Depois, o William Carvalho deu voz a uma teoria mirabolante: «Você julga que nós não sabemos que pediu à Juve Leo para nos bater?», referiu ele. Foi aí que, à frente de todo o plantel, puxei do telemóvel, coloquei em voz alta e liguei ao líder da Juve Leo, Nuno Vieira (mais conhecido por Mustafá). Ele atendeu sem fazer ideia do que se estava a passar na reunião, menos ainda de que eu iria ligar-lhe e colocar a chamada em alta voz à frente dos jogadores.

«Alguma vez te pedi para ameaçares os jogadores?», perguntei.

«O quê? Não estou a perceber nada», disse ele.

«Estou a perguntar-te se alguma vez eu te disse para a Juve Leo ameaçar os jogadores do Sporting?», voltei a insistir enquanto todo o plantel ouvia a conversa.

«Não, claro que não. Mas que conversa é esta? Não estou a perceber nada», tornou a

dizer.

«Pronto, obrigado.»

Desliguei a chamada e dirigi-me ao William: «Pronto, estás contente? Agora todos os teus colegas sabem o mentiroso que és.»

Mas, à conta daquela história do William, acredito que muitos dos outros jogadores ficassem a pensar que eu tinha feito algum pedido daqueles a uma claque do Sporting. Era uma mancha que ele estava a querer lançar sobre mim.

UMA FOTOGRAFIA SUSPEITA

Durante toda a reunião, William e Rui Patrício tiveram sempre uma postura muito negativa. Aliás, Rui Patrício foi mesmo o único jogador que fez questão de não me cumprimentar à chegada e à saída. Posso dizer que, após essa conversa, a minha relação com o plantel ficou apaziguada, menos com o nosso guarda-redes. Mas já lá irei.

Apesar do comportamento dos nossos dois capitães, a reunião teve momentos positivos, de algum entendimento, e decidi levantar a suspensão a todos os jogadores para que pudéssemos apresentar a melhor equipa possível com o Paços de Ferreira, mas mantive os processos disciplinares. Entendi que era necessário que os jogadores percebessem, de uma vez por todas, que não estavam acima do clube. Não bastava ter jeito para o futebol e fazer uns brilharetes de vez em quando. Era necessário um grande sentido de responsabilidade. E isto vai ao encontro de outra frase que disse enquanto fui presidente do Sporting e que está inscrita na nova estátua do Sporting, colocada na Rotunda do Leão, entre o Estádio de Alvalade e o novo Pavilhão João Rocha.

«O talento é necessário, mas só com muito trabalho diário, superação constante, vontade, atitude e compromisso com os objetivos do clube é que se formam campeões.»

Chegou o dia do jogo e sentei-me no banco de suplentes. Primeiro, porque tinha esse hábito. Segundo, porque queria dar um sinal de que tudo estava resolvido entre presidente e plantel. Quando entrei, ouvi alguns assobios e insultos vindos da bancada central. Também escutei aplausos e palavras de incentivo. Um pouco de tudo. A comunicação social, contudo, quis ficar apenas com a parte negativa. Com títulos do género: «Bruno assobiado, jogadores aplaudidos.» «Adeptos pedem demissão de Bruno de Carvalho.»

O mais importante: ganhámos 2-0. Vi todo o jogo sentado. Estava muito frio nesse dia e comecei a sentir fortes dores nas costas. É um problema que tenho há muitos anos. Fui aguentando aquelas picadas e sabia que já não me conseguia mexer. Quando o encontro terminou, levantei-me com muitas dificuldades. Caminhei debruçado, com a mão nas costas, e tive de ser ajudado por elementos do staff do Sporting. Levaram-me até ao posto médico. Foi aí que alguém tirou uma fotografia comigo deitado na maca enquanto estava a ser assistido. A fotografia foi logo parar às redações de alguns jornais.

Inicialmente, pensei que tivesse sido um elemento do plantel, porque também lá estavam alguns jogadores, e cheguei a escrever isso no meu Facebook: «Quero agradecer ao jogador que espalhou esta foto. É isto que a bancada quer.»

Hoje, consigo reconhecer que possivelmente fui injusto. Depois de pensar melhor, e olhar bem para a fotografia, lembrei-me das poucas pessoas que estavam naquele enquadramento. Um deles era o nosso médico, e atual presidente do Sporting, Frederico Varandas. Lembro-me bem de que, num dos momentos em que me virei, ele continuava a mexer no telemóvel.

Todas aquelas pessoas que se preparavam para tentar tomar o poder do Sporting começavam a sair da casca. Já aqui lembrei o que ouvi sobre a eventual colaboração dos irmãos Varandas e de Rogério Alves na elaboração do comunicado dos jogadores. E de seguida seria a vez de Jorge Jesus.

Recordo que, desde o jogo com o Atlético de Madrid, nunca tínhamos ouvido do nosso treinador qualquer posição. Fosse a meu favor ou a favor dos jogadores. Preferiu ficar em cima do muro, como se costuma dizer, e esperar pela reação dos adeptos. Após o jogo com o Paços, como recebi alguns assobios, e como a equipa tinha ganho, foi à sala de conferência de imprensa e descaiu para o lado que lhe dava mais jeito: «Estive sempre do lado dos jogadores.»

Estranho que não me tenha dito isso nos dias anteriores. E estivemos juntos várias vezes. Mas a estratégia de Jorge Jesus estava montada: quis fazer passar a imagem de que ele é que tinha segurado as pontas no meio daquele desentendimento que tive com o grupo e, dessa forma, tentar que os jogadores voltassem a ficar com ele. A verdade é que há muito tempo que o plantel estava farto do treinador. E ele sabia disso. Mas viu ali uma oportunidade para tentar reconquistar o balneário e os próprios adeptos. E pelo meio nem se importou de mentir: «Hoje, tinha de haver jogo com os melhores e foi o que disse aos jogadores, que ia escolher os melhores. Só com a polícia é que não iam jogar os melhores.»

Na verdade, fui eu que disse a jogadores e treinador que as suspensões estavam levantadas. E claro que, a partir desse momento, ele só tinha a obrigação de escolher os

melhores, uma vez que ninguém estava suspenso. Era simples.

Mas o Jorge da primeira época, como já disse, tinha dado lugar a outra pessoa. Já só estava interessado em passar a imagem de que qualquer fracasso não seria da sua responsabilidade, mas sim do presidente. Voltava o «eu» nas vitórias e o «vocês» ou «você» nas derrotas. A tal fanfarronice que sempre o caracterizou e que vinha logo ao de cima assim que ganhava um jogo.

Apesar de todas estas traições e inverdades, no dia seguinte ao encontro com o Paços tive a maior alegria de todas. Depois de meses de medo e incerteza, a Leonor nasceu sem qualquer problema. Senti uma grande alegria e um enorme alívio.

Enviei uma mensagem ao Rui Patrício dizendo-lhe que a minha filha já tinha nascido e apelando para enterrarmos o machado de guerra e estarmos todos juntos pelo Sporting. «Vamos acabar com isto», pedi-lhe. Não obtive qualquer resposta. Ele preferiu colocar essa barreira entre nós. Tive pena daquela atitude. Foi um jogador que sempre ajudei, que sempre tratei bem, e que agora preferia criar um muro entre ele e o presidente do Sporting.

Mas o mais importante era que continuássemos a ganhar. E a verdade é que depois daquele meu post, entrámos numa série de seis triunfos consecutivos.

Logo após a vitória frente ao Paços, derrotámos o Atlético de Madrid por 1-0, no jogo da segunda mão, mas não foi suficiente para evitarmos a eliminação. De qualquer forma, estivemos muito melhor do que no primeiro jogo. Depois, ganhámos os encontros do campeonato e, pelo meio, eliminámos o FC Porto nas meias-finais da Taça de Portugal.

No plano desportivo, as melhorias eram evidentes. Se aquilo teria sido por causa do que eu disse, ou para me provarem que estava errado, pouco me interessava. Com o Sporting a vencer, eu ficaria sempre feliz.

Até que chegou o jogo com o Benfica, em Alvalade, que poderia ser decisivo para apurar quem ficava com o segundo lugar e a com a possibilidade de entrar na Liga dos Campeões da época seguinte.

TOCHAS PARA RUI PATRÍCIO

Antes do início do encontro, falei com representantes das quatro claques do clube: Juve Leo, Torcida Verde, Diretivo Ultras XXI e Brigada Ultras Sporting. A minha ideia era que pudéssemos prestar uma homenagem a Marco Ficini, adepto italiano do nosso clube que tinha sido assassinado, um ano antes, por um elemento de uma claque do Benfica em vésperas de um dérbi.

Propus às claques que, no final do jogo, caso vencêssemos o Benfica, cada uma delas tivesse uma bandeira gigante no seu corredor da superior sul de Alvalade. E no meio estariam os líderes dos diferentes grupos, todos juntos, envergando uma bandeira gigante com a cara do Marco. Seria uma homenagem bonita. Sem tochas ou barulhos de very lights, como os adeptos do nosso rival gostavam de fazer. As claques do Sporting concordaram e tudo estaria pronto se o Sporting ganhasse.

Instantes antes do jogo, começou a cair uma autêntica chuva de tochas na zona da baliza do Rui Patrício. Ele até teve de se afastar para não ser atingido. Eram mesmo muitos engenhos pirotécnicos e achei estranho que tivessem conseguido entrar com tantos. Falha de segurança por parte da polícia, naturalmente. Ainda assim, não acredito que aquele gesto fosse com qualquer intenção de magoar o nosso guarda-redes.

Estávamos a escassos minutos de iniciar um jogo contra o Benfica que poderia ser decisivo. Custa-me a crer que passe pela cabeça de algum sportinguista poder lesionar o seu guarda-redes antes de um dérbi. Por maior discórdia que pudesse existir, há um ponto em que os sportinguistas são unânimes: não há muitas coisas melhores do que ganhar ao Benfica. Mais ainda num jogo que nos podia garantir a entrada na Champions.

Mas logo começaram as teorias de que Bruno de Carvalho tinha ordenado que a claque atirasse tochas para cima do Rui Patrício. Pior ainda: ao mesmo tempo que isso estava a acontecer, houve uma câmara de televisão que me filmou a rir-me enquanto falava com outro elemento do banco do Sporting. Estávamos a falar de outra coisa qualquer que nada tinha a ver com aquilo. Bastou essa imagem, no entanto, para alguns comentarem e escreverem que eu estava a gozar com o Rui Patrício por causa das tochas que caíam perto dele.

O mais grave é que a acusação do Ministério Público sobre os ataques à Academia também embarca nessa loucura e diz que eu ordenei que arremessassem tochas contra o Rui Patrício. E é com estas coisas que tenho de lidar.

Volto a resumir, para que, de uma vez por todas, este assunto fique esclarecido. Falei com as claques? Sim, para homenagearem o Marco Ficini com as bandeiras (sem qualquer referência a tochas).

Agora outro ponto que também referi no interrogatório sobre os incidentes na Academia: quando fui falar com as claques por causa do Marco Ficini, ainda não tinha sido atirada a moeda ao ar pelo árbitro. O mesmo é dizer que ainda não se sabia qual era o guarda-redes que ficava naquela baliza. Portanto, se não fosse o Rui Patrício e tivesse sido o guarda-redes do Benfica, as claques teriam esperado pela segunda parte para atirar as tochas? Mas isto faz algum sentido?

Quanto ao jogo, empatámos muito por mérito do nosso guarda-redes. Fez uma

exibição sensacional e só por ele é que saímos dali com um resultado que nos fazia ir para o último encontro do campeonato dependendo apenas de nós para alcançarmos o segundo lugar.

Chegou a última jornada. O Benfica recebeu e venceu o Moreirense. Nós perdemos na deslocação ao terreno do Marítimo. O Benfica ficou em segundo e com a possibilidade de lutar pelo acesso à Liga dos Campeões. Nós acabámos em terceiro e podíamos ver o nosso rival ficar com 40 milhões de euros caso entrasse na prova milionária. Mais um objetivo falhado.

No dia seguinte reuni-me com Jorge Jesus em Alvalade.

11. MÁQUINA EM MOVIMENTO

Foi uma conversa difícil. Jorge Jesus não estava a perceber aquilo que lhe explicávamos. Teve de ser o seu adjunto, Raul José, a fazer-lhe quase uma tradução.

No dia seguinte à derrota na Madeira, marquei uma reunião onde estiveram presentes o Jorge e toda a sua equipa técnica e vários elementos da administração do Sporting. Fiz questão de que estivessem várias pessoas, e não ficar apenas sozinho com o Jorge, para depois não haver o «diz que disse». Em nosso entender, o tempo dele no Sporting tinha chegado ao fim e quisemos passar-lhe essa mensagem de forma muito clara.

Disse-lhe que iríamos instaurar-lhe um processo disciplinar por causa de vários erros de comunicação dele, ao longo do tempo em que foi treinador do Sporting, além das insistentes intromissões em negócios de transferências que realizámos, entre outros motivos. Era o início do processo que visava afastar Jorge Jesus e a sua equipa técnica. Quis ser totalmente sincero com ele e transmitir-lhe que não iríamos continuar com ele na época seguinte (ainda tinha contrato por mais um ano) para lhe dar tempo de começar a pensar no seu futuro.

Sobre esse assunto, mais tarde o Jorge Jesus confidenciou a alguns amigos dele que o problema não era eu ter-lhe dito aquilo, mas sim tê-lo feito à frente da sua equipa técnica. Por isso é que o Octávio andou a dizer na CMTV que eu tinha humilhado e maltratado o Jorge. A minha atitude foi profissional, frontal e de alguma amizade, porque, volto a dizer, daquela forma o Jorge poderia começar a pensar no próximo passo da sua carreira. Tal e qual como os seus adjuntos. Porque não era apenas o tempo do Jorge que tinha chegado ao fim no Sporting. A sua equipa técnica tinha o mesmo direito de saber que não contávamos com eles na época seguinte.

A verdade é que o Jorge, enquanto eu lhe dizia tudo isto, questionou-me se terminava ali a sua função ou se ainda fazia a final da Taça de Portugal, frente ao Desportivo das Aves, agendada para esse domingo.

Respondi-lhe que estava muito dinheiro em cima da mesa (eram quase 9 milhões de euros para as rescisões de toda a equipa técnica) e não se podia tratar aquele assunto de qualquer forma.

«Amanhã de manhã, vamos reunir com os nossos advogados e diremos alguma coisa», expliquei-lhe.

«E o que é que isso significa?», perguntou ele.

«Se amanhã você receber um papel com a nota de culpa, isso significa que está suspenso, não vem trabalhar e inicia-se o processo de despedimento. Se não receber esse papel, continua a fazer o seu trabalho, como sempre fez.»

Tive de lhe explicar várias vezes que ele não estava despedido, que nenhum deles estava despedido, precisavam de ter um papel na mão com a suspensão a abrir o processo disciplinar para despedimento.

Nesse momento, e já depois da «tradução» de Raul José, ele virou-se para mim e disse: «Então o treino que estava marcado para de manhã passa para a tarde.» A mim isto não me surpreendeu porque a alteração de treinos é uma prática regular dos treinadores, nomeadamente do Jorge.

Mas para que fique bem claro: ele alterou a hora do treino que se iria realizar na Academia de Alcochete por sua iniciativa. A minha opinião é que ele saiu da reunião convencido de que estava despedido e, por isso, quis passar o treino para a tarde por pensar que já não seria ele a dá-lo.

Recordo que esse papel não foi entregue e por isso Jorge Jesus ficou e orientou a equipa na final da Taça. Mas já depois de ter abandonado o Sporting, e de estar no Al-Hilal, da Arábia Saudita, deu várias entrevistas em que disse que tinha sido eu a mudar a hora do treino. Mentira! Só ele sabe porque terá dito tal coisa, uma vez que nessa reunião estavam várias pessoas, da sua equipa técnica e da direção do Sporting, que ouviram o que ele disse. Aliás, nessa reunião o que eu disse ficou claro para toda a gente menos para o Jorge.

Depois dessa conversa, tive outra com o plantel e com a estrutura do futebol profissional. Falei com os jogadores e nem sequer foi tocado o assunto Jorge Jesus. Disse-lhes que o resultado na Madeira tinha sido péssimo, que também tinha ficado triste, mas que era preciso levantarmos a cabeça porque ainda havia um troféu para ganhar, referindo-me à Taça de Portugal. Nesse momento, perguntei aos jogadores: «Aconteça o que acontecer, conto convosco?» Esta foi a única alusão indireta à possibilidade de o treinador vir a sair no dia seguinte. Eles responderam que sim e que tudo iriam fazer para ganhar ao Aves.

André Geraldes, nosso team manager, estava nessa reunião. Mais tarde, o André disse que soube da mudança de hora do treino por mim. É bem possível que tenha sido eu a dizer-lhe porque acabara de receber essa informação do Jorge Jesus na tal reunião anterior em que o André não esteve presente. Portanto, aqui não há qualquer

contradição, como alguma comunicação social e a própria acusação do Ministério Público, no que respeita ao caso das agressões na Academia, quiseram fazer querer.

O ATAQUE DOS LACRAUS

No dia seguinte, tinha dois assuntos para resolver. Um deles com os nossos advogados, relativo ao eventual despedimento do Jorge Jesus, e outro por causa da capa do jornal Correio da Manhã desse dia sobre a operação Cashball, relacionada com alegados pagamentos feitos pelo Sporting, por intermédio do André Geraldes, com o intuito de obter vantagem em jogos de andebol e futebol. Tudo isto contado por um empresário chamado Paulo Silva, de quem eu nunca tinha ouvido falar, que mais tarde admitiu ao Ministério Público ter dado aquela entrevista apenas porque precisava de dinheiro.

Mas a verdade é que o aparecimento do Cashball, naquele preciso dia, serviu apenas como manobra de diversão para que eu e o André não estivéssemos na Academia à hora em que aconteceram os ataques. O André chegaria mesmo a ser detido, por causa desse processo, para depois o colocarem novamente em liberdade e retirarem todas as medidas de coação. Ou seja: a partir do momento em que a nossa administração foi destituída pelos sócios do Sporting, não se voltou a ouvir falar do Cashball. O assunto morreu logo ali.

Só serviu para estarmos reunidos com os advogados ao mesmo tempo que um grupo de cerca de 50 indivíduos entrou pela Academia com o intuito de agredir os nossos jogadores minutos antes do treino que Jorge Jesus tinha agendado para essa tarde.

Estava na sala de reuniões, em Alvalade, com os advogados e o André Geraldes, quando o José Ribeiro, do nosso departamento de comunicação, entrou e disse que estava a haver uma confusão com adeptos em Alcochete. Pedi-lhe para ligar ao Jorge e perguntar-lhe se essas pessoas ainda estavam na Academia. Nunca imaginámos a dimensão do ataque naquele momento. Nem eu, nem ninguém naquela sala. O José Ribeiro voltou passado pouco tempo.

«O Jorge diz para o presidente não ir.»

«Eu não perguntei se o Jorge quer que eu vá, perguntei se essas pessoas ainda lá estão.»

O José Ribeiro disse-me que sim. Nesse momento, abandonei imediatamente a reunião (deixando lá a restante administração, os advogados e o André) e parti para a Academia.

Quando entrei de carro na Academia, vi o Fernando Mendes (antigo líder da Juve

Leo), mais umas pessoas que estavam com ele, a conversar muito tranquilamente com o Jorge Jesus e o William Carvalho. Volto a dizer que, nessa altura, eu ainda não fazia ideia de nada. Pareceu-me que estavam todos em amena cavaqueira.

Passei por eles e estacionei o carro mais à frente. Agora podem perguntar porque não parei logo e fui ter com eles. Até porque, ainda em Alvalade, o José Ribeiro tinha-me dito que foi o Jorge Jesus a informá-lo sobre os ataques. Muito simples: primeiro, estavam todos com bom ar, e a falar sem problemas; segundo, porque, uma vez mais, estava ali um elemento da Juve Leo, a conversar, sem eu ter permitido a sua entrada. Portanto, calculei que tivesse sido outra vez o Jorge Jesus a ter dado aquela autorização.

(Antes desse episódio, a única vez que uma claque entrou na Academia, sem ser para aquelas fotos de final de ano, em que eles até recebem autógrafos dos jogadores, foi porque o Jorge os deixou entrar durante a sua segunda época como treinador. Fui alertado para isso, liguei imediatamente para o Nuno Vieira, vulgo Mustafá, e disse que não autorizava a entrada deles.

Cheguei à Academia e qual não foi o meu espanto quando vi os elementos da claque lá dentro. Foi nesse momento que o Jorge Jesus me disse que tinha sido ele a deixá-los entrar. «Jorge, você aqui não manda nada», respondi-lhe. «Eu tinha dito que eles não podiam entrar.»

Lá pedi à Sporting TV para ir à Academia e fez-se ali um espetáculo, quase de teatro, em que eles bateram muitas palmas aos jogadores e foram-se embora. Aliás, eu decidi nem me dirigir a eles nem estar ao pé deles, porque realmente não gosto que me desautorizem. E apesar de o Jorge Jesus ter deixado, eles sabiam que eu não queria que eles entrassem.)

Quando estava a estacionar, depois de ter passado por aquele grupo à conversa, o William saiu de perto deles e ia a passar. Chamei-o. Foi quando ele voltou às suas teorias mirabolantes: «Nós sabemos que foi você que mandou fazer isto tudo.» Voltei a chamá-lo, mas ele continuou a andar.

Segui direto para o balneário onde ainda estavam alguns jogadores. O Bas Dost, segundo aquilo que depois foi do conhecimento público, tinha sido agredido com a fivela de um cinto e mostrou-me a ferida que tinha na cabeça. Dizia que estava cheio de dores. O Podence só se ria, de forma muito nervosa, porque ainda estaria em choque, calculo. Pelo menos, quero acreditar nisso.

Foi aí que tive a verdadeira noção do que se tinha passado. Fui ter com o Jorge, que já estava no seu gabinete, e fiquei muito tempo a falar com ele para tentar perceber

tudo o que tinha acontecido.

E aqui entramos na história da suposta vergastada que deram a Jorge Jesus. No interrogatório de que fui alvo, tive oportunidade de dizer que se o agrediram com alguma coisa, deve ter sido muito ao de leve porque estive com ele quase duas horas e não tinha nada. Uma vergastada levou o Raul José, seu adjunto, que me mostrou uma enorme marca no tronco. Atenção: não estou a dizer que o Jorge Jesus mentiu e que não foi agredido. Até pode ter sido. Não sei, não estava lá durante o ataque. Se estivesse, posso garantir, nada daquilo teria acontecido. Se quisessem tocar nos jogadores, teriam de me matar. Mas a verdade é que não vi no Jorge as marcas que outras pessoas tinham.

Aos poucos, foram chegando outras pessoas dos órgãos sociais do Sporting, como os elementos da Mesa da Assembleia Geral, Jaime Marta Soares (presidente), e Eduarda Proença de Carvalho (vice-presidente).

Até essa altura, a Eduarda estava muito bem comigo (ao contrário do que se passava entre mim e o Marta Soares). Inclusivamente, a Eduarda, nessa noite, chegou a dizer-me que já não tinha paciência para continuar a aturar o Marta Soares. E depois faz-me uma sugestão.

«Era bom que o Jorge Jesus desse umas palavras à Sporting TV.»

«Não lhe vou pedir isso, mas não acho má ideia. A Eduarda, se não se importar, pode pedir-lhe?», disse eu.

Ela foi, esteve muito tempo a falar com o Jorge, e voltou de forma diferente, já num tom bastante acusatório em relação a mim. Fiquei com a impressão de que o Jorge lhe tinha dito que eu tinha alguma coisa que ver com aquilo e a verdade é que, a partir daí, a minha relação com a Eduarda nunca mais foi a mesma.

De seguida, deu-se o momento das minhas declarações à Sporting TV sobre o que se tinha passado. Eu estava em choque. Falei muito tempo quando a minha intervenção não deveria ter sido mais do que dez segundos.

Consegui dizer que era um ato criminoso, algo absolutamente hediondo e que iríamos aguardar para saber quem tinha feito aquilo e tomarmos as nossas medidas. Não precisava de ter dito mais nada. Mas, depois, proferi uma declaração que seria logo retirada de contexto por alguma comunicação social: «Foi chato ver os familiares dos jogadores ligarem preocupados.» Começaram então a dizer que eu tinha considerado «chato» o ataque à Academia, de forma a imputarem-me insensibilidade perante aquilo que os nossos jogadores tinham vivido.

De seguida, os jogadores foram transportados em grupos por carrinhas da GNR para apresentarem queixa na esquadra do Montijo. A polícia não me deixou ir com eles. Na minha opinião, mais valia que as autoridades tivessem deixado os jogadores fazerem os

seus depoimentos ali na Academia, não os obrigando a ter de ir para um posto depois de terem passado por aquilo tudo.

Saí dali, em choque, e tive de ir para um jantar do Grupo Stromp, uma organização cinquentenária, ligada ao Sporting, e com grande influência no clube. Nunca me revi muito na forma de atuar deles, pela intervenção nem sempre positiva que tiveram no Sporting antes da nossa chegada, mas um presidente tem estar com todos os grupos que formam o clube. Fazia parte da função. E a minha presença naquele evento, onde eles queriam discutir vários assuntos relacionados com a vida do Sporting, já estava agendada há muito tempo.

Acabei por ir sem a companhia de qualquer elemento da direção. Aliás, uma vez mais, em toda esta situação, as pessoas da administração da SAD não foram à Academia, não me ligaram a perguntar se era preciso alguma coisa, nada. E tive de ir para esse jantar sem cabeça nenhuma. Cheguei lá bastante tarde e estive muito pouco tempo. Segui para casa e senti-me completamente sozinho.

SANGUE CALIENTE E MENTIRAS

Nos dias seguintes, foi ainda pior. Não devem ter sido muitos os acontecimentos no país que provocaram uma reação em cadeia das três mais altas figuras de Estado: o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, o Presidente da Assembleia da República, Ferro Rodrigues, e o primeiro-ministro, António Costa. As declarações dos primeiros dois foram lamentáveis. Ferro Rodrigues chegou mesmo a afirmar que eu tinha provocado um clima de ódio que levou aos ataques. Já Marcelo Rebelo de Sousa deu a entender que poderia não ir à final da Taça de Portugal, no Jamor, que conta sempre com a presença do Presidente da República, caso eu fosse.

Inicia-se então um linchamento público contra a minha pessoa que teve uma colaboração indispensável de Jorge Jesus e do médico Frederico Varandas.

Jorge Jesus cancelou os treinos durante a semana por considerar que os jogadores não estavam em condições de treinar. Foi uma péssima atitude. Continuo a dizer que, à exceção do Bas Dost, todos os jogadores deveriam ter ido treinar no dia seguinte para preparem o jogo. Era a melhor forma de ultrapassarem o trauma.

Varandas aproveitou a situação para estar a trabalhar com alguns jogadores na sua clínica e partilhar esses momentos nas redes sociais, passando a imagem de que era ele quem estava a tratar da equipa naquele momento complicado. Mas já lá iremos.

Convém dizer que o clima exaltado entre a claqué e alguns jogadores do plantel

começou logo nos instantes seguintes ao jogo com o Marítimo. Não viajei com a comitiva para a Madeira por causa da presença do Sporting na final-four da Liga Europeia, em hóquei em patins, que se realizou esse fim de semana no Porto, mas contava voltar a sentar-me no banco com a equipa de futebol na final da Taça de Portugal.

Vi a derrota com o Marítimo pela televisão e apareceram imagens, no final do jogo, que mostravam um bate-boca de Rui Patrício e Acuña com alguns elementos da Juve Leo. Depois, no aeroporto, também apareceram imagens de um desacato entre Fernando Mendes e Acuña, com intervenção de Battaglia, William e Jorge Jesus.

Nessa noite, o Fernando Mendes ligou-me várias vezes e parecia bastante embriagado. Só dizia que lhe faltaram ao respeito, que o Acuña tinha chamado nomes à mãe dele. Não saía daquilo. E também não acrescentava mais nada. Em nenhum momento me transmitiu que tinha dito aos jogadores que ia à Academia no treino seguinte para falar com eles. Como é evidente, se tivesse falado em tal coisa, dizia-lhe logo que não podia e, naturalmente, tomava as medidas de segurança necessárias para ninguém conseguir entrar.

Mas o Fernando Mendes não tocou nesse assunto, embora mais tarde, já depois dos ataques à Academia, eu viesse a saber que ele fez essa ameaça no aeroporto, algo que os jogadores também não me disseram. Em todos aqueles telefonemas, limitei-me a dizer-lhe que iria falar com os jogadores. Outro ponto: o Fernando Mendes não tinha por hábito ligar-me. Raramente falávamos. Na altura, pensei que era apenas por estar exaltado e magoado com o que o Acuña lhe pudesse ter dito. Hoje, depois de tudo o que se passou, acredito que esses telefonemas também terão sido premeditados para tentarem incriminar-me.

Na reunião do dia seguinte que tive com o plantel, depois de já ter estado com o Jorge, quis saber o que tinha acontecido.

«Acuña, importas-te de me explicar o que se passou?», perguntei-lhe.

«Ah, nada, nada, tenho sangue quente, sou da América do Sul.»

«Pois, mas é que escolheste logo um dos líderes da claqué», disse-lhe. «Se te dirigisses a um líder dos Barra Brava [nome dado às violentas claques da Argentina], sabes bem o que te acontecia. Portanto, tu mais do que todos, exatamente por seres argentino, devias ter juízo suficiente para não responderes a provocações.»

«OK, OK, nada que não se resolva com uma boa conversa», disse-me. Depois, dirigime ao Battaglia.

«E contigo, o que se passou?»

«Nada, nada, eu fui só ajudar o Acuña, mas não se passou nada.»

De seguida, perguntei ao William. Primeiro, porque também o vi a falar com o

Fernando Mendes nessas imagens do aeroporto do Funchal e depois porque o William foi formado no Sporting. Ao contrário dos jogadores estrangeiros, ele conhecia os elementos da claue. Aliás, tanto o William como o Rui Patrício tinham almoços e jantares frequentes com pessoas da Juve Leo.

«Não se passou nada, não se preocupe», respondeu o William.

«À mínima coisa, seja o que for, vocês falam comigo ou com o André Gerales e eu resolvo o assunto», disse-lhes, referindo-me ao eventual envio de mensagens escritas em tom de ameaça ou irem mesmo bater à porta da casa dos jogadores. Antes de eu ter chegado ao Sporting, era comum que elementos das clauques fossem bater à porta da casa dos jogadores e dos treinadores, mas comigo isso acabou.

Só que naquele momento, volto a dizer, nenhum deles me disse que o Fernando Mendes tinha prometido ir à Academia. Nem os jogadores, nem o Jorge Jesus na reunião que tivemos antes.

UMA PIZA ASSUSTADORA

Continuemos com Fernando Mendes. Já depois de ter sido colocado em prisão preventiva, na sequência dos ataques à Academia, deu uma entrevista ao jornal Diário de Notícias em que afirmou que tinha sido eu a dizer-lhe para ir à Academia «apertar com os jogadores» e dar-lhes «um puxão de orelhas».

«Tenho pensado com os meus botões se ele não alterou a data do treino com base nessa conversa (...), mudou-o para terça-feira porque sabia que eu lá ia e calculou que atrás de mim fosse mais gente», contou na mesma entrevista.

Além disso, também disse que só me ligou uma vez, dando-me conhecimento de que tinha ido ao aeroporto falar com Jorge Jesus, e que depois disso eu lhe liguei cinco ou seis vezes e estivemos mais de uma hora ao telefone. É o desespero de quem pode enfrentar uma pena de prisão muito grande e que tenta, a todo o custo, implicar outros para conseguir algum tipo de acordo.

Aliás, é interessante perceber que sou arguido neste caso, e estive detido cinco dias, apenas com base em testemunhos de pessoas que estão em prisão preventiva (e que por isso estão dispostas a qualquer coisa para conseguirem uma redução da pena), embora o Ministério Público não tenha qualquer prova do meu alegado envolvimento. E não pode ter porque não tive nada que ver com o ataque. A educação que me deram faz-me repudiar, por completo, essas histórias dos «apertos» e dos «puxões de orelhas».

Outro que prestou falso testemunho, e que também está preso, é Bruno Jacinto,

então Oficial de Ligação aos Adeptos (OLA) do Sporting. Garantiu ao juiz do processo que eu sabia que a Juve Leo ia à Academia e que costumava falar muitas vezes com os líderes das claques.

Uma pequena nota sobre Bruno Jacinto: foi escolhido para o cargo por André Geraldes, que antes dele também foi OLA do Sporting. O Bruno era o homem do André Geraldes. Contava-lhe tudo o que sabia. E ao tomar conhecimento de que a Juve Leo iria à Academia, como o próprio admitiu, contou ao André. Mas o que fez o nosso team manager? Não ligou. Não disse nada a ninguém. Mais tarde, numa entrevista ao jornal O Jogo, confirmou que tinha recebido um sms de Bruno Jacinto com essa informação, só que não considerou importante: «Não relevei a mensagem e até fiquei admirado. Não sabia de nada. Estava focado noutras coisas.»

Este é o mesmo André Geraldes que ajudei a subir na hierarquia do Sporting até chegar a um cargo de topo na estrutura do futebol profissional. Estava a trabalhar comigo já há algum tempo na assistência aos jogadores. Depois de o Octávio Machado ter saído, era fundamental não voltarmos a cometer o erro de termos alguém com o mesmo perfil. Queríamos uma pessoa nossa que pudesse fazer essa ligação entre o futebol profissional e a direção. Ele tinha uma boa relação com o Jorge Jesus. Talvez por serem os dois da Amadora, uma vez que há sempre esse clã da Amadora muito importante na vida do Jorge. Mas o André foi uma pessoa a quem demos oportunidades e que conseguiu provar a sua competência. E enquanto team manager fez um bom trabalho.

Este também é o mesmo André que, mais tarde, prestou declarações no âmbito da investigação ao ataque à Academia que quase pareciam tiradas de um filme de comédia se não fossem tão graves. Segundo o que saiu na comunicação social, terá dito que um dia ficou com muito medo de mim porque foram a sua casa entregar uma piza, sem que ele a tivesse encomendado, e que o estafeta justificou dizendo que vinha da parte de Bruno de Carvalho. Essa indicação, terá contado ele, vinha mesmo na nota da encomenda: «Entregar piza ao André e informar que vem da parte do Bruno de Carvalho.» Também disse que, noutra altura, recebeu uma chamada anónima em tom ameaçador: «Vê lá o que fazes e por que caminhos andas.»

Agora a verdade: nunca mandei qualquer piza ao André. Também nunca lhe fiz chamadas anónimas, nem mandei ninguém fazê-lo, muito menos em jeito de ameaça. Mas são estas traições, deslealdades e parvoíces, de pessoas que ajudei muito, que me deixam bastante triste quando penso naquilo que foram os anos que dei ao Sporting e a todos aqueles que lá trabalharam comigo.

Ao André, só lhe posso desejar uma vida longa, a comer o que ele quiser, e lamentar aquilo em que ele se tornou. Não posso dizer muito mais.

Mas voltemos ao Fernando Mendes. Quiseram fazer passar a imagem de que eu e o antigo líder da Juve Leo tínhamos uma boa relação. De muita proximidade. Outra mentira.

No jantar de Natal da claque, em 2017, marquei presença, juntamente com André Geraldes, Jorge Jesus, alguns jogadores, como William e Fábio Coentrão, e atletas de outras modalidades. A meio do evento, o Nuno Vieira (Mustafá) fez um discurso muito inflamado e aquela era uma altura em que se viviam algumas cisões dentro da claque. A dado momento, deixou-me um apelo: queria que eu fizesse uma homenagem ao Fernando Mendes no relvado de Alvalade. De seguida, passou-me o microfone, e como não consigo ser hipócrita, nem mentir, disse-lhe que agradecia as suas palavras, mas nada feito quanto àquele pedido: «Enquanto eu for presidente do Sporting, nunca farei uma homenagem ao Fernando Mendes, em lado nenhum, porque a minha memória não é curta e vai até às eleições no Sporting em 2011.»

Esse sufrágio é o tal em que primeiro ganhei eu e depois deram a vitória a Godinho Lopes. Quando ainda se pensava que o próximo presidente seria eu, o Fernando Mendes fez várias ameaças a elementos da nossa equipa. Também foi o maestro dos confrontos que aconteceram durante essas horas. O responsável por várias situações de enorme confusão. Era apoiante da lista de Godinho Lopes e até esteve com eles no camarote a beber champanhe e em grande clima de festa quando foi anunciado que, afinal, eu não tinha ganho. Portanto, o que posso dizer é que não há, nem nunca houve, qualquer afinidade entre mim e essa pessoa. Mas tudo servia para me imputarem responsabilidade nos ataques à Academia. E os que pensaram em tudo isso, apenas usaram os Fernandos Mendes desta vida como peões numa estratégia que já estava a ser pensada há muito tempo. E que teve, e continua a ter, um contributo importante de alguma comunicação social.

Já em novembro de 2018, saiu uma notícia no Correio da Manhã sobre regalias dadas à Juve Leo durante a minha presidência, onde se tenta mostrar que eu deixei a dívida das claques ao clube e à SAD disparar para quase 690 mil euros. Eis a verdade.

Mal cheguei à presidência, em 2013, imputei às claques os cerca de 500 mil euros que o Sporting teve de pagar pelo incêndio nas bancadas do Estádio da Luz, após o dérbi entre as duas equipas disputado a 26 de novembro de 2011, ainda durante o mandato de Godinho Lopes.

Também, logo de imediato, fiz que as claques pagassem os 10 mil bilhetes que lhes tinham sido dados por essa mesma direção, em 2012, para a final da Taça de Portugal frente à Académica.

Só na soma destas duas cobranças estão mais de 600 mil euros. Ao contrário do que a

notícia do Correio da Manhã deu a entender, se alguém lutou para baixar a dívida dos grupos organizados de adeptos foi a nossa administração.

De resto, André Geraldes e Guilherme Pinheiro eram quem geria as claques durante a minha presidência. Mas tudo continua a servir na tentativa de mostrar que eu tinha uma forte ligação aos grupos de adeptos organizados para tentar colar essa mentira aos ataques à Academia.

A HIPOCRISIA DE UM MÉDICO

É nesta parte que voltamos a Jorge Jesus e Frederico Varandas. Já disse antes que eles foram os homens que potenciaram os efeitos negativos que o ataque à Academia teve sobre a nossa administração.

Fiz ver isso mesmo ao Jorge, numa reunião que tivemos já depois da derrota com o Aves na final da Taça de Portugal. Não fui ao Jamor para não causar mais barulho e instabilidade à volta da equipa. Para mim, naquele momento, o mais importante era não afetar o jogo com a minha presença. Os restantes assuntos seriam para resolver depois.

Vi a final pela televisão e fiquei bastante triste com aquele resultado, mas não deixei de enviar mensagens aos jogadores com palavras de incentivo (antes e depois da final).

Nessa reunião com o Jorge, expliquei-lhe que a sua decisão de ter cancelado os treinos nos dias seguintes ao que aconteceu em Alcochete só serviu para aumentar ainda mais toda a especulação em torno do meu alegado envolvimento. O Sporting fez apenas um treino, e já no relvado do Jamor, na véspera da final. Nessa altura, também tive de ler e ouvir coisas tão estapafúrdias como o Sporting estar a treinar debaixo de grandes medidas de segurança. O melhor, volto a dizer, teria sido treinar na Academia ou em Alvalade logo no dia seguinte aos ataques para tentar transmitir alguma normalidade aos jogadores. Para mostrarmos que não teria sido aquele ataque cobarde a pôr em causa os nossos objetivos, união e grandeza.

Mas o Jorge não entendeu assim e deu a possibilidade a Varandas de se armar em salvador da pátria, colocando os jogadores a trabalhar à parte na sua clínica e imortalizando todos os momentos nas redes sociais. Onde é que já se viu uma equipa andar a fazer treinos individuais dias antes da decisão de um título?

«Essa decisão deu cabo de mim, Jorge», desabafei com ele.

Explicou-me que jamais iria fazer algo contra mim. Que nunca foi a sua intenção. E depois disse algo que me deixou intrigado: «Mas a máquina já está em movimento.»

Na altura, não consegui perceber o significado daquelas palavras. Fiquei esclarecido

mais tarde, já depois de termos sido destituídos, durante a campanha eleitoral. O Jorge aceitou o convite para pertencer à comissão de honra da lista de Frederico Varandas. O mesmo médico que agora é presidente do Sporting e que anunciou a sua candidatura aproveitando a contestação que estávamos a sofrer e a derrota na final da Taça de Portugal. Disse que foi precisamente no relvado do Jamor, após o jogo, que tomou aquela decisão. Por tudo o que já expliquei, é óbvio que ele já pensava nisso há muito mais tempo.

Outra particularidade de Varandas: costumava vir ter comigo e dizer cobras e lagartos sobre o Jorge. Que era um mau treinador, que massacrava os jogadores e que depois estes tinham muitas lesões, que não ouvia as recomendações do departamento clínico. Depois, mais tarde, já eram grandes amigos e até o convidou para a sua comissão de honra. É a prova de que a hipocrisia, para algumas pessoas, não tem limites.

E tudo isso faz com que, ao dia de hoje, me arrependa bastante de não ter demitido Jorge Jesus logo naquela reunião após a derrota com o Marítimo. Teria sido a melhor opção. No entanto, ele acabou por não receber a nota de culpa nesse dia e deixámo-lo orientar a equipa na final da Taça de Portugal.

A partir daí, com o que foi espoletado pelos ataques à Academia, eu e a minha administração passámos a viver num clima de terror. Tudo protagonizado por José Maria Ricciardi, com a forte colaboração de Álvaro Sobrinho, Jaime Marta Soares, Artur Torres Pereira, Sousa Cintra, Frederico Varandas e daquele que tinha sido o nosso treinador. O Jorge tinha razão: a máquina estava mesmo em movimento.

12. VALEU A PENA?

Um erro: ter convidado Jaime Marta Soares para presidente da Mesa da Assembleia Geral (MAG) do Sporting aquando da minha vitória nas eleições de 2013. Só entrou porque era muito amigo dos então candidatos a vice-presidentes pela nossa lista, Artur Torres Pereira e Vítor Ferreira.

Outro erro: ter continuado com ele nas eleições de 2017. Embora só a partir dessa altura tenha começado a revelar, verdadeiramente, aquilo que era. Antes disso, mostrava-se como um «falinhas mansas», sempre a dizer que era uma pessoa de «pontes» e de «consensos».

Este homem, que se autoproclamava um diplomata, foi dos primeiros a tentar dar-me uma machadada no tal período muito conturbado para mim que começou em dezembro de 2017.

Logo após o post do Atlético de Madrid, Marta Soares aproveitou a onda de contestação para conceder uma entrevista à TSF na qual disse que iria exigir a minha demissão. «Os clubes ficam, as pessoas passam», disse ele. Verdade. E o problema do Sporting foi ele ter ficado demasiado tempo. Logo nessa altura, porém, muito antes dos ataques à Academia, já Marta Soares mostrava a sua vontade em destituir a direção.

Reagi de imediato, explicando que seríamos nós, Conselho Diretivo, a pedir a sua demissão e lembrei que tinha sido ele o responsável por criar uma das maiores confusões na história do Sporting ao conduzir, de forma infantil e incompetente, a primeira AG de fevereiro. Perante a ira dos sócios, nesse dia, vi-me obrigado a defender um homem que não tinha defesa possível.

E, com aquela entrevista, estava na hora de dizer «basta». Queríamos convocar uma AG para que os sócios se pudessem pronunciar sobre a continuidade ou não de Jaime Marta Soares e do presidente do Conselho Fiscal e Disciplinar, Nuno Silvério Marques, que também alinhava com ele nesta tentativa de tomar o poder do Sporting.

O que Jaime Marta Soares se esqueceu de dizer aos microfones da TSF foi que, dias antes do chamado «caso Madrid», tinha-me proposto uma cimeira secreta com o seu amigo Luís Filipe Vieira, presidente do Benfica, numa altura em que os clubes estavam de

relações cortadas há muito tempo. Essa sua vontade foi negada, claro. A partir daí, a nossa relação passou a ser muito difícil.

Marta Soares era um perito em «flic-flacs» e não descansou enquanto não conseguiu destituir a nossa direção. Ficará para a história como o principal responsável por um dos períodos de maior instabilidade vividos pelo Sporting.

Após os ataques à Academia, voltou a pôr o seu plano em marcha com o indelével apoio de figuras como José Maria Ricciardi e Álvaro Sobrinho. Foi nessa altura que começámos a sofrer um clima de terror para nos demitirmos. E eu expliquei aos sportinguistas os motivos de toda essa pressão.

«Neste momento, estamos a renegociar a nova reestruturação financeira, a terminar todos os aspetos relacionados com o empréstimo obrigacionista e a acabar uma negociação com a banca que vai fazer com que a dívida do Sporting passe para metade. Se apresentarmos a demissão, ele [Marta Soares] coloca uma Comissão de Gestão e só nos permite recandidatar daqui a seis meses. E esses elementos da Comissão de Gestão, juntamente com José Maria Ricciardi, querem entrar já com o trabalho feito para poderem vir dizer que são muito melhores do que nós.»

Este era o plano encabeçado por Marta Soares e pelos seus «patrocinadores». Não apenas Ricciardi, mas também Álvaro Sobrinho, que, a partir de determinado momento, começou a entrar numa espiral de ódio contra nós.

O «HERÓI NACIONAL» DA HOLDIMO

Uma breve nota sobre Álvaro Sobrinho: foi um dos nossos maiores apoiantes quando nos candidatámos, mas depois virou-se contra nós por perceber que não iríamos deixar a Holdimo, a sua empresa, ter uma participação tão forte no Sporting como aquela que lhe deram a entender que teria, durante o mandato de Godinho Lopes, quando investiu na SAD cerca de 20 milhões de euros. Pensava que esse investimento iria garantir-lhe, num futuro próximo, ser acionista maioritário da SAD do Sporting. E essa ideia foi-lhe «vendida» pelo seu amigo Ricciardi.

Só que nós entrámos e pouco nos interessava que tipo de promessas lhe tinham sido feitas por Ricciardi e pela direção de Godinho Lopes. Não estávamos ali para representar o Álvaro Sobrinho Futebol Clube ou a Holdimo Clube de Portugal. Estávamos numa missão para defender, fosse contra quem fosse, os superiores interesses do Sporting

Clube de Portugal. Acabando, de vez, com os compadrios do passado.

Mas a Holdimo é um caso muito curioso. Álvaro Sobrinho era dos homens mais mal falados em Portugal por causa das suas práticas menos claras no Banco Espírito Santo Angola (BESA), ao qual presidiu. Chegou a ser acusado de lavagem de dinheiro, ficou com várias contas congeladas e problemas em diferentes países. Depois de tudo isso, era uma figura pouco credível. Quando fomos buscar Jorge Jesus, aliás, houve quem se apressasse a dizer que o tínhamos feito com o dinheiro alegadamente sujo de Álvaro Sobrinho, embora nunca nos tenha dado um tostão durante o tempo em que estivemos no Sporting.

Nunca tivemos nenhum relacionamento especial com a Holdimo e só queríamos que eles vendessem a sua participação na SAD porque, na verdade, não era uma boa marca para o Sporting, precisamente por todo esse historial de Álvaro Sobrinho. E cheguei a dizer tudo isto por mais do que uma vez. Só que quando chegou a hora de nos atacarem, parecia que Álvaro Sobrinho já era uma espécie de «herói nacional» e tudo aquilo que ele dizia tinha muita relevância para a vida do Sporting e para a sociedade portuguesa.

Lançou-me ataques violentíssimos através da comunicação social e que deixavam pistas muito claras para algumas coisas que se passaram mais tarde. Chegou a dizer que eu era um «morto-vivo» e prometeu fazer tudo me destituir.

Os dados estavam mais do que lançados. Bastaria continuar a contar com a preciosa colaboração de Jaime Marta Soares. Este acabou por conseguir marcar uma AG, ferida de ilegalidades, para a nossa destituição, e ainda hoje tenho muitas dúvidas sobre os resultados finais que nos levaram a ser afastados do Sporting: 71,36 por cento a favor da nossa saída e 28,64 por cento contra, segundo as contas de Jaime Marta Soares (sobre a credibilidade desta contagem nem preciso de acrescentar mais nada).

A partir daí, Marta Soares nomeou uma Comissão de Gestão presidida pelo seu amigo Artur Torres Pereira. Este órgão ficaria em funções até às eleições seguintes, que seriam marcadas para 8 de setembro de 2018.

Artur Torres Pereira foi vice-presidente da nossa direção no primeiro mandato. Dizia que eu iria ser «o mais fascinante líder desportivo e presidente de um clube de futebol do século XXI». Palavras dele ao jornal Record. Depois foi-se afastando do restante elenco diretivo até que acabou por já não entrar nas listas para as eleições de 2017. Foi outro que, tal como Marta Soares, aproveitou o «caso Madrid» para dizer que eu era responsável «por uma crise muito séria» e que deveria sair. Pudera. Já estava alinhado com o seu amigo de longa data.

Não bastou a estes homens conseguirem destituir um presidente como ainda decidiram impedir-me de participar nas eleições com uma suspensão de sócio por um

ano. Alegavam que eu tinha sido responsável por violar os estatutos. O plano era muito fácil de entender: deixarem-me longe para que outros pudessem tomar o poder do Sporting. Pessoas que fossem mais maleáveis aos interesses que sempre quiseram mandar no clube. Tal como Frederico Varandas.

A VELHA TÉCNICA DO «VAI LÁ TU»

Na minha equipa para as eleições de 2018, estavam apenas dois elementos que trabalharam comigo no Sporting. Um deles era o Alexandre Godinho. O único que ficou ao meu lado do anterior Conselho Diretivo. Um grande amigo, muito leal e uma pessoa que foi fundamental na construção do Pavilhão João Rocha. Continuámos juntos e haveremos de continuar. Além dele, tinha também o Fernando Carvalho, único membro que não se tinha demitido do anterior Conselho Fiscal e Disciplinar por não se rever naquele golpe que estava a ser executado pelo presidente do seu órgão juntamente com Jaime Marta Soares.

Em relação aos outros, já sabiam que eu não iria continuar com eles e decidiram integrar outra candidatura. Ao todo, foram cinco. O Carlos Vieira apresentou-se como candidato e fez uma lista da qual faziam parte Rui Caeiro, Luís Gestas, Luís Roque e José Quintela. Tal como eu e como o Alexandre, também seriam suspensos, com as mesmas acusações de terem violado os estatutos quando estivemos todos na direção, e acabariam por retirar a candidatura.

Mas para estas eleições em que não nos deixaram concorrer, em vez deles eu tinha optado por um grupo composto por pessoas jovens, com muita ambição, que já tinham a sua vida estabilizada e não precisavam de tudo aquilo que envolve o futebol. Acreditavam no nosso projeto, amavam o Sporting, e não tinham problemas em tomar posições fortes na defesa do clube por receio de virem a ser prejudicados nas suas carreiras. Ao contrário dos anteriores. Esses estavam sempre a dizer-me que não podiam dizer certas coisas, porque depois, caso saíssem do Sporting, teriam todas as portas fechadas. Ou seja: jogavam sempre à defesa. Para não se «queimarem», como gostavam de dizer.

E a verdade é que, se formos a ver, os únicos que tiveram consequências graves, no que respeita à vida futura e até ao dia-a-dia, fui eu e foi o Alexandre. Os outros refizeram a sua vida e vão para todo o lado, sem qualquer problema. Eu, mesmo não sendo presidente, vivo numa situação de sequestro. Tenho de pensar muito bem antes de cada saída social. Para onde vou, como vou, se estarei em segurança, se me irão deixar em

paz. E isso acontece porque me expus muito durante a minha presidência. Não era eu que queria estar sempre nos holofotes. Tinha de fazê-lo porque os outros dirigentes regiam-se por aquela velha máxima do «vai lá tu». E, por isso, hoje podem ter uma vida tranquila. Porque não se queimaram. Porque deixaram as portas abertas. Porque não fizeram tudo pelo Sporting.

E alguns deles tinham pastas demasiado importantes tendo em conta tudo o que aconteceu. Vou dar um exemplo: o Carlos Vieira tinha o pelouro da segurança (tal como o jurídico e o financeiro). Depois dos ataques à Academia, fui ter com ele e quis saber tudo o que estava relacionado com as medidas de segurança. Não sabia responder-me. Fez a pergunta ao Vasco Santos, então responsável de segurança. Ou seja, o Carlos Vieira sabia tanto como eu sobre um dos seus pelouros. E não pode ser essa a forma de estar numa missão tão importante como é a de representar um clube centenário com a grandeza do Sporting. Temos de conhecer bem as nossas funções.

Mas este era um problema que se foi agravando no Sporting. Além de não contar com o apoio dos meus colegas durante o período mais difícil da minha vida, que se iniciou em dezembro de 2017, também comecei a perceber que, com o passar do tempo, alguns deles foram ficando acomodados e já nem sequer estavam a desempenhar as suas funções da melhor forma.

Entre esta inoperância no trabalho e os problemas em casa, senti-me a andar de bicicleta num fio de arame, sem ter uma rede de segurança por baixo. Costuma dizer-se que por trás de um grande homem está uma grande mulher, mas eu não tive essa força da parte da Joana.

E, ainda assim, no meio de tudo isto, consegui fazer o que era preciso pelo Sporting. Até mesmo depois dos ataques à Academia e de toda a violenta campanha para me afastarem.

A nova reestruturação financeira estava feita (e garantia que, em 2019, o Sporting passasse a ter a maioria das ações da SAD em definitivo), o empréstimo obrigacionista estava prestes a sair (com condições muito vantajosas). Também – e isto não é pouco – fomos campeões em todas as modalidades, à exceção do futebol sénior masculino. Depois da saída do Jorge Jesus, consegui contratar o treinador Sinisa Mihajlovic quando eram vários os agentes a ligarem aos treinadores e a dizerem-lhes para não assinarem pelo Sporting. O mesmo acontecia em relação aos jogadores. Mesmo assim, o plantel de sub-23 já estava fechado e a equipa principal para lá se encaminhava. Com vários nomes identificados, alguns dos quais estão lá agora.

O Rafinha tinha sido contratado ao Vitória de Guimarães ainda no mercado de inverno da época anterior. E o regresso do Nani foi um negócio começado por nós e que só

precisou de ser assinado por quem veio a seguir, a tal Comissão de Gestão liderada por Artur Torres Pereira e que teve Sousa Cintra na SAD e na parte do futebol.

Quiseram mostrar-se como heróis por terem contratado o Nani, mas mais não fizeram do que ficar com os créditos pelo trabalho de outros. E também andaram a contar histórias aos sportinguistas sobre os jogadores que tinham rescindido, após os ataques à Academia, e que regressaram.

OS «DLIM-DLIMS» DAS RESCISÕES

Os sportinguistas viveram um momento muito mau. O momento mais negro da vida do Sporting. E não falo dos ataques à Academia. Estou a referir-me à altura em que o clube esteve para fechar as portas antes da nossa chegada. Mas, depois, em pouco tempo, o Sporting voltou a ter resultados desportivos e financeiros. Conseguiu uma franca recuperação em todos os aspetos. Algo que chegou a parecer impossível para muitos durante o período de pesadelo da direção de Godinho Lopes e de outras que a antecederam.

E, anos mais tarde, com todo o sacrifício que foi feito para tirar o clube desse pesadelo, os sócios decidem pôr tudo em causa quando começam a ver um grupo de jogadores a apresentar rescisões de contrato porque viram nos ataques à Academia uma forma de poderem ganhar mais dinheiro.

Até a forma como essas rescisões foram divulgadas fez parte de uma estratégia para me desgastar e descredibilizar junto da massa adepta. Quase uma de cada vez, em dias diferentes, para ser sempre notícia. Para não sair da agenda mediática. Não tenho dúvidas de que isso foi propositado. Foram nove rescisões que saíram a conta-gotas: Rui Patrício, William Carvalho, Gelson Martins, Bruno Fernandes, Bas Dost, Podence, Rafael Leão, Ruben Ribeiro e Battaglia. Todas as cartas eram iguais à exceção da de Battaglia, que entrou no último dia.

E agora aqui fica uma história nunca antes contada. De forma a que os pedidos pudessem ser validados, os jogadores teriam de enviar a carta de rescisão, dentro do prazo legal, para o Sporting, a Liga de Clubes, a FPF e o Sindicato dos Jogadores. Todos estes fizeram isso. Mas houve um décimo atleta que entregou o documento ao Sporting já em cima do limite: Marcos Acuña. O problema do argentino foi ter-se esquecido de enviar para as outras entidades. Quando o quis fazer, já tinha passado o prazo.

O Acuña não ficou contente, claro. Perdeu ali a oportunidade de ganhar mais dinheiro. Fosse através de um novo contrato com o Sporting, recebendo um bom prémio de

assinatura (como aconteceu com Bas Dost, Bruno Fernandes e Battaglia, já depois de termos sido destituídos), fosse através de um novo clube onde poderia entrar como jogador livre.

Só que, por causa da sua distração, o internacional argentino foi para o Mundial sabendo que iria ficar com o mesmo contrato. Mais tarde, já na presidência de Frederico Varandas, começou a falar-se na sua eventual saída para clubes que poderiam estar interessados nele. A tradução é simples: Acuña quer mais dinheiro, a exemplo dos outros jogadores que rescindiram e regressaram, ou então quer ir-se embora.

Voltemos aos outros jogadores. As rescisões estavam todas alinhadas com o mesmo texto. Quem fez isto? Quem esteve por trás disto? Provavelmente, alguns daqueles que agora mandam no Sporting.

A intenção era criar a ideia, junto dos sócios, de que os jogadores só saíam porque eu estava no clube. Mas basta ver que alguns não regressaram e eu já não sou presidente. O problema não era o Bruno de Carvalho. O problema é que as rescisões foram vistas como uma oportunidade: para aqueles que não me queriam no Sporting, mas também para os agentes e familiares dos jogadores.

E aqui recordo uma entrevista de Nani ao jornal Record, em dezembro de 2018, sobre a situação de Bruno Fernandes, um dos que rescindiu e depois voltou.

«Não foi o Bruno que tomou esta decisão [de rescindir contrato]! Talvez um empresário, um familiar. Fizeram-lhe a cabeça e ouviram os “dlim-dlims”. Disseram-lhe logo que era uma oportunidade e uma hipótese de encaixar uns cinco milhões... É aquela ilusão! Por causa disto, muitos dão tiros nos pés, pois esquecem-se de que, para enriquecer no futebol, é preciso jogar à bola.»

O Nani resumiu a situação na perfeição. Aqueles que entraram depois de nós também diziam que não havia dinheiro e que tínhamos deixado as finanças do clube num estado miserável. Pois é. Não tinham dinheiro, mas pagaram prémios de assinatura, comissões a agentes e salários milionários para poderem voltar a ter Bruno Fernandes, Bas Dost e Battaglia, os três que regressaram ao clube depois de terem rescindido.

Mas o importante era inventar todos os motivos para que os sportinguistas nos afastassem. Para que os interesses voltassem a comandar o Sporting.

Veja-se o caso do Grupo Stomp. Uma organização de sportinguistas, informal e fechada, onde se entra apenas por convite e que foi fundada em 1940. Os Stomp, assim gostam de ser chamados, juntam-se todos os 15 dias para um jantar em que discutem assuntos relacionados com a vida do clube. E é impressionante a força que este grupo tem no Sporting. Basta olhar para as últimas eleições. Vamos à lista de Frederico Varandas e vemos Rogério Alves, um dos Stomp, claro. João Benedito, o candidato que

ficou em segundo lugar, também pertence ao grupo. Tal e qual como Dias Ferreira, outro dos que concorreu às últimas eleições.

Uma das empresas de advocacia que colabora com o Sporting, desde a presidência de Varandas, é a Uría Menéndez – Proença de Carvalho na qual trabalham Tito Arantes Fontes, presidente do Grupo Stromp, e Eduarda Proença de Carvalho, também ela um membro desta organização, que foi vice-presidente da Mesa da Assembleia Geral durante a minha presidência.

Mas há mais: Júlio Rendeiro, o mandatário da candidatura de Varandas, também é Stromp, tal como o médico Fernando Ferreira, que assumiu o departamento clínico durante o período da Comissão de Gestão.

Este grupo diz que não se intromete em nada da vida do clube. Ora essa. Só tinham elementos em quase todas as listas das últimas eleições. Mas o Sporting é assim. E é por isso que não evolui. Está manietado por estes grupos e grupinhos com enorme vontade de exercerem influência, algo que não se vê em nenhum outro clube português.

AS «FERIDAS ABERTAS» DE ROGÉRIO ALVES

Os interesses que voltaram a dominar o Sporting têm feito de tudo um pouco para que os sócios do clube não me vejam como uma espécie de D. Sebastião que um dia pode voltar. Mas nesse aspeto não foram brilhantes. Olhemos para o exemplo de Rogério Alves, presidente da Mesa da Assembleia Geral do Sporting, eleito pela lista de Frederico Varandas.

Na AG de 30 de novembro de 2018, o orçamento para a época foi aprovado à tangente. Apenas com 56 por cento dos votos. No final, Rogério Alves disse que ainda há «feridas abertas» no clube. Sim, tem razão. E a maior ferida por sarar foi não me terem levado a eleições. Se o tivessem feito, acontecesse o que acontecesse, era um assunto arrumado. Perdia, ia à minha vida. Ganhava, era o presidente e algumas pessoas lá teriam de viver na hipocrisia mais uns aninhos.

Chegaram ao ponto de se recusarem a ler a ata da última AG, que tinha levado à minha destituição. Isto, sim, é uma medida que viola os estatutos do Sporting.

E qual o argumento que apresentaram para tal decisão? Alegaram que a última AG tinha sido a do ato eleitoral de 8 de setembro, ganha por Varandas, e não a do afastamento da anterior direção. Porque, na verdade, a AG das eleições também tem esse nome: é Assembleia Geral Eleitoral. Mas isto mais não é do que uma brincadeira jurídica com a terminologia. Portanto, estamos a imaginar Jaime Marta Soares na fila

para votar, nas eleições de 8 de setembro, e a ler a ata da AG de destituição ao mesmo tempo?

Quando se chega a este ponto é porque estão a brincar com o Sporting. Nem querem ler a ata que destituiu um presidente que ainda é admirado por milhares de sportinguistas. Será que a ata foi assinada? Aliás, será que há alguma ata?

Mas, depois disto, já souberam fazer uma outra AG a 15 de dezembro do mesmo ano, na qual foi votada a manutenção da minha suspensão de sócio e ainda corre outro processo para me expulsarem, em definitivo, da família sportinguista. E enquanto uns fazem o que podem para me afastar da vida do clube, outros querem mesmo apagar-me do mapa.

BRUNO, O MOÇAMBICANO

Acho que muitas das pessoas que estão por trás de tudo aquilo que me aconteceu não vão descansar até ao dia em que me vejam preso (não é detido). Apesar de já haver um novo presidente, essas pessoas mantêm o foco em destruir a vida do cidadão Bruno de Carvalho. Estou a falar de homens que representam interesses graves e que não estavam habituados a lidar com alguém que não os colocasse acima do que era mais importante para o Sporting. Falo de Ricciardi, Álvaro Sobrinho, Jaime Marta Soares, Godinho Lopes, Artur Torres Pereira e tantos outros. É como se estivessem a falar comigo: «Só estiveste no Sporting porque nós quisemos. No dia em que deixámos de querer, tu saíste. E agora, como és um perigo para os nossos interesses, vais para a prisão para que não sejas o D. Sebastião do Sporting.»

Mas, para mim, não ter ficado em prisão preventiva, no caso dos ataques à Academia, foi daquelas vitórias com sabor a derrota. Porque a decisão, mesmo assim, continua a ser perfeitamente injusta. A única coisa boa foi poder voltar a casa e abraçar a minha filha depois de passar cinco dias detido sem ter feito nada. Rigorosamente nada. A minha esperança era que deixasse de ser arguido. Em vez disso, fiquei com uma medida de coação que me obriga a apresentações diárias às autoridades e tive de pagar uma caução de 70 mil euros.

Fui detido a 11 de novembro, um domingo ao final da tarde, na minha casa. A minha filha e a minha irmã tinham saído para comprar a árvore de Natal e eu tinha ficado sozinho. Estava de pijama, a ver televisão, quando me bateram à porta. Do outro lado, os agentes da GNR: «Boa tarde, temos um mandado de detenção.» Também me disseram que tinham um mandato de busca.

«Então, sendo assim, ainda tenho tempo de fumar um cigarro antes de me ir vestir?», perguntei.

«Com certeza, fume à vontade.»

Foi aí que começaram a fazer as buscas. Até tinham um cão para farejar à procura de estupefacientes (devido aos tais boatos que surgiram sobre eu consumir drogas), mas não deu em nada, naturalmente. Ficaram com o meu passaporte, telemóvel, dois computadores portáteis (o meu e o da minha irmã), um disco externo (sobretudo com filmes e músicas) e umas oito pendrives (nas quais devo ter muitas fotografias).

A minha irmã e a minha filha chegaram com a árvore de Natal e viram todo aquele aparato. Algum tempo antes, um dos agentes perguntou-me se não queria ligar-lhes para não irem para casa de forma a não traumatizar a minha filha com aquela situação. Teve essa simpatia. Mas depois disse-lhe: «Ligo como? Vocês é que têm os meus telemóveis. Para entrar em contacto com elas, só se for por sinais de fumo.»

Elas entraram e tiveram de ver aquilo tudo. Foi muito duro olhar para a minha filha e ver a aflição dela enquanto a nossa casa era revistada de uma ponta à outra.

Apesar de ter sido um choque, inclusivamente para mim, não posso dizer que tenha sido maltratado pelos agentes, tanto em casa como no posto da GNR de Alcochete para onde me levaram a seguir. Mas foram dias muito complicados. Estava numa cela em que dormia ao lado de uma latrina e de um lavatório com um buraco de onde saía água em tons de azul. Até perguntei a um agente, na brincadeira, se a água já saía logo com sabonete azul e branco.

Também sofro de claustrofobia e tive de lutar bastante para não ter ataques de pânico. Consigo estar fechado num sítio se tiver a chave. Felizmente, nunca tive uma crise dessas num avião, embora conheça algumas pessoas, com o mesmo problema, que nem podem apanhar um voo.

Se, por um lado, não posso dizer que a minha detenção me tenha apanhado de surpresa, porque já se falava nisso há muito tempo, a verdade é que entre o esperado e a realidade, numa situação como esta, vai uma grande distância. Pior ainda quando temos a total noção de que não fizemos nada para passar por semelhante pesadelo. Mais: em Portugal, muitas pessoas não conseguem fazer a distinção entre detido e preso, entre arguido e condenado. Para um grande setor da opinião pública, sei que terei de lutar contra aquela imagem da pessoa que foi presa porque dizem que é ele o mandante dos ataques à Academia. É difícil ter de viver com essa mancha.

Aqueles cinco dias deram para pensar bastante na minha vida, no Sporting e na minha família. A minha filha mais velha nem sequer conseguia dormir durante aquele período. Pelo medo de pensar que o pai poderia ficar em prisão preventiva.

Fui detido a um domingo, presente ao juiz a uma terça, interrogado na quarta e na quinta leram-me a acusação, fiquei a conhecer as minhas medidas de coação e fui posto em liberdade (mas sendo arguido num processo bastante grave).

Estava em casa há um dia e meio quando me voltaram a bater à porta. Novamente a GNR. «Trago aqui um documento...», começou por dizer o agente. «Não pode ser. Outra vez», pensei eu. «Com a acusação», concluiu ele. Ou seja: fiquei com esse trauma. De cada vez que me batem à porta já penso que é a polícia para me ir deter. Porque se o fizeram uma vez, sem provas, a pessoa fica sempre com medo que o mesmo possa voltar a acontecer. Enquanto cidadão, fico muito apreensivo com a facilidade com que se prendem pessoas neste país. Nem é preciso provas, como mostra o meu caso.

Um dos argumentos para o Ministério Público (MP) pedir a minha prisão preventiva, que foi negada pelo juiz, e para me terem detido durante cinco dias, era o de que haveria perigo de fuga. Entre os ataques à Academia e o momento em que me tornei arguido, passaram seis meses. Estamos a falar de meio ano. Se tivesse feito alguma coisa de mal, e quisesse fugir, tinha tido tempo mais do que suficiente. E, depois, fugir para onde? Aqui entra outro dos argumentos do Ministério Público.

As autoridades portuguesas insistiram muito, durante o processo da Academia, que eu tinha dupla nacionalidade (portuguesa e moçambicana) e que por isso havia perigo de fuga, uma vez que Moçambique não tem acordo de extradição com Portugal. É verdade que nasci em Moçambique, mas totalmente falso que também tenha nacionalidade desse país africano, uma ex-colónia portuguesa. Só que até a Wikipédia chegou a ter essa informação durante vários meses e apenas a retiraram depois de eu ter comunicado que estava errado.

Através da minha advogada, também solicitei uma declaração à embaixada de Moçambique para provar que não tenho nacionalidade daquele país. Mas o documento não aparece. Agora pergunto: o que está a retardar a reposição da verdade? Qualquer cidadão que requer uma declaração destas, recebe-a com brevidade. Parece que ainda há muitos mistérios por desvendar em todo este processo de destruição do qual estou a ser alvo.

AINDA NÃO ACABOU

A pergunta que faço a mim próprio, neste momento, é se valeu a pena ter de passar por tudo isto devido ao meu amor pelo Sporting.

Posso dizer que cumpri o sonho de criança para o qual me preparei ao longo de toda a

vida. Cada etapa do meu percurso foi sempre com o intuito de me preparar para a presidência do Sporting.

Fui vice-presidente da secção de hóquei em patins e da Associação de Patinagem do clube. Fundei e presidi à Fundação de Solidariedade Social Aragão Pinto, tirei um curso de treinador e um mestrado em gestão desportiva. Também fui um membro ativo dos Leões de Portugal, associação ligada ao Sporting, participei em vários jantares e eventos de outros grupos do clube e fiz parte da claque Torcida Verde. Quis conhecer os sportinguistas de vários estratos e lidar com todos eles. Da tribuna até à superior sul. Do caviar à bifana.

E trilhei este caminho para entender o clube em toda a sua dimensão e estar pronto para ser um bom presidente no dia em que chegasse à minha cadeira de sonho. Aconteceu. Consegui. Alcancei o meu maior objetivo.

Posso dizer, com muito orgulho, que fui presidente do Sporting Clube de Portugal durante cinco anos e meio. A criança que ainda vive dentro de mim está feliz. Sinto-me realizado por tudo o que fiz. Sinto que a obra que deixei, por mais que alguns queiram, jamais será apagada da história do Sporting. Também sei que, apesar da destituição e da suspensão de sócio, ainda existem muitos sportinguistas que gostariam que eu tivesse continuado como presidente.

Mas depois há o outro lado. O lado do homem. Fiquei com um casamento destruído, sou arguido num processo que pode demorar anos, vi a GNR entrar-me pela casa e levar-me para um posto onde fiquei privado da minha liberdade. E tudo isto depois de ter dado 24 horas por dia ao Sporting durante todo o tempo em que presidi aquele clube. Valeu a pena?

Vou utilizar uma linguagem futebolística. Se isto fosse um jogo, eu estaria a ser goleado por 5-0. Mais que não seja pelos cinco dias que passei detido.

Mas ainda só estamos no intervalo. Vem aí a segunda parte.

AGRADECIMENTOS

Aos meus avós Eduardo e Miguel e ao meu tio-avô Pinheiro de Azevedo por ser da sua descendência.

À minha mãe Ana e ao meu pai Rui por serem a razão da minha essência.

Às minhas filhas Catarina, Diana e Leonor por serem a razão da minha existência.

À minha irmã Alexandra e à minha sobrinha Sofia por serem a razão da minha persistência.

Aos meus verdadeiros e leais amigos por serem a razão da minha resistência.

Ao João Francisco Fonseca pelo desafio e esforço.

Ao Luís Aguilar pelo talento e capacidade de trabalho.

Ao Rui Couceiro pela aposta e confiança.

Ao Alexandre Godinho pela disponibilidade e profissionalismo.

À Manuela Marques pela dedicação e empenho.